

Em logar de caminharem da observação para a theoria, procuravam, por assim me explicar, tyrannisar a natureza sub-mettendo a observação a idéas theoreticas, parto de uma imaginação abstracta, mais poetica do que philosophica, quando aliás os meios a seguir em similhantes trabalhos consistiam em dar aos phenomenos toda a evidencia e clareza que elles comportassem, eliminando todas as causas do erro ou inexactidão que podessem affectar a observação, patenteando tudo quanto elles podessem ter de commum, bem como as leis a que estivessem sujeitos.

Seguindo invariavelmente esta theoria ter-lhes-ia sido possível e mesmo facil o converter a lei empyrica em uma verdadeira formula mathematica que contivesse a fiel narração de uma serie de phenomenos relativos uns aos outros, fornecidos pela experiencia e observação, sempre deduzidos pelo calculo mais rigoroso.

Uma theoria tal, poderia por causa de novas descobertas ser achada insufficiente, ser forçoso desenvolve-la ou amplia-la para dar a rasão de novas causas, mas nunca taxada de falsa dentro dos limites a que se estendesse.

Assim, por exemplo, quando o immortal Newton dotou os corpos celestes de uma atracção proporcional ás massas e reciproca aos quadrados das distancias, quando animou os planetas de uma força de projecção dirigida por fóra dos seus centros de gravidade, nada inventou, interpretou e traduziu a natureza reunindo em uma theoria nova tão simples quanto fecunda um sem numero de consequencias que o mathematico todos os dias deduz com auxilio da analyse, achando-as invariavelmente confirmadas pela experiencia e observação, á qual e ás muitas necessidades physicas do homem se deve a maior parte dos descobrimentos scientificos. Examinemos:

Sujeito a um sem numero de necessidades por uma parte, e convidado por outra a uma infinidade de divertimentos e de gosos variados, ou fosse para gosar ou para occórrer ás primeiras necessidades physicas, o homem teve que recorrer

a cada passo aos entes que o rodeavam, entes cuja somma constitue o que chamámos natureza.

E com effeito, senhores, que estudos poderiam offerecer-lhe maiores vantagens do que o estudo dos entes naturaes?

Á medida que os prestigios das primeiras apparencias se desvaneciam perante a sua meditação, as causas e os phenomenos se lhes patenteavam, e a natureza cada vez lhe parecia mais revestida de uma sabedoria inconcebivel muito alem de quanto poderia conceber a humana comprehensão.

Foram pois estas as principaes causas que deram origem á descoberta das sciencias naturaes, com especialidade ás sciencias medicas, entre estas a pharmacia, cuja prioridade ninguem pôde disputar-lhe, a qual pelo maravilhoso dos seus resultados teria sido a primeira a elevar-se entre todas, se, como sabeis, logo na sua infancia não tivesse sido avassallada pelas castas privilegiadas que por muito tempo a monopolisaram a seu belprazer, de maneira que só pôde tomar o logar que lhe competia no catalogo das sciencias naturaes quando a civilisação conseguiu desthronar a idolatria scientifica.

Os livros da polypharmacia assim o indicam, e n'elles lemos tambem que a pharmacia e a medicina na sua primitiva eram exercidas simultaneamente pelo mesmo individuo, e que mais tarde e para mais commodidade fôra dividida em dois ramos especiaes, um de medicos volantes e outro de sedentarios, mas antes d'isto quem applicava manipulava.

Felizmente entre os povos mais civilizados a pharmacia em nossos dias tem chegado ao maior apuro, e se entre nós não tem acontecido exactamente o mesmo, a culpa não é vossa, senhores, provem ella sem duvida da differença de ensino, e assim mesmo muito tendes feito sem protecção nem adjutorio de alguem, muito tem a sciencia avançado já debaixo da protecção d'esta sociedade, cuja festa anniversaria hoje celebrámos!

Salve, oh dia vinte e quatro de julho! Que a providencia deparou á patria para liberta-la dos seus oppressores!

Ha vinte e oito annos, senhores, que commemorámos este

grande dia e com elle contemplámos os estrondosos acontecimentos que o acompanharam e se lhe seguiram, a quêda de um colosso monstro e o restabelecimento da liberdade n'esta capital, o triumpho das sciencias, especialmente da pharmacia, que, na maior orphandade, jazia no mais vergonhoso desprezo, completamente despojada dos seus mais importantes titulos de sciencia!

Mas o arbitro supremo do destino dos imperios, a quem aprouve destruir o sceptro tyrannico e abater o monstro que opprimia esta generosa nação, em vós, senhores, imprimiu tambem o saudavel espirito da associação para pôr em obra o gigantesco projecto da emancipação da sciencia que professaes!

A posteridade quando examinar a vossa historia ha de fazer-vos a devida justiça, quando pelos factos conhecer a coragem com que superastes tantas e tamanhas difficuldades. Por elles sim, conhecerá que não passastes uma vida egoista e ingloria, admirará sobretudo a abnegação com que votastes ao mais completo desprezo a indolencia herdada, praticando a acção mais sublime que o tempo jamais apagará!

A organização d'esta sociedade, senhores, foi o ponto de partida para confraternisar a corporação, mas a missão dos seus auctores não se limitava só a isto, não estava ainda preenchida.

O velho regimen ainda vigorava, e uma tal regeneração com elle seria ephemera! Anachronica instituição da physicultura mór do reino, por absurda era incompativel com o progresso da sciencia. Por antiga tinha creado profundas raizes e altas protecções. Travar luta com ella pareceu aos tímidos demasiado arrojo, mas a coragem de outros tudo venceu!

Encetou-se a luta, e nós, os que tomámos activa parte n'ella, podêmos avalia-la devidamente. Vimos o gigante esforcejar, desanimar, esmorecer e cair na presença da corporação organizada e forte da sua justiça, decidida a arrostar com todas as difficuldades, porque todos tinhamos experi-

mentado as mais duras provações da parte d'essa ferrenha instituição.

Posso tambem asseverar-vos, senhores, que durante a luta nunca esquecemos que pertenciamos á grande familia medica, em beneficio da qual e sem distincção de classe trabalhámos sempre a sós.

Finda a peleja continuámos a procurar viver sempre na melhor harmonia com os outros ramos medicos, embora sem reciproca retribuição.

No mesmo honroso e louvavel empenho continua a sociedade a velar pelos interesses da sciencia em geral, e eu, senhores, ainda nutro algumas esperanças de conseguirmos um dia cimentar uma confraternidade, formando uma trindade medica que para sempre nos una e ligue debaixo do nobre interesse que todos tomámos no allivio dos humanos padecimentos.

Com uma liga d'esta ordem, trabalhando de commum accordo, todos em beneficio da sciencia e da humanidade enferma, é possivel, senhores, livrar o paiz d'essa praga leprosa do charlatanismo, que por toda a parte o inficiona.

Homens e mulheres impudentes mercadejam impunemente com a vida dos infelizes que por menos acautelados acreditam n'elles e nas suas embustices.

O bufarinheiro e o charlatão substituem o pharmaceutico e o medico. Individuos inteiramente estranhos á sciencia como a ascarosa bruxa que deita cartas e se intitula mulher de virtude, o droguista, o barbeiro, o alveitar e o algebista applicando e vendendo medicamentos? Não, senhores! Applicando e vendendo venenos a rodo, exercendo impunemente a difficillima sciencia de curar!

Só a união completa dos tres professorados póde e deve prestar este grande serviço á humanidade, contribuindo todos para extirpar o cancro que roe as entranhas da patria que o alimenta, tendo aliás meios de o destruir.

Não seja só a laboriosa sociedade pharmaceutica lusitana que se ocupe n'este importantissimo serviço, como sempre

tem acontecido, seja ella tambem coadjuvada pelos outros ramos medicos, cujos fóros são igualmente invadidos, se não mais, e tudo será possível conseguir-se.

Senhores! Ainda continuámos a lutar com as grandes difficuldades que se têm opposto, como sabeis, á realisação do pensamento da sociedade, ao cumprimento dos seus maiores desejos, o nivelamento dos ramos medicos e a reforma indispensavel no methodo de ensino, a exemplo do que acontece em todos os paizes cultos.

Ainda os inimigos da vossa classe continuam a empregar as costumadas arteirices, com o fim de fazer-vos passar por menos instruidos, paralyndo-vos toda a acção progressiva.

Atroz maldade! Fatal cegueira!

Nem ao menos se lembram que se atraçoam a si mesmo, esquecendo-se de que as contingencias de uma saude sempre precaria os colloca n'uma posição identica á de todos os outros, quando enfermos?

Tanto pôde o egoismo!

Frustrados porém serão seus obnoxios intentos, porque a vossa pretensão é justa, é justissima, e eu tenho as mais bem fundadas esperanças de que o vosso clamor cedo ha de ser ouvido; haveis de ser attendidos, não desanimeis! A mesa tem empregado e ainda continua a empregar todos os meios ao seu alcance, e têm a maior confiança na probidade e honradez das altas capacidades a quem está confiado o desenvolvimento da instrucção superior, e é por isso que julgo poder-mos afiançar, que cedo haveis de conseguir elevar a sciencia que professaes á altura que lhe compete; haveis de conseguir faze-la considerar, com relação á propagação e progresso das sciencias de observação, a exemplo do que acontece em todos os paizes civilisados.

Mas notae, senhores, que apesar de todos esses traiçoeiros manejos, muito tendes feito. Já de entre vós têm apparecido respeitaveis talentos que vós mesmo não conheceis. Os vossos escriptos o justificam, o vosso jornal mensal o attesta, o mundo scientifico o confessa.

Eu, senhores, considero esta sociedade como foco da mais nobre emulação, como patrimonio do genio, como centro commum das mais bem fundadas esperanças dos pharmaceuticos litteratos, finalmente como protector nato dos jovens estudiosos, que um dia devem professar a sciencia e bendizer os nossos trabalhos e fadigas que lhes preparam um melhor provir.

Infelizmente, senhores, ainda continua entre nós o errado methodo de ensino que admite duas classes de pharmaceuticos com iguaes direitos e regalias, para vergonha do seculo em que vivemos!

Eu entendo que a segunda classe é necessaria, e que é indispensavel a sua conservação, mas só com o fim de crear ajudantes praticos para o serviço das officinas; nunca porém para, como até aqui, continuarem a encarregar-se da responsabilidade que a actualidade da sciencia impõe ao pharmaceutico legal, porque este na epocha em que vivemos, de uma civilização avançada, deve ter longos e aturados estudos.

A sociedade geral tem direito a exigir-lhe uma educação superior completa, porque elle tem, alem das obrigações e da responsabilidade que lhe impõe a sua melindrosa profissão, muitas outras a preencher, e, como sabeis, todas scientificas.

Mas infelizmente, senhores, n'este paiz nunca se prestou a esta faculdade a importante attenção que em todos os outros tem merecido n'estes ultimos tempos aos seus respectivos governos.

Desculpae, senhores, se eu levanto um pouco mais a voz do que me é promettido para perguntar a quem me deva responder, se não deveremos qualificar de absurdo o exigir-se-vos tanta responsabilidade e tão avultada somma de conhecimentos, sem que para os adquirir se vos prestem os indispensaveis meios?

É o governo, senhores, a quem incumbe a obrigação de prestar-vos todos esses meios e a pertinacia (que não esperamos) em não deferir favoravelmente ás vossas justissimas

pretensões ha de ser tida no futuro como imperdoavel maldade, por contraria á saude dos povos!

Quem ha ahi que ignore que n'um local menos abastado de recursos do que as grandes povoações, n'uma aldeia, por exemplo, onde o pharmaceutico é o representante da sciencia, este não pôde, sem os necessarios conhecimentos, decidir das qualidades de uma agua mineral, da insalubridade de um estabelecimento publico, e de uma intoxicação? Etc., etc.

Quem se atreverá a negar que em toda a parte se recorre ao pharmaceutico chimico de preferencia para acudir a um envenenamento, para conhecer da pureza dos productos das artes, para as mais minuciosas e delicadas investigações das substancias venenosas e para as analyses chimico-legaes em que o magistrado tem que ser por elle esclarecido nas mais difficeis questões do fóro?

O vosso jornal, senhores, prova exuberantemente as minhas asserções. Consultem-se as suas paginas e ver-se-ha que a sociedade está constantemente a ser convidada pela procuradoria regia e outras auctoridades locaes, por intervenção d'esta, a proceder a trabalhos scientificos da maior transcendencia e publica utilidade, cujo relatorio acaba de apresentar-vos, elaborado com a habilidade que caracteriza o seu illustre auctor, o dignissimo segundo secretario d'esta sociedade.

Ainda estareis lembrados, senhores, que já o anno passado, em dia igual ao de hoje, me dirigi aos collegas que ainda não tinham querido fazer parte d'esta associação, convidando-os a virem incorporar-se-lhe e coadjuva-la com suas luzes, tomando parte nas suas lides; mas infelizmente sem resultado apreciavel.

Hoje porém, sem de fôrma alguma censurar tão estranhavel indifferença, porque a sua vontade é livre, só acrescentarei que me é sobremaneira penoso ter que lamentar tão reprehensivel indifferentismo, que eu cordealmente desejava se não desse, porque elle insulta a rasão e o raciocinio do homem que não presta á sciencia que professa um tão justo tributo.

Falta notavel que a posteridade ha de ter como deficiencia consummada da parte de quem a praticou, porque, senhores, faltas d'esta ordem em tempo algum encontram desculpa plausivel, e com grande pezar meu, tenho a lamentar tambem que este mesmo indifferentismo, este incuravel mal se tenha tornado extensivo a um crescido numero de socios effectivos, que, como sabeis, deixam de comparecer não só ás sessões ordinarias da sociedade, como tambem, o que é mais notavel ainda, ás suas maiores solemnidades, dando assim o mais publico testemunho da nenhuma importancia e consideração que ligam á sciencia que professam! Custará talvez a acreditar, mas é verdade, vós o sabeis.

Eu, senhores, por muito tempo acreditei que não poderia haver homem da sciencia que se negasse ao cumprimento dos deveres a que esta o chamasse, *maximè*, quando no desempenho de taes deveres tanto podia elle tambem contribuir para o seu aperfeiçoamento, para honrar a sua classe e para engrandecer a sua alma, cultivando o seu espirito!

Ainda não bem desenganado d'esta illusão, eu continuo a acreditar que ninguem commette faltas d'esta ordem sem justificados motivos que a tanto o obriguem, porque o que voluntariamente e sem motivos attendiveis o praticasse, corria o risco de ter que baixar na escala á classe dos irracionaes.

Mas eu, senhores, quero antes attribuir esta indolencia, este reprehensivel desprezo pela sciencia aos passados habitos da corporação, e vós, senhores, não ignoreis que a escravidão demasiadamente prolongada torna enferma a intelligencia do homem, marasma-lhe as idéas, fa-lo indolente e torna-o incapaz de prestar-se a sacrificio algum que d'elle se exija, e é d'aqui que provém todos os males de que a corporação tanto se resente ainda hoje.

Não vos é estranho, senhores, que os nossos illustrados collegas de Hespanha e de França lutaram por muitos annos com difficuldades iguaes ás nossas, mas a sua provada constancia, a maior união e fraternico amor de classe, um trabalho combinado e nunca interrompido, tudo a final venceu, e

uns e outros obtiveram a precisa reforma nos estudos, e os segundos d'estes obtiveram mais ainda, a creação de uma pharmacia central d'onde todos se fornecem sem receio algum da fraude commercial.

E sereis vós, pharmaceuticos portuguezes, menos dignos do que aquelles de uma educação apurada? Não, de certo.

A falta não provém de vós, senhores; é toda da auctoridade, que menos preza a sciencia, não attendendo ás suas necessidades, ainda as mais urgentes!

Por taes motivos pois permitti, senhores, que em vosso nome eu torne ainda hoje, e pela ultima vez, a chamar a attenção da corporação em geral sobre a necessidade de uma completa reforma pharmaceutica.

Collegas e senhores, presentes e ausentes! A reforma pharmaceutica, cujos principios e fim todos conheceis, e muitos de entre vos já têm maduramente estudado, não é um facto isolado em beneficio de um só individuo. É obra para todos e em beneficio de todos.

Complexa, é verdade, na sua applicação, mas tendo o caracter de perfeita união no seu ponto de partida.

A iniciativa d'este acto animador, supponho eu, e não me engano, está hoje na mente de todos, e creio tambem que nenhum deixa de reconhecer a sua absoluta necessidade, porque todos igualmente reconhecem o estado desanimador da sua profissão.

Esta reforma, senhores, é imperiosamente reclamada pela sciencia e pelo mesmo publico, e nós não devemos esquecer que estamos ao seu serviço e que d'elles nos vem a nossa animação.

Procuraremos imitar os collegas de França e de Hespanha, e como elles obteremos tambem os indispensaveis melhoramentos no methodo de estudos e porventura, a exemplo dos primeiros, a creação de uma pharmacia central, meio unico, proficuo e capaz de livrar-nos do terrivel flagello das falsificações do commercio que alimenta a pharmacia.

Despertemos, senhores, do nosso habitual lethargo! Seja uma só a vontade de todos.

Empreguemos todos os meios, a maior actividade e energia, a fim de conseguirmos sair de uma vez para sempre do estado desanimador em que há tanto nos achámos.

Troquemos a decrepita rotina pela seiva de uma activa e nova vida.

Tratemos de possuir para tambem garantir ao publico a boa e pura qualidade dos preparados que, quanto possivel, devem ser elaborados no paiz, e reduzir por este meio tambem as enormes despezas que sobrecarregam os infelizes doentes, por causa do demasiado emprego que hoje tem na therapeutica essa immensa alluvião de bijouterias vindas do estrangeiro, das quaes só conheceis o espesso involucro com que a sagaz impostura procura oculta-las á vossa vista indagadora, e todas ellas, com desprezivel excepção, auctorisadas só e unicamente por pomposos titulos e apparatusos addresses, que nada absolutamente significam, mas ao uso das quaes o estulto capricho da moda entendeu que podia sujeitar a natureza humana sem possuir o mais insignificante conhecimento da composição d'esses objectos de mera especulação, acobertados com o titulo de especificos, e tudo isto, como sabeis, em contraposição ás nossas respectivas leis, que taes abusos não permittem, antes fulminam!

Procuremos, senhores, elevar a pharmacia portugueza á altura que lhe compete na ordem das sciencias, e ao estado de aperfeiçoamento que a civilisação reclama e a que desejam vê-la elevada muitos e respeitaveis pharmaceuticos.

Combatamos á força de vida e de actividade todos os obstaculos onde quer que estes se levantarem com o fim de empecer-lhe a marcha progressiva que lhe imprimirmos, venham elles d'onde vierem.

Procuremos collocar o pharmaceutico portuguez n'uma posição completamente independente dos estranhos no exercicio da sua honrosa profissão, para que do humilde laboratorio onde consome uma importancia solitaria se levante um dia com dignidade ante o futuro como um membro activo da sua profissão regenerada!

Collegas de toda a parte do reino! Vinde partilhar estas idéas, concorrei todos para o seu complemento, e encontrareis o verdadeiro progresso debaixo de novas fórmãs. O bem estar da corporação virá unir-se á satisfação moral de todos, se todos quizerdes prestar-vos a um valioso esforço, contribuindo com quanto de cada um dependa, material ou intellectual, imaginando o melhor meio de levar a effeito a criação de uma pharmacia central, dirigida por pharmaceuticos da vossa escolha, d'onde toda a corporação se forneça com economia e segurança dos necessarios productos, cuja preparação exige, alem da intelligencia, força material.

Não julgueis que com isto pretendo aconselhar o monopolio, não, ao contrario, eu lembro tão sómente o que é util para a sciencia e proveitoso para a humanidade enferma.

Não esqueçaes, senhores, o sagrado dever que a consciencia e a lei vos impõem de não despachar preparados que não sejam de reconhecida composição e, quanto possivel, de vossa propria lavra, porque os de manipulação atheia muito bem podem ser originarios de errados ou grosseiros methodos, saídos porventura de maus laboratorios, e tudo isto tão pouco compativel com a decencia e bom gosto que geralmente se nota nas vossas officinas.

Com a criação de uma pharmacia central no reino a corporação deixaria de ser a primeira victima da detestavel fraude do commercio, porque a responsabilidade seria toda do estabelecimento, por isso que ali deveriam ser analysados e verificada a pureza de quantos preparados pharmaceuticos e productos chimicos viessem a este paiz com destino a serem n'elle consumidos.

As exigencias do seculo e as da sciencia impõem ao corpo pharmaceutico a obrigação de um melhoramento de profissão.

Desprezae tudo quanto possa tender a dissuadir-vos d'esta nobre pretensão, e marchae unidos para esta nova terra da verdadeira promissão.

As vossas pretensões são bem fundadas, são de eterna justiça. Não temaes a luta, nem vos esmoreçam os revezes, companhei-

ros inseparaveis das empresas d'esta ordem. Um revez é muitas vezes o melhor meio da verdade apparecer desafrontada e com maior esplendor, rasgando o véu que antes a encobria.

Esquecei mesquinhas rivalidades e insignificantes prejuizos; marchae unidos todos debaixo da melhor boa fé por este novo caminho, que é todo para bem da humanidade, melhorando a vossa profissão, com que tambem aplanareis os recursos da medicina, tornando-os mais seguros e efficazes, e finalmente para progredir no caminho da perfectibilidade e da criação, cujo instincto Deus gravou em nossos corações.

Ligar-vos a este principio de verdadeira convicção é elevar-vos á altura de um novo apostolado, porque onde se faz o bem e se pratica a virtude, cumpre-se uma missão sagrada!

Conseguida a pedida reforma e a criação de uma pharmacia central principiaria para a pharmacia portugueza uma nova era, inaugurada debaixo de um grande principio em beneficio da sciencia e da humanidade enferma, e note-se que a idéa e a acção do progresso estão sempre entre o arrependimento do passado e a esperanza no futuro, mas esta é tambem sempre mais forte do que o arrependimento, porque o progresso é irresistivel, senhores, e, como sabeis, elle é o annel da criação!

Sabeis igualmente a differença que faz a nossa epocha da dos nossos antepassados, e que o publico de hoje tem muito maior desenvolvimento, que sabe contar as pulsações das vossas tendencias, bem como sabe apreciar devidamente os esforços de um corpo que acaba, assim como as lutas que tem a sustentar o que lhe succede e principia a viver.

A vista pois do expendido e da justiça da vossa causa não deveis duvidar do bom resultado; continuae na vossa carreira, formae, se tanto for necessario, uma perfeita cruzada, e não ensarilheis as armas senão depois de obterdes o que de direito se vos deve; e notae, senhores, que as cruzadas scientificas que, como esta, só têm por fim o aperfeiçoamento da sciencia e com elle o bem estar da humanidade, em parte alguma do mundo civilisado são tidas por criminosas, bem pelo contrario, ellas são sempre louvaveis por todos os povos e go-

vernos que sabem apreciar devidamente a liberdade e o progresso das sciencias.

Eu vou terminar, senhores, mas antes d'isso permitti que vos diga que o velho corpo pharmaceutico já deu o que podia dar, e só novas fórmas o podem remoçar e dar-lhe uma mocidade perpetua; mas para isso é mister que todos assistaes a esse novo nascimento e vivaes da vida do recém-nascido.

É finalmente da altura d'este pensamento que deve partir toda a iniciativa.

Conclui.

AVISOS

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA

José Lourenço da Luz, do conselho de Sua Magestade, par do reino, lente jubilado e director da escola medico-cirurgica de Lisboa, etc., etc.

Faço saber que no dia 5 de outubro tem logar a abertura das aulas, e que as matriculas para os cursos medico-cirurgico, pharmaceutico e de parteiras começarão a 15 do corrente, na secretaria da escola, das nove ás onze horas da manhã, e findarão a 30 do dito mez.

Este praso é prorogado até 15 de outubro para os alumnos que legalmente provarem motivo attendivel que os impediu de se matricular em no tempo marcado, sendo-lhes contadas as faltas que tiverem dado antes da matricula.

Os individuos que pretenderem matricular-se no primeiro anno, n'algum dos cursos escolares, deverão dirigir-nos o seu requerimento instruido com os documentos seguintes:

Curso medico-cirurgico — Certidões de maioridade de quatorze annos, de exames de inglez, francez, introducção á historia natural, 1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a e 6.^a cadeiras nos lyceus; physica, chimica inorganica e organica na escola polytechnica, academia polytechnica ou faculdade de philosophia.

Curso pharmaceutico — Certidões de exames de inglez ou francez, introducção á historia natural, 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a cadeiras nos lyceus; chimica e botanica na escola polytechnica, academia polytechnica ou faculdade de philosophia.

Curso de parteiras — Certidões de maioridade de vinte annos, vida e costumes, e de exame de ler e escrever, feito perante qualquer professor publico.

Escola medico-cirurgica de Lisboa, 1 de setembro de 1863.
= O director, *José Lourenço da Luz*.

Está conforme. = O lente secretario, *Dr. Abel Jordão*.

**ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA, TRAVESSA DA PORTA DO CARRO
A S. LAZARO, ANNO ESCOLAR DE 1863-1864**

SEMESTRE DE INVERNO, ABERTURA NO DIA 5 DE OUTUBRO

CADEIRAS	PROFESSORES	DIAS	HORAS	AULAS
Anatomia	Dr. Thomás de Carvalho	Terças, quintas e sabbados	Nove e meia ás onze	N.º 1.
Physiologia	Dr. Rodrigues de Oliveira	Segundas, quartas e sextas	Oito ás nove e meia	N.º 1.
Materia medica	Dr. Beirão	Segundas, quartas e sextas	Nove e meia ás onze	N.º 1.
Operações	RibeiroVianna	Terças, quintas e sabbados	Nove e meia ás onze	N.º 2.
Pathologia cirurgica	Arantes Pedroso	Terças, quintas e sabbados	Nove e meia ás onze	N.º 3.
Pathologia medica	Dr. C. Vianna	Segundas, quartas e sextas	Nove e meia ás onze	N.º 2.
Partos	MagalhãesContinho	Segundas, quartas e sextas	Oito ás nove e meia	Enf.ª de S.ª Barbara, no hospital de S. José.
Anatomia pathologica	Antonio Maria Barbosa	Terças, quintas e sabbados	Oito ás nove e meia	N.º 1.
Medicina legal e hygiene	Dr. Bittencourt Pitta	Terças, quintas e sabbados	Doze e meia ás duas	N.º 2.
Clinica medica	Dr. May Figueira	Todos os dias	Nove e meia ás onze	Enf.ª de S. Miguel, no hospital de S. José.
Clinica cirurgica	Mendes Arnaut	Todos os dias	Onze ás doze e meia	Enf.ª de S. Carlos, no hospital de S. José.
Curso de parteiras	MagalhãesContinho	Terças, quintas e sabbados	Oito ás nove e meia	Enf.ª de S.ª Barbara, no hospital de S. José.
Pharmacia	José Tedeschi	Quartas e sabbados	Doze e meia ás duas	N.º 4.

Substitutos na secção de medicina, *dr. Abel Jordão* e *dr. Alvarenga*; na secção de cirurgia, *Joaquim Theotonio da Silva* e *José Gregorio Teixeira Marques*.

Escola medico-cirurgica, 1 de outubro de 1863. = O lente secretario, *Dr. Abel Jordão*.

PHARMACIA

SYNOPSIS EXPLICATIVA DAS AMOSTRAS DE MADEIRAS E DROGAS MEDICINAES
E DE OUTROS OBJECTOS, MORMENTE ETHNOGRAPHICOS,
COLHIDOS NA PROVINCIA DE ANGOLA, ETC.

PELO DR. FREDERICO WELWSTSCH
SOCIO HONORARIO DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

(Continuado de pag. 432)

70-53 *Solanum tinctorium*, Welw. mss. — As bagas apresentadas debaixo d'este numero são os fructos de uma especie annual de *Solanum*, chamada *Disue* pelos indigenás do districto de Golungo Alto, aonde estes se servem de sumo das mesmas, quando frescas e bem maduras, em lugar de tinta de escrever. Ha alguns documentos na secretaria do chefado de Golungo Alto, escriptos com esta tinta roxa, os quaes, não obstante já terem mais de quarenta annos, ainda conservam a côr primitiva.

71-54 *Dongos de Congo*. — Fructo de uma especie de *Amomum* (familia das *Zingiberaceas*) muito estimado pelos indigenas de todo o sertão de Angola, por causa das sementes mui aromaticas e picantes que contêem, e que fazem parte de varios remedios estomacaeas, que são de uso geral n'aquelle sertão. Dizem ser muito frequente esta planta nas florestas do interior de Congo; mas nos districtos que eu percorri não a vi senão cultivada, nomeadamente nas marges do rio Coango. Alguns pretos tambem se servem d'estas sementes em lugar de pimenta nas comidas.

* 72-55 *Casca de Mucumbi*. — Provém esta casca de uma arvore de mediocre altura, com o porte de um freixo, pertencente ao género *Spondias*, da importante familia das *Anacardiaceas*; indigena das florestas virgens dos districtos montanhosos da provincia; encontra-se esta arvore tambem frequentemente cultivada nas vizinhanças de povoações dos indigenas, os quaes empregam o cozimento da casca d'ella contra ulceras escorbüticas da bôca e outros padecimentos causados pelo escorbuto.

* 73-56 *Tronco e casca de Molungo*. — É uma arvore pequena mui vulgar nos declives pedregosos dos districtos interiores de Angola, mórmente em Cazengo, Golungo Alto e Ambaca; distingue-se entre todas as mais arvores d'esta região, por sua casca suberosa, imitando a do sobreiro de Portugal, com o qual porém não tem mais nada de commum alem da apparencia do tronco, pois pertence ao genero *Erythrina* (*Leguminosas*), e como a especie não achei descripta, designei-a com o nome de *Erythrina suberosa*. Tanto a casca d'esta arvoresinha como a raiz d'ella, é reputada pelos indigenas como remedio efficaz na syphilis secundaria, sob fórma de cozimento, attribuindo-lhe as mesmas virtudes que ao cozimento da salsaparrilha.

* 74-57 *Fructo de Pepe ou Gipepe*¹. — As sementes d'este fructo são muito estimadas pelos indigenas por causa do seu aroma particular, que imita o da *noz moscada*, e de que fazem frequente uso para varios remedios tonicos, estimulantes e estomacaes; rosarios d'estas sementes enfiados encontram-se em todos os mercados da costa de Angola por preços insignificantes, quando chegam as caravanas do interior, mas muito mais caros em outras epochas. Procedem estes fructos de uma das mais vistosas e corpulentas arvores do interior da provincia, ornamento singular das florestas virgens de Golungo Alto, Cazengo, Alto Dande e Dembos; é a *Monodora Myristica* de Dun. (familia das *Anonaceas*). Mais informações sobre esta interessantissima arvore encontram-se nos meus *Apostamentos sobre a Flora de Angola*, pag. 587, n.º 44.

* 75-58 *Casca de Quibaba* (ou *Quibaba da Queta*). — Procede esta casca de uma arvore gigantesca das matas virgens de Golungo Alto, de que se acha uma amostra de madeira na collecção das madeiras de Angola, debaixo do nome

¹ Para a exposição de Londres mandei um fructo de gipepe já aberto, e portanto não era necessario irem tambem sementes separadas; mas como o fructo que vae para a escola medico-cirurgica de Lisboa ainda está fechado (integro) vão juntas algumas sementes d'ella (em separado) sob o n.º 74-A.

de *Swietenia Angolensis*, da familia das *Cedrelaceas*. As qualidades medicinaes d'esta droga não parecem differencar-se muito das da casca de quina, e merecem toda a attenção dos pharmacologos. *Quibaba*, deriva-se de *quiba*, o que significa casca.

76-59 *Gipepe* (Jipepe ou Xipepe) de Songo. — É uma segunda especie de *Monodora* (vide n.º 57) que se distingue da *M. Myristica*, alem de outros caracteres importantes, pela fórma ellipsoidea do fructo; esta arvore, que nunca chega a tamanhas dimensões como a *Myristica* de Golungo Alto, cresce no districto de Pungo Andongo e nas terras dos Mussongos, sendo as sementes d'ella exactamente da mesma maneira estimadas e empregadas pelos indigenas como as da especie supramencionada; é a *Monodora Angolensis*, Welw. (*Apon-tamentos sobre a Flora de Angola*, pag. 587, n.º 43).

* 77-60 *Cascas e fructo de Mulôlo*. — Arvore pequena do genero *Bauhinia*, da familia das *Caesalpiaceas*, muito vulgar em quasi todo o sertão de Angola, mórmente nos districtos montanhosos de Golungo Alto e limitrophes. A casca é geralmente empregada para cozimentos adstringentes, em casos de febres intermitentes, doenças exantheticas e para limpar ulceras, e n'este ultimo caso posso eu affirmar por experiencia propria a grande efficacia de Mulôlo. Contém esta mesma casca tambem uma materia colorante, côr de canella.

* 78-61 *Casca da raiz de Mubango*. — Esta casca é tirada das raizes de uma arvore mui elegante e de mediocre altura, que se encontra nos sitios um tanto aridos dos districtos de Ambaca e Golungo Alto, e mais frequentemente cultivada em roda das povoações dos indigenas. Parece pertencer ao grupo das *Crotoneas* (da familia das *Euphorbiaceas*), e o cozimento d'esta casca é empregado pelos curandeiros indigenas como purgante drastico, ou por si só, ou em combinação com o cozimento de raizes do *Mundondo* (vide n.º 62).

* 79-62 *Raiz de Mundondo*. — É fornecida esta raiz por uma linda trepadeira da familia das *Asclepiadaceas*, que cresce nas florestas densas de quasi todos os districtos montanhosos,

desde o Alto Dande até á serra da Xella, e cujas folhas cozidas e temperadas com azeite ou manteiga dão um saboroso substituto de espinafres, de que usam tanto os indigenas como os colonos portuguezes. As hasteas mais delgadas d'esta trepadeira convenientemente maceradas fornecem excellentes filamentos para cordas, etc., e as raizes da mesma, que se distinguem por um aroma particular persistente e por um sabor doce e mui agradável, são empregadas pelos indigenas, em fórma de cozimento, como purgante ligeiro (resolvente) contra tosses e outros padecimentos de peito. O sabor d'esta raiz mastigada imita perfeitamente o do alcaçuz da Europa, e por isso chamam-lhe os colonos portuguezes *alcaçuz do mato* ou *alcaçuz bravo*.

* 80-63 *Quibaba de Mussengue*. — Procede esta casca de uma grande e formosa arvore, que é um dos maiores adornos das florestas primitivas do districto de Golungo Alto, mórmente nas terras do sobado de Mussengue. Julgo dever considerar este vegetal como um novo genero da familia das *Cedrelaceas*, o que já indiquei nos meus *Apontamentos sobre a Flora Angolense*, pag. 587, descrevendo-o debaixo do nome *Garretia Anthotheca*. Esta casca parece ter as mesmas qualidades medicinaes que a mencionada sob n.º 58, distinguindo-se entre todas quantas encontrei e examinei no interior de Angola, por seu sabor amarguissimos, e por isso não posso deixar de a recommendar ao exame ulterior dos pharmacologos. Os exemplares aqui apresentados foram apanhados nas florestas do sobado de Mussengue (districto de Golungo Alto), no inverno de 1856.

* 81-64 *Casca de Musuemba*. — Empregam esta casca tanto os indigenas, como os colonos europeus do districto de Golungo Alto, para cortumes, reputando-a mais efficaç do que todas as mais que fornece aquelle sertão para fins analogos. A arvore de que a tiram os indigenas é frequente em alguns sobados do mencionado districto, e pertence á familia das *Mimosaceas*, parecendo-se no porte, na fórma e côr das flores um tanto com a *Acacia Julibrissin* do Oriente.

* 82-65 *Casca de Musoso*. — Procede de uma especie de *Acacia* (familia das *Mimosaceas*), arvore pequena e frequentissima em sitios pedregosos do Golungo Alto. Empregam os curandeiros pretos o cozimento d'esta casca em varias molestias de peito, e principalmente contra tosses chronicas.

* 83-66 *Pau Quicongo*, de Huilla.

* 84-67 *Pó (Serradura) do mesmo pau*. — Sobre a procedencia d'esta droga e sua applicação veja-se o que fica indicado na explicação sobre as amostras da madeira de Angola sob n.º 41.

* 85-68 *Raiz [de] Tacula* — Sobre a procedencia d'esta raiz vide n.º 5 da enumeração de madeiras de Angola e o numero seguinte.

* 86-69 *Pó (Serradura) da Tacula*. — É este pó a droga mais usada entre os indigenas de Angola, e considerada geralmente como a principal panacéa na cura das suas enfermidades. Misturado com varias outras substancias vegetaes e mineraes empregam o pó de Tacula tambem na confeição dos feitiços, e para enfeites do corpo. As creanças recém-nascidas são frequentemente logo pintadas em todo o corpo com a tinta rubra feita d'este pó, e as janotas entre as mulheres nunca apparecem em dias de festa sem terem os pés pintados com esta mesma tinta, querendo por este modo imitar sapatos ou chinellas. Nos mercados em toda a provincia de Angola nunca faltam alguns paus de Tacula, e todas as differentissimas tribus de aborigenes da Africa portugueza occidental acreditam com a mesma inabalavel fé nas eximias virtudes d'esta panacéa. Pelo que respeita á procedencia, etc., d'esta droga, vejam-se os n.ºs 5, 7 e 15 nas explicações das amostras de madeiras angolenses.

87-70 *Umpeque* (fructos de). — São os fructos de uma pequena arvore espinhosa, mui frequente em sitios abertos e nas margens de florestas do districto de Mossamedes, desde o litoral até á base da serra da Xella. Pertence esta arvore á familia das *Olacineas* (*Olacaceas*, Lindl.) e é provavelmente uma especie do genero *Xememia*. Os caroços dos fructos

d'esta arvore contém uma especie de amendoa muito sabo-rosa, das quaes os indigenas do mencionado sertão espremem um oleo, que empregam no tempero das suas comidas, e bem assim para untar o corpo e os cabellos. Como esta arvore é muito frequente na região supra indicada e de facil multipli-cação, convem chamar sobre ella a attenção dos que se dão ao estudo das plantas oleíferas.

* 88-93 *Maboca* (fructo de).—Os fructos apresentados n'esta collecção procedem de uma arvore assás frequente em Golungo Alto e no sertão de Huilla, pertencente á familia das *Loganiaceas*, e conforme julgo, ao genero *Brehmia* de Har-vey, do qual se encontram tres ou quatro especies diferentes em Angola, entre as quaes a que dá os fructos mais saborosos e saudaveis é a mais vulgar, mórmente no sertão de Huilla, onde na epocha competente (dezembro e janeiro) se pôde comprar dos indigenas duas até quatro duzias por um lenço de algodão ou uma folha de papel branco. Uma amostra da madeira d'estas arvores acha-se inserida na collecção das madeiras de Angola sob n.º 42, onde tambem se encontra mais alguma informação respectiva a este objecto.

80-94 *Masambala branca* (*).¹—Especie de Sorghum.

* 90-95 *Masambala rubro* (*).—Especie de Sorghum.

91-96 *Massango lizo*.—*Penicillaria spec.*

92-97 *Massango barbado*.—*Penicillaria spec.*

93-98 *Milho* (Mupungo) (*).—*Zea Mays var.*

São estas cinco especies de gramineas os cereaes mais ge-ralmente cultivados pelos indigenas do sertão de Huilla, e os quatro primeiros chegam não raras vezes a tão luxurioso des-envolvimento, que o comprimento dos colmos excede 8-10 pés de altura. São semeadas em novembro e madurecem em maio.

* 94-127 *Resina de Mubaso*.—Esta resina, que alguns colonos portuguezes tambem chamam *Gomma Elemi*, distilla em grande quantidade de incisões feitas no tronco da arvore

¹ As gramineas que levam uma *, são as mais cultivadas, e parte d'ellas applicada á fabricação de bebidas fermentadas pelos indigenas.

Mubafo, a qual se encontra nas florestas virgens dos districtos de Cazengo e de Pungo Andongo, e com mais frequencia no de Talamungongo e paizes limitrophes. Applicam os indigenas esta resina, que tem um cheiro particular aromatico, em fórma de emplastro para curar feridas, e a levam tambem frequentemente aos mercados da costa, onde os boticarios e outros colonos a compram a rasão de 100 até 200 réis fracos cada libra (e ás vezes muito mais barato), applicando-a para fins analogos. O fructo da arvore é oleoso, e serve aos aborigenes para temperar varias comidas. O *Mubafo* pertence, conforme um exame preliminar que fiz de flores ainda pouco desenvolvidas, a um genero vizinho dos de *Canarium* e *Dasylobus* da familia das *Burseraceas*, tão notavel pelo grande numero de arvores balsamiferas e resiniferas que abraça.

95-128 *Gomma copal de Benguella* (Ocote ou Cocote).— Este pedaço mui instructivo por causa da impressão que traz da arvore, em que nascêra, foi alcançado na feitoria do sr. Antonio Lopes da Silva, em Novo Redondo, aonde o venderam negociantes indigenas do interior de Benguella, territorio muito abundante n'esta preciosa resina.

96-129 *Gomma copal do Zenza de Golungo*.—Procedem estas amostras das matas arenosas dos *Montes de Mongólo* no districto Zenza de Golungo, sitio em que este valioso genero de exportação não menos abunda que no territorio de Benguella.

Os indigenas indicaram-me na mencionada localidade, onde estes pedaços foram encontrados na areia, umas arvores da familia das *Caesalpinaceas* com o porte de *Bauhinia*, como aquellas, que produzem esta resina, o que eu porém, apesar de repetidos exames, não achei confirmado.

O preço da gomma copal no mercado de Loanda vacilla, conforme a qualidade do genero, entre 25000 e 65500 réis fracos por arroba (de 32 libras), e foi quotado em outubro de 1859 da maneira seguinte:

Gomma copal vermelha; 65500 réis a arroba; gomma copal amarella, 65000 réis a arroba; gomma copal branca, a

3,500 réis a arroba; gomma copal ordinaria, 2,5000 réis a arroba.

A maior parte d'esta gomma é exportada para a America do Norte, e ali empregada na fabricação de vernizes.

* 97-130 *Gomma Tragaçantho* ou *Alquitiri*. — Distilla esta gomma em abundancia dos troncos grossos de uma especie de *Sterculia* (familia das *Sterculiaceas*), muito frequente em sitios aridos de todo o litoral desde o Ambriz até á foz do rio Cuanza. Os indigenas chamam a estas arvores *Chixe*, e a gomma *Ici iá Chixe*, mas não fazem applicação nenhuma d'ella, a não ser para comer em casos de grande fome. Ella parece-me identica na qualidade á gomma alquitiri do Oriente, e podia ser colligida nos sitios apontados em grande quantidade e com summa facilidade.

* 98-131 *Gomma de Muance*. — Procede de uma arvore do genero *Zygia* (familia das *Mimosaceas*) que forma uma das essencias principaes das florestas no districto de Golungo Alto.

Não observei applicação alguma d'ella entre os habitantes do mencionado districto.

Uma amostra da madeira de Muance acha-se na collecção de madeiras angolenses sob o n.º 34.

* 99-132 *Gomma de Mubango*. — É produzida esta gomma, singular pela côr e pela fórma que assume, nos troncos da arvore chamada *Mubango* pelos indigenas. (Vide n.º 61 d'esta enumeração.) Vi apanhar por vezes esta gomma pelos indigenas, mas não me foi possivel alcançar uma informação satisfactoria sobre o respectivo emprego d'ella.

100-133 *Sangue de Drago*. — Procede esta resina não de uma *Dracaena*, como é geralmente acreditado em Angola, mas sim de uma especie de *Pterocarpus*, arvore da familia das *Leguminosas*, muito frequente nas florestas do sertão de Huilla, e bem assim nas do districto de Pungo Andongo. Os indigenas da Huilla chamam a esta arvore *Mirahonde*, e os do territorio de Pungo Andongo designam-na com o nome de *N-gillasonde*. A resina que distilla em abundancia de in-

cisões feitas no tronco, é de côr sanguinea com um lustro particular, e é empregada pelos indigenas na cura de feridas; mas a maior parte que apanham levam aos mercados da costa, aonde a vendem aos boticarios e commerciantes sob o nome de *Sangue de Drago*, por preços comparativamente baixos, porque não ha grande procura d'este genero.

Veja-se o n.º 48 das informações sobre as amostras de madeiras de Angola.

Observação. Tive occasião de observar em Huilla mais duas especies de arvores d'esta mesma familia, de cujos troncos distilla igualmente uma resina sanguinea, a qual provavelmente se encontra misturada com a que os indigenas vendem por sangue de Drago.

* 101-134 *Cabella*— Consiste esta droga de fructos de uma arvore da familia das *Anonaceas*, que conforme fui informado pelos indigenas do districto de Golungo Alto, cresce assás frequentemente nas terras limitrophes d'este districto, mórmente no territorio de Hungo, informação que é confirmada pela circumstancia de serem sempre os mahungos (isto é, povos de Hungo) que trazem esta droga aos mercados da costa, em fórma de pequenós rosarios, vendendo por 50 até 150 réis fracos cada um d'elles. Exhalam estes fructos um cheiro aromatico forte e muito agradável, e as sementes que contêm, bem como todas as partes do fructo, parecem-se no sabor algum tanto com o da pimenta preta. Empregam os indigenas esta especiaria no tempero das suas comidas, bem como na preparação de certos milongós (medicamentos) tonicos ou estomacaeos. Não duvido em asseverar, que é uma especie de *Habzelia* que fornece estes fructos, pois encontrei nas florestas virgens de Golungo Alto, e nomeadamente nas matas da serra da Alta Queta, umas arvores pequenas d'este mesmo genero de *Habzelia*, cujos fructos são muito semelhantes aos que compõem os rosarios de *Cabella*, tendo igualmente um sabor piperaceo.

102-212 *Pennas de Marabú*.—São as pennas na cauda de uma grande aye do genero *Ciconia* (*Ciconia argala* dos

ornithologos) que vivem nos morros elevados do interior da provincia, e nomeadamente nos rochedos alcantilados de Kassalla, no districto de Talamungongo, e nos pincaros mais altos de Pedra de Ginga no districto de Pungo Andongo. Os indigenas chamam a estas aves *Humbe* ou *M'humbe*, e fazem caça d'ellas com perigo da vida, pois é sómente nos pincaros mais isolados e de difficilimo accesso, onde os marabús collocam seus ninhos.

O preço d'estas pennas varia muito, conforme a abundancia e a procura d'ellas, e ainda mais em relação ao sitio, onde são vendidas; pois emquanto em Cassange, e mesmo em Pungo Andongo, os pretos as vendem baratissimas, nos mercados da costa muitas vezes não se alcançam senão a 1\$000 até 3\$000 réis fracos a duzia, o que porém tambem muito depende do tamanho e da limpeza em que são offerecidas. Por emquanto as pennas de marabú ainda não formam um genero da exportação regular em Angola, e são sómente procuradas como objecto de curiosidade por particulares.

103-213 *N-Bungo (caixas de tabaco)*.—É de uma gigantesca graminea do grupo das *Bambusaceas*, indigena das florestas virgens do districto de Pungo Andongo, que os indigenas fazem estas caixas, as quaes são de uso geral entre elles, tanto para tabaco de fumo (as mais largas), como para rapé, que conservam nas mais delgadas. A graminea que fornece este N-bungo, chamam os pretos *Quiambungo*.

Os desenhos com que são enfeitadas estas caixas, e que os indigenas executam com um *prego*, ou uma *faca em braza*, não deixam de ser interessantes e significativos relativamente á origem d'estes povos, poisque a maior parte d'estes enfeites revelam uma analogia, e até mesmo certa homogeneidade com as figuras que se encontram nos monumentos do antigo Egypto.

Junto a estas caixas vae tambem uma hastea florifera do *Quiambungo*.

104-214 *Crina de rabo de Elephante e obra* (diadema ou fita frontal) *da mesma*.—Os indigenas do districto de Pungo An-

dongo distinguem-se entre os mais pretos do sertão de Angola pela habilidade e bom gosto com que executam estes enfeites.

105-215 *Peneira, feita de Sâbi.*—Estas peneiras são em geral uso entre os povos dos districtos montanhosos de Golungo Alto, Ambaca, etc., na fabricação de *Fuba*, que é a farinha mais fina que se prepara da raiz de Mandioca.

Tambem este traste domestico dos povos de Angola lembra pela sua fórma uma origem egypcia; sobre o material de que é feito, veja-se o n.º 241 d'estas explicações sobre o nome *Sâbi*.

106-229 *Filamentos da palmeira Bordão.*—São preparados estes filamentos dos foliolos de uma especie do genero *Raphia* (familia das *Palmeiras* ou *Phœnicaceas*), que cresce em abundancia ao longo das ribeiras nos districtos de Golungo Alto e Dembos, e bem assim nas margens dos rios Dande, Cuanza e outros, e que se podia chamar *Raphia textilis*, pois um avultado numero de variadissimos tecidos, que os indigenas fabricam para seu uso domestico e para commercio, justifica esta denominação; d'esta palmeira os pretos não costumam tirar vinho, como no Congo da *Raphia vinifera*, da qual a especie de Golungo Alto tambem se distingue por varios caracteres carpologicos. Os filamentos do Bordão, que os indigenas chamam *Jibusu*, consistem do epiderme da *face inferior* das foliolas, as quaes só quando ainda frescas se prestam á tiragem da dita euticula, cujas fitas depois de meio-secas, são então desfiadas com alfinetes, ou outros instrumentos pontagudos, a fim de se tornarem aptas á fabricacão dos diferentes tecidos, os quaes os indigenas chamam obras de *Mabella*. (Vide n.º 233.)

107-230 *Mateva do Porto Pinda com os fructos da mesma.*—Esta magnifica palmeira cresce em abundancia nas varzeas junto ao rio Caroca, no interior do Cabo Negro (districto de Mossamedes).

Considerámo-la como uma especie ainda indescrita, designando-a com o nome de *Hyphaene Benguellensis* em opposição á *Hyphaene Guineensis* ou *Coriacea*, que tambem é chamada *Mateva* nas terras de Congo e Angola, aonde cresce,

e da qual se distingue pela fôrma exactamente espherica dos fructos e outros caracteres importantes.

As lacínias d'estas folhas podem seryir para fabricação de cestos, chapéus ordinarios, esteiras, etc., da mesma maneira como as folhas da Mateva de Angola são empregadas.

108-231 *Alforge dos indigenas, feito da entrecasca do Imbondeiro.* (Vide n.º 108-B.)

108-B *Corda feita da entrecasca do mesmo.*— *Imbondeiro* chamam os colonos portuguezes da Africa tropical á *Adansonia digitata*, derivando-se esta designação portugueza do nome *N-Bondo*, que dão os indigenas a esta mesma arvore de enormes dimensões e vulgar em quasi todos os districtos das regiões litoral e montanhosa de Angola. (Vide o numero seguinte.)

109-232 *Entrecasca do Imbondeiro.*— É facil e mui simples a maneira de preparar esta entrecasca; tira-se do tronco, depois de ter feito as competentes incisões em circumferencia do pedaço destinado ao preparo, a casca em laminas de 3-5 pés de comprimento sobre 2 ou 3 pés de largura, o que por causa da brandura esponjosa da mesma, facilmente se consegue; depois de uma breve maceração ficam as laminas expostas ao sol, para um tanto enxugarem, e são depois batidas em ambas as faces, até que as partes estranhas ás camadas fibrosas se separem, e appareça a entrecasca limpa, a qual então, ficando em laminas inteiras, serve para sacos de conducção de carvão, de fructos ou tuberculos, de algodão, etc., ou é desfiada e empregada na fabricação de varios utensilios domesticos, como cordas, redes, alforges, etc.

Todo o algodão que chega do interior da provincia ao merscado de Loanda, d'onde actualmente já se exportam multo-centenares de arrobas, é ahi conduzido em sacos da *entrecasca do Imbondeiro*, bem como a maior parte da gomma copal e da urzella é transportada em involucros do mesmo material, que talvez, sendo convenientemente tratado, tambem se prestasse á fabricação de papel grosso ou de outros artefactos analogos.

(Continua.)

QUÍMICA**PREPARAÇÃO DO NICKEL PURO**

O processo para preparar nickel puro com o nickel arseniado e o kuppnickel fundamenta-se na bem conhecida reacção do acido sulphuroso sobre o acido arsenico e sobre a precipitação completa e prompta do acido arsenioso que d'ella resulta pelo hydrogenio sulphuretado.

Toma-se o mineral bruto e queima-se para lhe tirar o enxofre e a maior parte do arsenico, e dissolve-se no acido chlorhydrico concentrado e a ferver.

Se a ustulação foi incompleta, fica no fundo do vaso uma porção não dissolvida que se separa por decantação.

Junta-se ao liquido uma quantidade sufficiente de bisulphato de soda, para que haja excesso de acido sulphuroso, aquece-se de vagar até á fervura para produzir a redução completa do acido arsenico, e tira-se o excesso de acido sulphuroso.

No liquido ainda tepido e acido faz-se passar uma corrente de hydrogenio sulphuretado para precipitar o arsenico, o cobre, o antimonio, o chumbo e o bismutho; deixa-se aquietar doze horas, filtra-se, evapora-se a secco o liquido claro que, alem do nickel, não contém mais do que um pouco de cobalto e ferro.

O residuo da evaporação tratado pela agua dá uma solução clara quasi neutra, á qual se junta um pouco de acido chlorhydrico ou chlorato de potassa, o que transforma o ferro e o cobalto em sesquioxidos, que se precipitam pelo carbonato de baryta ou de cal, precipitação completa em quente.

O liquido contém ordinariamente ainda bastante acido sulphurico (resultante do acido sulphuroso que deu o oxygenio ao acido arsenico) para poder transformar toda a baryta ou a cal em sulphatos insoluveis, mas alem d'isto acrescenta-se-lhe acido sulphuroso e separam-se os sulphatos pelo filtro.

O liquido filtrado não contém senão nickel; acrescenta-se-

lhe a solução de um carbonato alcalino, filtra-se, lava-se o precipitado e calcina-se.

É facil depois preparar o metal com o oxydo de nickel obtido, que é chimicamente puro.

O methodo que deixámos escripto applica-se igualmente á dissolução dos mineraes de nickel do commercio na agua regia e acido azotico; só é preciso, n'estes casos, antes de empregar o acido sulphuroso, tirar todo o acido azotico que se oppozer á precipitação do arsenico, do antimonio, do cobre, etc., pelo hydrogenio sulphuretado.

(Journal da associação industrial portuense.)

ALCALOIDES VENENOSOS

Certos reactivos dão, como se sabe, productos colorados com os alcaloides venenosos.

O sr. Erdmann, estudando estas reacções, fez a applicação d'estes principios á investigação toxicologica dos alcaloides venenosos.

Para este fim emprega elle um reactivo que designa **A**, composto como se segue:

Acido sulphurico puro concentrado.	20 grammas
Agua distillada, acidulada com 10 gotas de acido nitrico de 1,25 de densidade	100 »

Misture-se.

Humedece-se com algumas gotas d'este reactivo uma pequena quantia da substancia suspeita; se apparece coloração é indubitavel que a substancia é alcaloide. Se passada meia hora se lhe juntar agua, e a côr se modifica, fica confirmada a certeza da investigação.

O segundo reactivo **B**, que o auctor emprega como confirmativo, consiste no contacto do acido sulphurico puro concentrado com um pequeno fragmento de peroxydo de manganéz bem limpo de pó, com o qual se desenvolve uma notavel coloração, que meia hora depois se desvanece pela addição da agua.

A adição da ammonia produz reacções caracteristicas: um acido qualquer restitue as cousas ao seu primeiro estado.

Eis-aqui o quadro dos resultados obtidos pelo sr. Erdmann.

REACTIVOS	MORPHINA	NARCOTINA	ESTRYCHNINA	BRUCINA	VERATRINA
Reactivo A.	Roxo violaceo.	Roxo casca de cebola.	Zero.	Primeiro roxo, depois amarello.	Amarello, depois roxo tijolo.
Juntando-lhe agua.	Roxo violeta intenso, maxime, agitando-o.	Idem.	Idem.	Primeiro roxo, depois amarello.	Amarello, depois roxo tijolo.
Reactivo B.	Roxo escuro sujo.	Arroxado.	Roxo violeta, depois roxo casca de cebola intenso.	Arroxado, depois amarello claro.	Roxo cerejo sujo.
Juntando-lhe ammonia.	Amarello sujo. — Dissolução / escura, depois precipitado.	Idem. — Precipitado escuro, que se torna instantaneamente.	Purpura violeta, amarello ou amarello esverdeado.	Amarello de oiro, amarelado.	Escuro amarelento. Precipitado escuro esverdeado.

(La España medica.)

F. J. R. LOUREIRO.

METHODO VANTAJOSO PARA OBTER O LACTATO DE FERRO

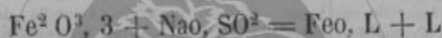
PELO SR. AUT. GERVES, PHARMACEUTICO EM THEDINGHAUSEN

Acostumado a preparar o lactato de ferro muitas vezes fui surprehendido pelos pequenos resultados obtidos, não obstante o sustentarem muitos auctores que pôde obter-se sempre uma quantia igual á do assucar de leite empregado; porém jamais pôde obter resultados tão favoraveis, especialmente quando pretendo um preparado isento de oxydo.

Por conseguinte depois de muitas experiencias, adoptei e proponho o methodo seguinte:

Separe-se quanto possivel o caseo ou caseina do leite azedo, porque o coagulo impede a filtração regular, e em todo o caso ainda fica sufficiente caseina para poder-se renovar a fermentação; depois de filtrado junta-se-lhe o ferro e assucar de leite, e se põe em digestão á temperatura de 30° a 40° centigrados, em attenção a que por uma temperatura menos elevada tem logar a formação do oxydo de ferro soluvel no acido acetico, que em taes circumstancias costuma produzir-se, e que occasiona sempre uma perda consideravel do lactato.

Emfim a reacção completa-se pela influencia da digestão, e n'este estado filtra-se e pelo resfriamento do liquido depositam-se crystaes de lactato de ferro, que se separam, e em seguida junta-se ás aguas mães, que ainda contêem notavel quantidade de $Fe^2 O^3 + L^3 Fe O, L + 3 HO$, algumas onças de Nao, SO^2 , e limaduras de ferro; aquecendo de novo a vapor, mas de maneira que só se dissolvam o sulphato e sulphito sodicos; filtra-se e então pôde obter-se por crystallisação o resto do lactato de ferro e se lavam os crystaes com agua distillada até que a solução barytica não indique a presença dos sulphatos ou sulphitos.



Obtem-se um atmo livre de acido lactico, e susceptivel de unir-se ao ferro existente.

F. J. R. LOUZINHO.

(Arch. des pharm.)

SOBRE UM ALCALOIDE VOLATIL ENCONTRADO NA DIGITALIS PURPUREA

O sr. Engelhardt, por um processo semelhante ao empregado para obter a cicutina, encontrou um alcaloide volatil nas folhas da digitalis purpurea, que é um liquido excessivamente volatil, de consistencia oleosa, pertencente á classe dos alcalis organicos, pouco soluvel em agua, muito soluvel no alcool e fracamente no chloroformio, do qual se separa por evaporação em gotas oleosas, de cheiro menos forte e repugnante do que o da cicutina, e da nicotina, e que depois de saturado se torna um pouco mais agradável.

O sr. Engelhardt acredita que este corpo volatil é a parte essencial e activa da planta, e promete continuar suas investigações a este respeito.

F. J. R. LOUZINHO.

(Nees tarbuch fil pharmaceut.)

SULPHATO DE ATROPINA CRYSTALLISADO

Dissolvam-se 2,80 grammas de atropina pura em alcool absoluto, a frio, elevando depois a temperatura a pouco e pouco até 30° .

A esta dissolução se junta, feita com 0,40 grammas de acido sulphurico de 1,85° de densidade, em alcool anhydro, 3 a 4 grammas; unidas a pouco e pouco as duas soluções e saturadas convenientemente abandona-se a mistura á evaporação espontanea em vasos largos para que as camadas do liquido sejam delgadas. Recolhidos a final os crystaes com muito cuidado, para lhes não desmanchar a fórma, seccam-se na estufa.

O pharmaceutico deve preparar por sua mão este sulphato, que sendo de preço muito elevado, póde ser adulterado no commercio.

(El Rest. pharm.)

F. J. R. LOUREIRO.

SOBRE A PREPARAÇÃO DO ACIDO ACETICO CRYSTALLISAVEL

POR M. TILLMANS

O seguinte processo para separar o acido acetico crystallisavel, é simples, e pouco dispendioso; é fundado na propriedade que possui o acido acetico, não isento inteiramente da agua, exposto ao frio, de deixar crystallisar o acido anhydro. Eis como se procede: tomam-se seis partes de acetato de soda, faz-se fundir na sua agua de crystallisação, evapora-se á secura, e faz-se fundir uma segunda vez a massa secca augmentando o calor; o residuo debaixo da fórma de camada folheada não pesa mais que metade do sal crystallisado que se empregou. Distilla-se com cinco partes de acido sulphurico ordinario; a distillação faz-se facilmente.

O acido obtido contém algumas vezes o acido sulphurico, ou acido chlorydrico; desembaraça-se facilmente de um e de outro, ajuntando-lhe um pouco de chloro, e de lithargiro, enquanto se formar um precipitado branco. Uma nova destillação dá o acido puro; expõe-se o producto obtido, durante algumas horas n'um logar frio; fica algumas vezes, por bastante tempo liquido, em um vaso fechado, enquanto que abrindo o frasco ou agitando-o um pouco, o acido crystallisa immediatamente. Seis partes de acetato de soda, dão duas e meia partes de acido acetico crystallisado.

(Journal de chimie medicale.)

JOAQUIM URBANO DA VEIGA.

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 638 DA SESSÃO DE 12 DE AGOSTO DE 1865

Presidencia do sr. F. J. Rodrigues Loureiro

Pelas oito horas da noite declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

1.º Um officio do sr. José Tedeschi, pedindo a escusa do logar de presidente da sociedade, para que fôra eleito na ultima sessão. — A sociedade não concedeu a escusa pedida e determinou que a mesa, constituida em commissão, fosse instar o sr. Tedeschi, a fim de occupar o logar para que fôra eleito.

2.º Outro officio da sr. Carlos Mallaina, pedindo alguns jornaes que lhe faltam para completar a sua collecção. — Concedido.

3.º Outro do nosso delegado em Monchique, o sr. Manuel Gascon, participando o estabelecimento de um hospital n'aquella localidade, tecendo bem merecidos elogios a Sua Magestade El-Rei, pela protecção que tem dispensado áquelle estabelecimento, e congratulando-se pelo facto de ter Sua Magestade aceitado o diploma de nosso socio protector. — Inteirada.

4.º Outro do mesmo senhor, offerecendo-se para a remessa de alguns exemplares de uns pequenos carvalhos que vegetam n'aquella localidade. — A sociedade determinou se lhe offiasse agradecendo.

5.º Um officio da mesa da assembléa geral do centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas, remettendo dez bilhetes para a exposição industrial, em beneficio do albergue dos invalidos do trabalhos, e dos operarios tecelões

da cidade do Porto, pedindo á sociedade quizesse contribuir para aquella obra meritoria. — Decidiu-se se aceitassem os bilhetes.

6.º Outro do sr. Vicente Esteves, propondo a troca da Revista medico-militar da India portugueza com o nosso jornal. — Decidiu-se se satisfizesse.

7.º Outro officio dos srs. Rafael Gonçalves de Azevedo e Pedro Fernandes da Cunha, pedindo a sua demissão de socios. — Concedida.

8.º Outro do sr. J. J. de Sousa Magalhães, do Porto, pedindo se lhe indicasse a quem deveria entregar a delegacia, visto ter de se ausentar do Porto e não poder continuar no exercicio do cargo de delegado n'aquella cidade. — Decidiu-se se lhe officiasse fazendo-lhe sentir o desgosto da sociedade por s. s.^a não poder continuar a representa-la n'aquella cidade, e se officiasse ao sr. F. B. dos Santos, quizesse reunir os nossos consocios d'aquella cidade e suas proximidades, a fim de escolherem d'entre si quem deva ser o delegado.

9.º Um officio do sr. thesoureiro, esclarecendo as duvidas que a commissão de contas apresentava no seu parecer. — Mandou-se archivar.

Leu-se a lista dos objectos doados, que foram recebidos com especial agrado.

Em seguida o sr. presidente convidou os membros da nova mesa a occuparem os seus logares, e não estando presente o sr. presidente eleito, occupou a cadeira da presidencia o sr. Telles, na qualidade de primeiro vice-presidente.

O sr. Telles, em um brilhante discurso, agradeceu a sua eleição para o logar de primeiro vice-presidente.

O *segundo secretario Veiga* propoz se lançasse na acta um voto de louvor á mesa que acabava hoje a sua missão, pelo zêlo e dedicação com que tinha pugnado pelos interesses da sociedade e da classe em geral. — Foi approvada a proposta.

ORDEM DO DIA

Teve segunda leitura o parecer da commissão de direito

pharmaceutico, que approva uma proposta para socio benemerito.

Na conformidade dos estatutos, resolveu-se que nos avisos para a proxima sessão se declarasse que tinha a votar-se aquelle parecer.

Estando a hora adiantada o sr. presidente fechou a sessão eram onze horas e um quarto, dando para ordem do dia da immediata propostas, pareceres de comissões e segundas leituras. = *Joaquim Urbano da Veiga*, segundo secretario.

VARIÉDADES

Pharmacopéa legal. — Em Hespanha foi nomeada uma comissão especial para a confecção de um livro d'esta ordem.

Este meio será de certo o que pôde dar melhores resultados para termos entre nós um livro digno d'este nome.

Reactivo para descobrir o phosphoro nos casos de envenenamento. — *L. Hofman* propõe o sulphato ammonico combinado com o perchlorureto de ferro como o reactivo mais sensível para descobrir os indícios do phosphoro: o dito chimico provou que distillando uma mistura de materia animal e restos de mechas phosphoricas, e distillando o producto d'esta evaporação com sulphureto de ammonio, obtem-se, pela addição do perchlorureto de ferro, uma coloração violeta. O composto que caracteriza tal coloração não tem podido ainda analysar-se.

Collodio com perchlorureto de ferro. — O perchlorureto de ferro unido ao collodio é um bom hemostatico contra as mordeduras de sanguessugas, etc. Prepara-se tomando uma parte de perchlorureto de ferro crystallizado e seis de collodio. É necessario todo o cuidado na dissolução do perchlorureto de ferro, porque o calor o decompõe. O collodio de perchlorureto de ferro é de uma côr vermelho-clara, e produz, quando se applica sobre a pelle uma pellicula vermelha, que conserva uma grande elasticidade.

PHARMACIA

SYNOPSIS EXPLICATIVA DAS AMOSTRAS DE MADEIRAS E DROGAS MEDICINAES
E DE OUTROS OBJECTOS, MORMENTE ETHNOGRAPHICOS,
COLHIDOS NA PROVINCIA DE ANGOLA, ETC.

PELO DR. FREDERICO WELWITSCH
SOCIO HONORARIO DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

(Continuado de pag. 292)

110-233 *Obras de Mabéla (ou Mabella) de cores.*—Vão 12 peças feitas de filamentos de Bordão. (Vide os n.ºs 229 e 234.)

111-234 *Mabéla branca.*—Vão 2 peças feitas de filamentos de Bordão.

Tendo já informado sobre a procedencia dos filamentos de que se tecem as varias sortes de *Mabéla* (vide n.º 229), resta-me agora indicar as materias primas de que os indigenas se servem para tingir os mesmos filamentos.

Costumam preparar a tinta *rubra* ou *côr de laranja* das sementes de *Urucú (Bixa Orellana)*, tingir de *amarello* com o sumo da raiz da *Açafrão (Curcuma spec.)*, e empregam para tingir de preto uma *especie de toda*, que apanham nas margens de ribeiras, o qual, como presumo, deve a sua propriedade colorante ás particulas ferruginosas, que contêm em combinação com o acido tannico de numerosas plantas herbaceas do genero *Jussiaea*, que abundam nas margens de quasi todos os rios da provincia de Angola.

O preço d'estas Mabélas é de 25 até 50 réis fracos cada peça, quando brancas, e de 100 até 150 réis, quando lavradas ou de cores; mas estas ultimas apparecem só raras vezes nos mercados, nem são consideradas como genero de exportação.

112-235 *Fructos de Bordão.*—São os fructos da palmeira, de cujas folhas se fazem as Mabélas. (Vide n.º 229.)

113-236 *Cachingas (Barretes) de Sobas.*—Os indigenas do Golungo Alto e districtos limitrophes fabricam estes barretes, bem como muitas outras obras analogas, e até capotes muito bem feitos, dos filamentos de Bordão. (Vide n.º 229.)

114-237 *Filamentos do Ananaz*.—O ananaz é geralmente cultivado em toda a provincia de Angola, com excepção do districto de Mossamedes; elle desenvolve-se com particular vigor nos districtos de Golungo Alto, Cazengo e Alto Dande, propagando-se ahi mesmo sem cultura, de maneira a formar em certos sitios extensas matas. Mas não obstante isso os filamentos finos, compridos, mui fortes e elasticos d'esta *Dromeliacea* até agora ainda não se aproveitam n'essa provincia, apesar da grande facilidade da cultura da planta e do methodo facilimo de lhe tirar os ditos filamentos.

115-238 *Filamentos da Bananeira*.—A bananeira é notoriamente muito frequente em toda a provincia, e reproduz-se espontaneamente com máxima abundancia.

Por isso os filamentos respectivos podiam ser aproveitados em maior escala do que actualmente o são, pois apenas alguns indigenas os empregam na fabricaçãõ de barretes e de mais alguns tecidos para o uso domestico.

116-239 *Filamentos de Mundongo e seu fructo*.—Tiram-se estes filamentos, cuja solidez, elasticidade e lustro se assimilha, se não excede o de linho, das hasteas de uma trepadeira da familia das *Asclepiadaceas*; mas pouco ou quasi nenhum emprego lhes dão os indigenas. (Vide n.º 62.)

117-240 *Caachinga ou barrete de Soba*.—Feito do filamentos de bananeira. (Vide n.º 238.)

A fabricaçãõ d'estes barretes é quasi a unica applicaçãõ que os indigenas fazem dos filamentos de bananeira no districto de Golungo Alto, e mesmo este artefacto não é destinado ao commercio, porque conforme as leis gentlicas é somente aos regulos ou sobas permittido o uso de similhantes barretes.

118-241 *Hasteas de Subi*.—Com o nome de *Subi* designam os indigenas de Golungo Alto duas especies de plantas herbaceas, que pertencem ao grupo das *Canaceas* da familia das *Scitamineas*, e crescem com frequencia nas margens de ribeiras em quasi todas as matas virgens do mencionado districto.

Uma d'ellas é sem duvida uma especie de *Maranta*, e distingue-se particularmente pelo singular colorido da face inferior das folhas, sendo uma metade d'ella verde e a outra de côr branca prateada; chamámos esta especie *Maranta descolor*; a outra sorte de Subi parece ser uma especie do genero *Phrynium*.

As hasteas de ambas ellas, quando seccas e desfiadas em tiras estreitas, são frequentemente empregadas pelos indigenas para fabricação de cestinhos, açafates, peneiras e outros utensilios domesticos, para cujo fabrico o *Subi* é considerado como o material mais forte, mais elastico e mais duradouro entre todos quantos offerece o sertão de Angola.

A *Peneira* mencionada sob n.º 215 d'esta enumeração é feita d'este *Subi*.

119-242 *Quibosa*. — Debaixo do nome de *quibosa* comprehendem os aborigenes de Angola varias especies de plantas herbaceas e arbustivas, cujas hasteas ou entrecasas se prestam á fabricação instantanea de cordas. Nos districtos montanhosos do interior designam com este nome tres ou quatro especies de *Triumfetta* (familia das *Tiliaceas*), de cujas hasteas aproveitam a casca, que é de uma tenacidade superior, para d'ella torcer as cordas grosseiras de que se servem nos seus misteres domesticos. A amostra presente é tirada de uma especie arbustiva de *Triumfetta*, de que os pretos de Golungo Alto geralmente se servem para os indicados fins.

120-243 *Cairo da palmeira Dendem*. — É preparada esta sorte de cairo dos peciolos das foliolas de *Dendem* (*Elaeis guineensis*), que é a mesma palmeira, de cujos fructos se obtem o bem conhecido *azeite de palma*, e que cresce com summa frequencia em quasi todo o territorio de Angola e Benguella, com excepção do districto de Mossamedes. Tambem a maior parte do chamado *Vinho de palmeira* (*Maluvo* dos indigenas) é obtido d'esta mesma utilissima palmeira.

O cairo de *Dendem* não é empregado pelos indigenas senão para d'elle fazer vaçsouras.

121-244 *Palha de Calolo e obra principiada d'ella para um chapéu*—O *Calolo* é uma especie de palmeira (*Phoenix spinosa*, Schum.) que se encontra em grande quantidade nas margens do rio Cuanza no districto de Pungo Andongo, e bem assim, ainda que menos desenvolvida e quasi só sob fórma de arbusto, nas margens do rio Dande, Bengo e Lifune, a pequena distancia da costa; é das folhas d'esta palmeira que os indigenas preparam a chamada *palha de Calolo*, de que fabricam chapéus, cestos e abanos, que depois levam aos mercados de Loanda e outras povoações da costa, vendendo-os por preços insignificantes. Convem aqui observar, que poucos pretos ha, ou talvez nenhum, que não saiba fazer estes chapéus e outros utensilios domesticos com menor ou maior perfeição.

122-245 *Sabugo (Medalla) do Papyro*.—É bem sabido que foi o papyro (*Cyperus Papyrus*, Lin.) de que os antigos egypcios preparavam todo o seu papel, e como esta planta cresce em maxima quantidade nas margens de rios e lagôas de Angola, e se reproduz annualmente com extraordinario vigor, podia talvez tambem actualmte servir á fabricação de uma sorte inferior de papel, mórmente em combinação com outras substancias convenientes.

Em Angola as hasteas do papyro são empregadas pelos indigenas para cobrir as suas choupanas, e bem assim para d'ellas construir jangadas; os angolenses chamam o papyro *Abú*.

* 123-246 *Lã de palmeira (Ucúcu)*.—Procede esta substancia filamentosa da *Elaeis Guineensis*, chamado *Dendem* pelos indigenas; elles obtêm esta lã, que é muito elastica e pouco susceptivel de corromper-se, rapando a camada felpada com que os peciolos da dita palmeira na sua base se acham revestidos. Emprega-se esta lã para encher almofadas, colchões, etc., tanto no interior da provincia como tambem nas povoações da costa, para onde os indigenas a levam a vender por preços muito baixos¹.

¹ É tão leve este Ucúcu, que uma porção para encher quatro ou cinco e mais colchões, transporta um negro com toda a facilidade.

Tambem esta substancia filamentosa poderia talvez servir de material para fabricação de papel ou de papelão ordinario.

* 124¹ *Cola (fructo de Coleira)*—É a *Coleira* uma vistosa arvore indigena e tambem cultivada em quasi todos os districtos montanhosos de Angola. As sementes d'este fructo fornecem as *Colas*, especie de castanha, de um gosto particular, um tanto amargo, de que os indigenas costumam mastigar uma ou duas logo pela manhã, ou só ou com alguma porção de raiz de *Gengibre* ou de *Mundondo* para, como elles dizem, *dar força ao estomago!*

Exporta-se de vez em quando certa quantidade d'estas castanhas de cola para o Brazil, onde este genero sempre acha muita procura da parte dos escravos ali introduzidos da Africa. A arvore que dá este fructo é a *Sterculia*², da familia das *Sterculiaceas*³.

* 125 *Riamba (Liamba ou Diamba)*.—Esta substancia, que na sua maior parte, senão de todo, se compõe de hasteas picadas da *Cannabis sativa*, Lin., é avidamente procurada nos mercados pelos indigenas de todo o sertão de Angola, para fumaças narcoticas, que constituem um dos mais perniciosos vicios d'elles, mórmente dos escravos, os quaes sendo dados ao uso de fumaças de Riamba, se tornam quasi completamente inuteis aos seus donos. Cultiva-se esta planta em todos os districtos interiores de Angola, mas sempre em sitios

¹ Os numeros d'este 124 até 149 inclusivê designam objectos que não mandei á exposiçãõ de Londres, fazendo porém parte da collecção offerecida á escola medico-cirurgica de Lisboa.

² *Sterculia acuminata* Pal. de B. agora = *Cola acuminata* Schott & Ertl.

³ A grande apreciação que as castanhas de cola encontram mesmo entre os pretos civilisados de Angola, manifesta-se claramente no seguinte costume: quando um namorado deseja certificar-se dos sentimentos reciprocos da sua amante, manda-lhe meia duzia de colas como presente; se a donzella aceita as colas, está o pacto concluido, e a donzella torna-se *noiva*. D'este costume, que eu já vi praticar mesmo entre gente de *meia cór* em Loanda, deriva-se o proverbio

Quem come cola
Fica em Angola

mais ou menos escondidos ou solitarios, para subtrahir as plantações á avidez dos viandantes.

As hemorragias de nariz, que são a consequencia mui frequente d'estas fumaças inebriantes, costumam os indigenas do sertão de Huilla cura-las com pitadas de *Encotahote em pó* (vide n.º 61), com cuja applicação quasi sempre alcançam o effeito desejado.

* 126 *Pó de Caseque (ou Caseco)*. — Procede este pó aromatico de troncos muito bem secco de uma arvore de mediocre altura, da familia das *Leguminosas*, que cresce nas matas ralas dos districtos de Ambaca, Pungo Andongo e vizinhos, pertencendo provavelmente ao genero *Milletia*. Applicam-no os curandeiros indigenas mórmente para unguentos tonicos nas cephalalgias nervosas e rheumaticas, quasi sempre misturado com o pó de pedra Pemba. (Vide n.º 56.)

É o pau de *Caseco* uma droga que se encontra infallivelmente em todos os mercados (ou *quitandas*, como os indigenas os chamam) da costa e no interior, e tenho bastantes motivos para suppor que ha mais algumas outras especies de arvores, fóra da acima apontada, que fornecem em differentes sertões de Angola este pau, e por consequente o pó respectivo.

Assim, por exemplo, vi algumas vezes vender o *pau quicongo* (vide n.ºs 41, 83 e 84 d'esta synopse) debaixo de nome de *Pau Caseque*¹. É quasi desnecessario de observar que os curandeiros indigenas não applicam este medicamento sob fórma de serradura, como n'esta collecção se acha representado, mas sabem reduzir o respectivo pau a um pó finissimo, que alcançam ralando-o perseverantemente sobre uma pedra aspera, methodo este que geralmente empregam, quando querem pulverisar cascas, paus ou raizes a fim de lhes servirem de medicamentos.

* 127 *Mucóco*. — Com este nome designam os pretos do

¹ Aindaque frequentes vezes os pretos dizem *Caseque*, julgo ser *Caseco* a melhor orthographia, sendo mais conforme com o genio da lingua bunda.

Hungo e de Alta Queta (districto de Golungo Alto e terras dos mahungos) uma trepadeira robusta da familia das *Menispermaceas*, a qual no porte se assimilha muito á *Abutua* (vide n.º 69 d'esta synopse), e é mesmo uma especie do genero *Cocculus*, mas differente da *Abutua* na fórma das folhas que são cordiformes, e pelo velludo ferrugineo com que são cobertas as hasteas e fructos. A applicação que os pretos fazem d'esta planta, tanto da raiz como das hasteas e fructos d'ella, é exactamente a mesma da *Abutua*, sendo porém esta ultima por elles reputada mais efficaç nos seus effeitos, o que julgo dever-se attribuir a maior porção de resina, que contém esta ultima em quasi todas as suas partes.

* 128 *Múcua*.—Chamam os indigenas *Múcua* os fructos da *Adansonia digitata* do Linneo, arvore esta, com justa razão considerada como o vegetal mais caracteristico da Africa tropical.

A *Adansonia* cresce em quasi toda a parte da provincia de Angola, com excepção porém das terras mais altas da região alto-plana (terceira região dos meus apontamentos) do interior, onde as *Sterculiaceas*, em geral, se tornam cada vez mais raras, desaparecendo totalmente n'uma elevação de 4:000 pés sobre o nivel do mar. Os fructos da *Adansonia* offercem na polpa farinosa que envolve as sementes uma substancia muito proveitosa para a confecção de limonadas de um gosto agradavel e de um effeito particularmente refrigerante em diversas doenças febris. Servem-se os pretos tambem d'estas *Múcuas* para as suas fumaças de *Riamba*, e bem assim para vasos de agua e de outros liquidos.

* 129 *Orucú ou Urucú* (fructos de).—A arvoresinha que dá este fructo é a *Bixa Orellana* do Linneo, da familia das *Bixaceas*, Kunth (ou *Flacourtieneas*, de Rich.) indigena da America tropical, mas actualmente vulgarizado pela cultura em quasi todos os sovados dos districtos de Cazengo e de Golungo Alto. Os indigenas chamam este arbusto *Quisafu*, e utilisam-se das sementes d'elle para tingir de *rubro* ou de *amarello* varias fazendas (tecidos) que fazem de folhas de

palmeiras; tambem os *balaios* (cestinhos) de Pungo Andongo, que são feitos de palha de uma especie de *Eleusine*, e formam um dos productos mais estimados da industria do gentio, devem parte do seu vivo colorido ás tintas preparadas de *Urucú*, quer dizer das sementes de *Quisafu*.

Consta-me que em Inglaterra é importada annualmente certa porção d'estas sementes do Brazil, de que, conforme me affirmaram, os fazendeiros preparam uma tinta para dar uma côr mais viva á manteiga.

Entre os curandeiros pretos dos districtos acima mencionados de Angola, estas sementes de *Urucú* são reputadas como particularmente estomacaes. Actualmente pôde-se considerar a *Bixa Orellana* como *perfeitamente aclimatada* em Angola, pois em não poucas localidades dos districtos montanhosos, encontrei-a com ríçosa vegetação em sociedade com outros arbustos ou arvoresinhas indigenas.

* 130 *Casca do Mungo*. — Com os nomes de *Mungo* e de *Mohambó* designam os indigenas de Angola as diversas especies de *Nauclea* (*Cinchonaceas*, Lindl.) que se produzem n'aquelles sertões.

Do *Mungo* encontram-se duas especies nas matas de Golungo Alto; uma d'ellas, que forma uma arvore corpulenta, é a *Nauclea bracteosa*, DC., e muito apreciada dos habitantes por causa da boa madeira que fornece para construcções de casas e trastes, e a segunda é uma trepadeira, cujo tronco na sua base tambem chega a dimensões consideraveis. D'esta ultima especie foram tiradas as cascas aqui apresentadas.

Não tive occasião de observar se os indigenas fazem alguma applicação medicinal d'estes vegetaes, mas como é notorio que as folhas e cascas de diferentes especies do genero *Nauclea* fornecem medicamentos adstringentes, julguei conveniente apresentar esta especie da Africa portugueza ao exame dos pharmacologos patrios.

* 131 *Balsamo de S. Thomé*. — Procede este balsamo, que é muito procurado na ilha de S. Thomé, por causa da grande fama que tem de curar promptamente feridas e ulceras de

uma arvore de mediano porte, de folhas pinnuladas e sempre verdes; apesar de bastantes diligencias que empreguei durante a minha curta estada na ilha de S. Thomé, não tive a boa fortuna de encontrar a respectiva arvore do balsamo, nem com flor nem com fructo, e assim sómente posso dar uma opinião approximada da respectiva collocação d'ella no systema natural. Parece-me não ter duvida que a *Arvore de balsamo* pertence á familia das *Burseraceas* de Kunth, ou *Amyrideas* de R. Br., familia essencialmente distincta pelos succos resinoso-aromaticos que distillam; de mais a mais o porte da arvore e a configuração das folhas colhidas na ilha de S. Thomé corresponde mui soffrivelmente com varias outras arvores já bem conhecidas da familia das *Burseraceas*.

(Continua.)

GLYCEROLADOS DE BASE MINERAL

Glicerina	4	grammas
Alumen, borax, chlorureto de zinco ou de antimonio, sulphato cuprico ou ferrico, de qualquer d'estes saes . . .	4	»

GLYCEROLADO DE PERCHLORURETO DE FERRO

Glicerina	50	grammas
Perchlorureto de ferro liquido.....	4	»

Misture.

XAROPE DE IODURETO DE FERRO COM GLYCERINA

Glycerolado de iodureto de ferro . . .	4	grammas
Xarope de gomma	200	»
Agua de flor de laranja	30	»

Misture.

GLYCEROLADO DE LAUDANO

Glicerina	30	grammas
Laudano de Sydenham.....	4	»

Misture.

GLYCEROLADO DE EXTRACTO DE RATANHIA

Glycerina	30 grammas
Extracto de ratanhia	4 »
Misture.	

GLYCEROLADO DE IODURETO DE FERRO

Iode.	35 grammas
Ferro porphyrizado	70 »
Glycerina	400 »

No resto segue-se o methodo normal de Dupasquier, empregando a glicerina em lugar da agua, que dá os mesmos resultados ¹.

EMPREGO DO PERMANGANATO DE POTASSA NO TRATAMENTO DO OZENA

O dr. Oliffe, medico da embaixada ingleza, em Paris, refere um facto de cura, que é sem duvida um novo testemunho da efficacia d'este remedio.

Uma joven ingleza de quinze annos, que estava n'um collegio a educar, tinha um ozena tão fetido e repugnante, que suas companheiras não podiam soffrer a presença d'ella na sala dos estudos. O mau cheiro que produzia logo ao entrar causava nauseas em algumas e vomitos em muitas.

A enfermidade tinha resistido a todos os meios até ali empregados: a cauterisação, as injeccões de todo o genero, os purgantes e os amargos interiormente applicados effeito algum tinham produzido.

Lembrado o auctor das propriedades desinfectantes do permanganato de potassa, lembrou-se, diz elle, de o ensaiar praticando algumas injeccões com uma soluçao d'este sal nas fossas nasaes da enferma, e ficou assombrado quando observou que á primeira tinha desaparecido o mau cheiro instantaneamente, reaparecendo porém d'ahi a meia hora. Pre-

¹ Todos estes glycerolados devem ser solidificados, e para isto deve-se empregar o glycerolado de amydo em lugar da glicerina.

(Nota do traductor.)

screveu a continuação da mesma injeção de tres em tres horas, e conseguiu a cura completa no espaço de oito dias. A joven continua a frequentar os seus estudos em companhia de suas condiscipulas sem o mais leve incommodo.

Ha poucos annos que o permanganato de potassa tem uso em Inglaterra e na America como antiseptico. Tenho tido occasiões (falla o auctor) de administra-lo interiormente com muito felizes resultados contra a fetidez do halito, e observado que os doentes o supportam bem na dóse de 15 a 20 centigrammas em solução, e que como desinfectante é, na minha opinião, muito superior ao chlorato de potassa.

(Revue de ther. méd. chir.)

F. J. R. LOUREIRO.

EXTRACTO HYDRALCOOLICO DO FUCUS VESICULOSUS

O fucus vesiculosus, segundo o sr. Dannecy, chega ao seu principal desenvolvimento até aos fins de junho e principios de julho; é n'esta epocha que se manifesta n'elle mais claramente a dehiscencia dos receptaculos que encerram as sementes, sendo tambem esta a epocha propria para a sua colheita, por ser a da fructificação, que depois de colhida deve secçar-se immediatamente ao sol, a fim de que fique friavel, preferindo este methodo ao da estufa para evitar que a planta conserve propriedades hygrosopicas, que podem influir de um modo enganoso nos resultados da operação, favorecendo a introdução no extracto de uma porção de materia gelatinosa, com detrimento dos seus principios activos. Depois de secça a planta se reduz a pó grosseiro e se trata este por quatro vezes o seu peso de alcool a 66°, depois de tres dias de maceração coa-se, expremendo, e o residuo submete-se a nova operação com alcool a 80°; misturam-se os liquidos, filtram-se e, acto continuo, submete-se á distillação para obter o alcool, e evapora-se o resto até á consistencia de extracto.

Este é solúvel em agua levemente alcoolizada e representa um 15.º por 100 do peso da planta empregada; tem um sabor *sui generis*, nada desagradavel, muito semelhante ao da planta.

Com este extracto o sr. Dannecy prepara as seguintes pilulas:

Extracto hydralcoolico de fucus vesiculosus	30 grammas
Pó fino do mesmo fucus	5 »

Façam-se pilulas de 25 centigrammas, que se envolvem em pó de canella.

Uso. — Principia-se por empregar tres pilulas por dia, augmentando progressivamente até vinte e quatro; tem-se observado que na dôse, por mais elevada que seja, não produz incommodo algum no estomago.



QUIMICA

ANALYSE CHIMICA DE ANTIGOS COLLYRIOS ROMANOS

POR M. ERNESTO BANDIMENT ET DUQUENELLE, PHARMACEUTICO EM REIMS

Ha alguns annos descobriu-se em Reims, no meio de despojos de origem romana, uma colleção de dezoito instrumentos de cirurgia, datando da remota epocha da occupação das Gallias pelos romanos. Compunha-se de pinças de muitas fórmas, de espatulas, de escalpellos, de tenazes simples e duplas, e de uma pequena balança chamada romana, perfeitamente intacta. Todos estes instrumentos são de bronze na sua totalidade, tanto no cabo como nas laminas dos escalpellos, que são muito agudas. Estes cabos apresentam mesmo de notavel o terem embutidos de prata de uma elegancia rara. O todo formava de certo um estojo completo de um medico especialista de molestias de olhos, porque se encontraram no mesmo lugar fragmentos de collyrios seccos (40 grammas proximamente), bem assim um sinete de oculista. Infelizmente as inscrições em relevo d'estes collyrios estavam muito alteradas para poderem comparar-se com as legendas do sinete.

Uma noticia detalhada d'esta descoberta archeologica foi por um de nós remettida á sociedade dos antiquarios da França.

Julgando que a analyse chymica d'estes antigos collyrios seria de algum interesse para esta noticia, não hesitámos em sacrificar uma parte das nossas amostras a este genero de ensaios.

Os collyrios analysados são em pequenos pães alongados, estreitando nas extremidades. Foi isto que lhe fez dar o nome de *κολλυριον* (palavra composta de *κολλα*, colla, e de *οιρά* cauda), porque com o auxilio de uma substancia adhesiva dá-se a estes medicamentos a fórma de uma cauda de rato! Estes despojos parecem pertencer a duas especies de collyrios diferentes, uns são de um cinzento escuro, os outros de um vermelho côr de tijolo.

O collyrio cinzento reduzido a pó foi successivamente tratado pela agua, alcool e ether. Não cedeu cousa alguma a nenhum d'estes dissolventes. É preciso mesmo fazer notar que elle era tão desprovido de principios soluveis que a agua com que se fez ferver ficou pura, e não deu a menor turvação pelos azotatos de prata e de barita, oxalato e sulphurato de ammonia. O tannino não indicou a presença de gelatina nem de gomma.

Este collyrio reduzido a pó e exposto sobre uma lamina de platina ao calor da lampada de alcool ardeu rapidamente antes do rubro escuro. Pareceu-nos por isto e pela insolubilidade da materia organica que a que tinha servido para ligar os productos mineraes d'este medicamento tinha experimentado uma especie de eremacancia, isto é, putrefacção secca, determinada pela demora prolongada da materia no solo. É o que parece ainda provar a acção do acido chlorhydrico fervendo que dissolveu a parte mineral, deixando um deposito anegrado de materia ulmica. Reconheceu-se facilmente que esta ultima era azotada, porque desenvolveu uma forte proporção de ammoniaco sob a influencia da potassa em fusão.

De resto ella ardia espalhando um cheiro animalizado. O residuo da incineração foi tratado pelo acido chlorhydrico diluido. Deu-se a effervescencia, o que indicou a presença de um carbonato. Com o auxilio da ebulição a materia dissolveu-

se em parte, deixando um fraco residuo branco, que foi recolhido á parte. Era silica. Quanto ao licor acido, depoz pelo resfriamento crystaes brancos e brilhantes que não eram mais que chlorureto de chumbo. Depois de ser convertido todo o chumbo em sulphato, que se isolou pelo filtro, lançou-se ammoniaco em excesso no liquido restante. Formou-se um precipitado cinzento de oxydo de ferro, nadando em um licor de um bello azul celeste. Esta coloração indicava a presença do cobre. Tendo recolhido á parte o oxydo de ferro, o cobre foi eliminado a seu turno pelo hydrogenio sulphurado; depois pôde provar-se no liquido que tinha experimentado todos estes tratamentos successivos a existencia de uma certa quantidade de um sal de cal, cuja base foi precipitada pelo oxalato de ammonia. É tudo quanto nos foi possivel descobrir na substancia a analysar. O ensaio da prata, do mercurio e sobretudo do zinco foi negativo; nem signaes appareceram de nenhum d'estes corpos, tendo podido dispor de materia sufficiente para fazer a analyse quantitativa, eis os resultados obtidos, calculados para 100 partes de collyrio cinzento:

Materia organica azotada	33,33
Silica	4,00
Peroxydo de ferro	16,00
Oxydo negro de cobre	4,32
Oxydo de chumbo	23,00
Carbonato de cal	17,66
Perda	1,69
	<hr/>
	100,00

Quanto ao collyrio vermelho offereceu os mesmos elementos de composição que o precedente, com a differença que era mais rico em ferro, e sobretudo em chumbo, emquanto que não continha as minimas proporções de cobre. Era em mui pequena quantidade para que fosse possivel fazer-lhe a analyse quantitativa.

Deve notar-se n'estes collyrios a presença do chumbo em

proporção muito forte á do ferro e á do cobre, todas as substancias estypticas e adstringentes que ainda hoje se empregam no tratamento das molestias dos olhos. Mas em que estado, debaixo de que fórma se encontraram estes corpos? Em que combinações estavam elles grupados no momento da preparação d'estes collyrios, é o que não poderia decidir-se! Todos os estudos bibliographicos que temos feito a este respeito têm sido infructiferos.

(Journ. de pharm. et de chim.)

JOAQUIM URBANO DA VEIGA.

METHODO PARA DOSAR OS ALCALOIDES VEGETAES QUE ENTRAM
NAS PREPARAÇÕES PHARMACEUTICAS

PELO SR. MAYER

Em uma memoria, apresentada á academia de pharmacia americana, o sr. Mayer chamou a attenção d'esta sobre a vantagem de empregar o iodo-mercuriato de potassa (iodureto de potassio e mercurio) para dosificar os alcaloides vegetaes.

Este reactivo, indicado a primeira vez pelo sr. Win Kler, em 1850, muito recommendado depois pelo sr. M. A., de Planta-Reichenan, consiste em uma dissolução de 13,546 grammas de sublimado corrosivo, e 49 de iodureto de potassio por litro de agua, que constitue uma solução normal.

D'esta solução necessita-se 1 centimetro cubico para precipitar:

$\frac{1}{10000}$ de equivalente	de aconitina	0,0267	grammas
$\frac{1}{200}$ »	de atropina	0,0145	»
$\frac{1}{200}$ »	de narcotina	0,0213	»
$\frac{1}{200}$ »	de strychnina	0,0167	»
$\frac{1}{200}$ »	de brucina	0,0233	»
$\frac{1}{200}$ »	de veratrina	0,0269	»
$\frac{1}{30000}$ de equivalente duplo	de morphina	0,0200	»
$\frac{1}{20000}$ »	de conicina	0,00416	»
$\frac{1}{40000}$ »	de nicotina	0,00405	»
$\frac{1}{60000}$ »	de quinina	0,0108	»
$\frac{1}{60000}$ »	de cinchonina	0,0102	»
$\frac{1}{60000}$ »	de quinoidina	0,0120	»

Os precipitados são saes duplos de iodureto de mercurio e hydriodato da base organica.

Uma parte do mercurio empregado para obter o precipitado fica em dissolução; já se vê pois que se deve empregar o licor normal preparado pela dissolução do chlorureto de mercurio, e não do iodureto de mercurio em iodureto de potassio, porque com o iodureto de mercurio os resultados seriam muito distinctos. Pela mesma razão se deve verter o liquido normal sobre a dissolução que contenha o alcaloide, e não esta sobre aquelle.

As precipitações têm logar da mesma fôrma que se fossem acidas, neutras ou ligeiramente alcalinas, como observou o sr. Ressler.

Do mesmo modo as matérias que se empregam ordinariamente nas preparações pharmaceuticas, excepto o alcool e acido acetico, os precipitados que são soluveis não impedem a reacção.

Debaixo d'estes principios os iodo-mercuriados e os bromo-mercuriados (*Groce quarterly of thchem. soc.* tomo XI, pag. 97) differem dos outros precipitantes, em que sua acção é impedida pela presença do amydo, das gommás, da albumina, tannino, etc.

O iodo-mercuriato de potassa dá reacções distinctas com dissoluções que não contenham senão $\frac{1}{2500}$ de morphina, $\frac{1}{7000}$ de atropina, $\frac{1}{6000}$ de narcotina, $\frac{1}{8000}$ de conicina, $\frac{1}{25000}$ de nicotina, $\frac{1}{15000}$ de strychnina, $\frac{1}{15000}$ de brucina, $\frac{1}{125000}$ de quinina, $\frac{1}{5000}$ de cinchonina, $\frac{1}{5000}$ de quinoidina.

Nas misturas que contenham matérias inertes colorantes ou de outro genero determina-se a precipitação filtrando algumas gotas do liquido e ensaiando o filtrado, tendo-se em linha de conta que os resultados são muito distinctos quando se opera sobre a solução do alcaloide uma planta narcotica, cuja purificação tenha sido pelo systema do sr. Graham.

Nos casos em que não ha chlorureto nem outras substancias sobre as quaes tenha acção o nitrato de prata, pôde ser precipitado o alcaloide por um excesso de iodo-mercuriato

de potassa, e determinar em seguida este excesso por meio de uma dissolução normal de nitrato de prata, seguindo o methodo do sr. Mohr, e em presença de algumas gotas de chromato neutro de potassa, até que a côr roxa do chromato de potassa fique permanente. Este novo methodo de dosificação volumetrica exclue naturalmente a presença de outros alcaloides, excepto aquelle de que se trata e pretende determinar.

É sobremaneira vantajoso quando se trata de determinar o valor de uma preparação cuja acção depende da presença de um alcaloide ou de dois muito semelhantes, v. g., a aconitina e a conicina, subre cuja natureza não pôde haver a menor duvida, pôde todavia isolar o alcaloide precipitado operando da seguinte maneira:

O precipitado do sal duplo de iodureto de mercurio e de hydriodato de potassa do alcaloide recolhe-se sobre um filtro, lava-se com agua fria, secca-se entre papel pardo, dissolve-se na mais pequena quantidade de alcool brando, fervente, junta-se a esta solução algumas gotas de hydrosulphato de ammonia recentemente preparado, e em seguida algumas gotas de tintura de ferro, tendo sempre cuidado que ella tenha ammoniaco em excesso, filtra-se e lava-se o precipitado com alcool quente; ao liquido acidulado pelo acido sulphurico se juntará carvão animal, sendo necessario; quando bem claro evapora-se a banho-maria, e no residuo obtido se determinará pelos methodos dos srs. de Stas, Otto ou Erdmann.

Segundo os meios indicados o sr. Mayer, segundo indica, conheceu que as folhas frescas do datura stramonium contêm 0,0672 por 100 de atropina, as folhas seccas 0,527 por 100 do mesmo alcaloide; a tintura das sementes do stramonio (*Pharm. dos Estados Unidos*) 0,029; o extracto alcoolico das folhas 1,886; a tintura de belladonna 0,2175; o extracto alcoolico de belladonna 3,56 a 4,03 por 100 de atropina.

(El restaurador pharm.)

F. J. R. LOUREIRO.

DOSAGEM DO ACIDO AZOTICO PELA CONVERSÃO EM AMMONIA

PELO SR. SCHULZ

Os chimicos que se têm dado ao trabalho de verificar o

processo do sr. Schulz não têm obtido resultado algum, por falta sem duvida de informações sufficientes. O auctor apresenta hoje alguns detalhes mais circumstanciados, e são os seguintes:

Seu processo não é applicavel senão quando a proporção do acido azotico não excede de 0^{gr},2. Abaixo d'este numero o effeito é certo todas as vezes que se derem as condições seguintes:

1.^a O balão em que se opera a distillação deve ser de uma capacidade de 200 centimetros cubicos;

2.^a A lixivia alcalina deve ser de base potassa e da densidade de 1,3, em uma palavra, deve ser bastante concentrada para conservar em dissolução o oxydo de zinco que se formou;

3.^a O zinco em pó deve demorar-se durante cinco horas, pouco mais ou menos, na bacia fria, e é só no fim d'este tempo que se deve tirar por distillação o ammoniaco formado;

4.^a O zinco empregado deve ser primeiramente platinado, operação esta que se faz do seguinte modo. Pouco antes de nos servirmos d'elle agita-se em agua contendo algumas gotas de acido chlorhydrico, quando o hydrogenio cessar de se evolver junta-se uma dissolução de bi-chlorureto de platina na proporção de uma gota para 2 grammas de zinco, agita-se, decanta-se e lava-se em agua o zinco assim platinado.

O auctor reconheceu que a operação se pôde fazer sem o concurso do amalgame de sodio. Como o zinco se lima difficilmente, é melhor pulverisa-lo; para isto lança-se em um almofariz e tritura-se na occasião em que o metal começar a congelar.

As proporções que se devem empregar são as seguintes:

Quando o acido azotico se apresenta de 0,1 a 0^{gr},3¹, é preciso tomar 10 a 15 grammas de pó de zinco e 20 grammas de potassa de 1,3 de densidade.

A condensação dos vapores ammoniacaes exige igualmente

¹ O auctor quer sem duvida dizer 0^{gr},2, poisque passada esta quantidade a experiencia não colhe.

precauções especiaes; em rasão da grande quantidade de vapores de agua que se formam n'esta occasião não nos devemos contentar em receber os productos da distillação no acido contido no aparelho com esferas. O aparelho de condensação compõe-se de um refrigerante terminado por um balão convenientemente refrigerado com uma tubuladura, á qual se adapta verticalmente uma pequena allonga contendo particulas de vidro humedecidas de acido; estas particulas retêem o ammoniaco que se escapa do balão e largam depois facilmente, por uma simples lavagem, o sal ammoniaco formado.

A distillação pôde ser terminada quando um terço, pouco mais ou menos, do liquido primitivo, se tiver volatilizado; certificâmo-nos depois do fim da operação por meio de um papel de campeche que se suspende um instante no balão refrigerado.

(Journ. de pharm. et de chim.)

JOSE AUGUSTO DA SILVA GAMEIRO.

VARIÉDADES

Leis respeitadas. — O tribunal correccional de Tolosa acaba de condemnar a seis mezes de prisão, 600 francos de multa e despezas do processo um veterinario por se ter arvorado em medico illegalmente.

Ali executa-se a lei.

Em Valença, na nossa vizinha Hespanha, alguns droguistas foram ultimamente multados em 2:740 reales por exercerem o fôro pharmaceutico, e para que não estavam auctorizados nem habilitados.

Novo hemostatico. — Em abril ultimo o dr. Jaussens apresentou á academia das sciencias medicas e naturaes de Bruxellas a descoberta de um novo liquido devido ao sr. Piazza, professor de chimica organica na universidade de Bolonha. Segundo elle este agente superabunda em virtudes a todos os até aqui conhecidos n'este genero.

O modo de o fazer consiste em misturar partes iguaes em volume de perchlorureto de ferro liquido de 10° a 15° com uma dissolução concentrada de chlorureto de sodio purificado.

Devemos notar aqui que é necessario, para que este composto gose de toda a efficacia que se lhe attribue, que o perchlorureto de ferro liquido empregado seja perfeitamente neutro.

Tisana de Feltz. — Em França a commissão encarregada de fazer uma memoria sobre taes medicamentos para a revisãõ do codex, entende que não deve ser alterada a antiga formula, advertencia que julgãmos de muita importancia, porque alguns formularios permitem a substituição ou suppressão do sulphureto de antimonio, sendo este substituido pelo arseniato de soda, a que o parecer da commissão se oppõe.

ANNUNCIOS

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard, pelo pharmaceutico Manuel Vicente de Jesus. — Estas pilulas, analysadas pela sociedade pharmaceutica lusitana, e ensaidas nos hospitaes de Lisboa e na clinica particular, são identicas ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a recommendavel vantagem de serem menos consistentes.

Depositos parciaes — Lisboa, pharmacia dos srs. A. F. A. de Azevedo & Filhos, Rocio n.º 88. Na do sr. A. A. R. de Oliveira, rua dos Retrozeiros n.º 40.

Porto, pharmacia do hospital real de Santo Antonio, campo dos Martyres da Patria.

Abrantes, pharmacia do sr. M. V. de Jesus Senior.

Deposito geral — Pharmacia de Manuel Vicente de Jesus, Largo do Rato n.º 46 e 47.

Formulario ou guia medica, que contém a descripção dos medicamentos, a escolha das melhores formulas, o tratamento abreviado das molestias, etc., pelo dr. Chernoviz, *sexta edição*, 1 volume de 820 pag., com 121 figuras no texto, que representam as plantas medicinaes. Vende-se na livraria de Antonio Maria Pereira, rua Augusta n.ºs 50 e 52. Preço réis 1\$800.

PHARMACIA

SYNOPSIS EXPLICATIVA DAS AMOSTRAS DE MADEIRAS E DROGAS MEDICINAES
E DE OUTROS OBJECTOS, MORMENTE ETHNOGRAPHICOS,
COLHIDOS NA PROVINCIA DE ANGOLA, ETC.

PELO DR. FREDERICO WELWSTSCH
SOCIO HONORARIO DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

(Continuado de pag. 309)

* 132 *Gomma arabica*.—Encontra-se esta especie de gomma arabica n'uma arvore do genero *Acacia* (familia das *Mimosaceas*) que habita os sitios montanhosos e aridos do interior do districto de Mossamedes; os pretos que percorrem estes sertões em procura de urzella, costumam tambem colligir ao mesmo tempo uma certa porção d'esta gomma, da qual já por vezes se têm exportado pequenas quantidades, tanto de Benguella como de Mossamedes.

A amostra n'esta colleccão apresentada foi apanhada no concelho de Bumbo, que fica a leste de Mossamedes, no caminho d'esta villa para a Huilla.

* 133 *Gomma elastica de Hungo*.—É tirada esta especie de gomma elastica de uma arvore que cresce nas terras do Hungo e sovados vizinhos d'este reino, onde os indigenas a chamam *Mupapata*. Trazem os pretos de Hungo (mahungos) esta gomma sempre na fórma de bolas de differentes tamanhos, cuja qualidade, como genero de commercio, depende principalmente da maior ou menor limpeza com que é apanhada.

Conforme a explicação que os indigenas me fizeram da arvore que fornece esta gomma, ella parece ser uma figueira de folhas largas e mui lustrosas, o que se me torna tanto mais provavel, por me ter sido indicado tambem uma especie de *Ficus*, que se parece muito com a *Ficus elastica*, e cresce nas matas da serra da Xella, no districto de Mossamedes, como aquella arvore que dá a gomma elastica. Entretanto é muito para suppor que o gentio tire esta gomma não só de uma, mas de diversas especies de figueiras, que abundam em todos os sertões de Angola.

* 134 *Gomma elastica de Golungo Alto*. — O vegetal de que eu vi tirar a gomma elastica apresentada sob este numero, é uma viçosa trepadeira arborescente, que se encontra frequentemente no sovado de Quilombo-Quiacatubia, situado na fronteira do districto dos Dembos. Os troncos d'este arbusto trepador chegam a ter 3-4 pollegadas de diametro, e distillam de cada ferida ou incisão, que se lhes faz, uma consideravel quantidade de leite, o qual logo se coagula em gomma, tomando uma côr fusca. Os indigenas de Golungo Alto chamam tanto o arbusto como a gomma d'elle *Licongue*, e trazem de vez em quando pequenas quantidades d'esta aos mercados da costa, onde porêm até agora ainda não tem encontrado bastante procura¹.

* 135 *Gomma de Cajueiro*. — O Cajueiro (*Anacardium occidentale*, Lin.) é frequentemente cultivado em quasi todos os districtos de Angola, e os seus bellos e mui singulares fructos (Caju) abundam na epocha competente nos mercados da costa, desde Ambriz até Benguella.

A gomma que distilla em grande quantidade dos troncos d'esta arvore, e que na India e outras terras é aproveitada para vernizes, em Angola ainda não achou a devida apreciação, nem é considerada como genero de commercio, aindaque podia ser colligida em grande abundancia e de optima qualidade. (Colligida em Pungo Andongo.)

* 136 *Castanha de Caju* (de Loanda). — As castanhas de Caju, cujo *pedicello carnoso* forma propriamente o que se chama fructa do Cajueiro ou Caju, contém uma amendoa muito saborosa, e são por esta rasão muito procurados; mas como o pericarpio abunda n'uma resina liquida muito caus-

¹ Pertence este arbusto á familia das *Apocynaceae*, e é vizinho aos generos *Vahea*, *Willughbeia* e *Landolphia*, os quaes nas obras systematicas, mesmo as mais modernas, ainda não se acham sufficientemente caracterisados para facilitar a determinação exacta de cada um d'elles. O fructo de *Licongue* é uma baga grande de casca coriacea muito leitosa, pseudo-bilocular, trazendo as sementes n'uma polpa acidulo-doce e comestivel. As flores são amarellas, as folhas oppostas, coriaceas, instrosas e sempre verdes.

tica, é mister recommendar aos que comerem as amendoas, toda a cautela, a fim de não engulir junto com ellas algumas particulas do pericarpio, o que produz immediatamente dores ardentes na bôca e no esophago.

* 137 *Fructos de Mutúge*.—Chamam os indigenas de Goulungo Alto e dos Dembos *Mutúge* uma das arvores mais gigantescas e formosas das matas virgens d'aquelle sertão, que pertence á familia das *Myristicaceas*, e forma uma nova especie do genero *Myristica*, que se pôde chamar *Myristica Angolensis*. (Welw. in lit. ad H. F. et apont., pag. 554.) É a *Moscadeira Brava* de Angola. Tanto o fructo inteiro como a noz d'esta especie africana são mais pequenas do que os da *Moscadeira da India*, e não podem tão pouco rivalisar em aroma com esta ultima; mas a noz abunda no oleo, que, conforme me parece, podia ser aproveitado para varios usos domesticos, e talvez tambem na pharmacia.

São estas arvores fecundissimas, e uma só produz muitos alqueires d'estes fructos.

* 138 *Cassia fistula de Angola* (*Cannafistula*).—As numerosas especies do genero *Cassia* (familia das *Caesalpiniaceas*) formam um dos maiores encantos da vegetação tropico-africana, distinguindo-se a maior parte d'ellas tanto pela belleza da sua folhagem, como pelo brilho singular das suas flores côr de oiro.

A especie que fornece estas vagens cylindricas e compridas de $1\frac{1}{2}$ - $2\frac{1}{2}$ pés, é uma linda arvore de mediana altura, que habita as matas um tanto elevadas dos districtos interiores de Angola, e as vagens encontram-se em todos os mercados da costa, onde são procuradas pelos curandeiros pretos não para fazerem parte de algum remedio, mas sim para lhes servirem de instrumento divinatorio nas suas prophecias sobre a origem de qualquer doença, acto este, em que estes habeis embusteiros empregam a mais circumspecta pericia, explorando d'esta arte não só o pobre enfermo, mas simultaneamente tambem os parentes e conhecidos d'elle, porque todos elles têm que receiar de serem apontados ou accusa-

dos como causa ou motivo provocador da respectiva doença. Nunca observei emprego officinal nenhum d'esta cannafistula na Africa portugueza, nem se encontra n'ella aquella polpa doce, que contém em abundancia a cannafistula da India.

Observação. — O effeito cathartico das folhas de certas especies de Cassia alcançam os curandeiros pretos de uma infusão saturada das folhas da *Poinciana pulcherrima*, Lin., a qual se encontra cultivada na vizinhança de quasi todas as povoações dos indigenas, tanto no litoral como no interior da provincia.

* 139 *Cassia fistula de Huilla.* — A especie de Cassia, de que são tiradas estas vagens, é uma linda arvoresinha que adorna as matas ralas, compostas de *Acaceas*, *Proteas*, *Erythrinas*, *Myrtaceas* e *Parinarium*, na vizinhança de Lopollo e da lagôa Ivantala, no sertão de Huilla.

Não me consta que os *doutores* indigenas as empreguem nas suas curas, mas tendo observado que a polpa contida nas vagens tem um aroma particular muito pronunciado e um gosto singular quasi *doce-amargo*, julguei conveniente apresenta-las e recommenda-las à attenção dos pharmacologos. As arvores d'esta Cassia são muito frequentes e carregam-se na epocha competente com grande quantidade de vagens ¹.

* 140 *Caroços de Nocha* (ou Noxa). — A *Nocha* é a fructa espontanea mais abundante e mais apreciada de todo o sertão de Huilla. Procede ella de uma especie de *Parinarium* (familia das *Chrysobalanaceas*), arvore grande, sempre verde e de magnifico porte, de que já dei algumas noticias na synopse das amostras de madeiras de Angola, sob n.º 43, julgando dever aqui sómente acrescentar, que tambem as pequenas amendoas que contêm os caroços, são comestiveis e até muito saborosas. Em respeito hygienico não ha nada que receiar do uso da *Nocha*, pois tanto os indigenas como os colonos bran-

¹ Como ainda não tive occasião de examinar flores perfeitas d'esta arvore, designei-a com o nome de *Cassia* sómente pela grande analogia dos iructos com os da *Cassia fistula*, reservando-me para uma futura publicação a descripção exacta d'este interessante vegetal.

cos da Huilla consomem na estação propria enormes quantidades de *Nochas* sem a menor perturbação da saude.

* 141 *Fructos de Dendem*—Uma das arvores mais fecundas e mais uteis da zona torrida em Africa, é sem duvida a nobre palmeira de azeite (*Elaeis guineensis*, Jaqu.), cujos fructos são geralmente chamados *Dendem*, e por isso á palmeira mesma muitos chamam *Dendem*. Ella cresce espontanea em quasi todos os logares algum tanto humidos de Angola e de Benguella, mas já não se desenvolve bem ao sul de 14° de latitude S., nem n'uma elevação que exceda 3:000 pés de altura sobre o nivel do Atlantico; a sua verdadeira patria são as florestas densas dos districtos montanhosos de Cazengo, Golungo Alto, Alto Dande e Dembos, e as fecundissimas matas do reino de Hango; d'estas habitações principaes ella desce ao longo dos rios em alguns districtos até o oceano, como por exemplo nas barras dos rios Bengo e Dande, e na margem direita do poderoso Cuanza.

Com esta palmeira a providencia indemnizou os povos da Africa tropical da falta da oliveira, da videira e da amendoeira, pois ella fornece-lhes azeite, vinho e amendoas, e fóra d'isso ainda muitos trastes uteis da vida domestica.

Os cachos fructiferos de *Dendem* têm a fórma de gigantesca pinhas ovato-pyramidaes, das quaes cada uma contém de 300—1:000 fructos¹; estes fructos, quando frescos e bem maduros, brilham na mais carregada côr de laranja, variegados de manchas sanguineas, e attrahem assim de longe as vistas dos que visitam os mercados de fructa em Angola. Os indigenas comem estes fructos ou crus ou assados, ou tiram o azeite mediante um cozimento ligeiro. É notorio que o azeite de *Dendem*, que na Europa chamam azeite de palma, forma um dos mais valiosos generos do commercio africano; mas o que não é tão sabido é que a cultura d'esta utilissima arvore,

¹ Um cacho de *Dendem* que me foi offerecido pelo sova de Bango-Aquitamba em 4 de janeiro de 1855, continha 66½ fructos bem feitos e 377 outros menores, menos desenvolvidos ou abortados, o que dá a somma de 1:041 fructos n'um cacho!!

que era facilima, na Africa portugueza ainda não chegou a merecer a devida attenção nem da parte do governo, nem dos particulares, e muito menos da parte dos indigenas, que não raras vezes estragam as mais bellas palmeiras para d'ellas tirarem algumas garrafas ou cabazes de vinho. O azeite que se tira das amendoas dos caroços de *Dendem* é particularmente procurado nos mercados europeus, e não obstante isso são justamente estes caroços de que menor caso se faz em Angola.

Os pretos do sovado Bango-Aquitamba, no districto de Goulungo Alto, que com mais algum esmero tratam d'estes *principes do reino vegetal*, como Linneo as appellida, distinguem diferentes variedades da palmeira de azeite, entre as quaes principalmente tres, que vem a ser o *Disombo*, o *Dihóho* e o *Disùe*, merecem particular distincção, e é d'esta ultima variedade *Disùe*, que elles costumam applicar o azeite para fins medicinaes.

* 142 *Amendoas de Disanha*. — Com o nome de *Disanha* designa o gentio do interior de Angola, e nominalmente o da serra de Alta Queta, uma arvore de mediana altura e folhagem sempre verde, da familia das *Artocarpaceas*, cujos fructos, de fórma e tamanho de uma pequena abobora chila, contêm envolvidas n'uma polpa branca e esponjosa uma enorme quantidade de pequenas amendoas ou pinhões, que os indigenas comem depois de cozidos e descascados, e os quaes tambem são aproveitados para confeição de doces e de orchata, emprego a que se prestam muito bem por causa do sabor excellente que communicam ás mencionadas confeições. Encontrei a mesma arvore tambem nas matas da ilha de S. Thomé, onde os pretos a chamam *Isa*, e levam as ditas amendoas frequentes vezes ao mercado, onde são consideradas e compradas como alimento.

* * 143 *Cambundo*. — Com este nome designam os indigenas de Angola, e mesmo os pretos em Loanda, uns rosarios feitos dos fructos lapideos e esmaltados de uma graminea (*Coix Lacryma*, Lin.) aos quaes o gentio attribue virtudes

particulares e mysteriosas; e é por este motivo que os ditos rosarios são muito procurados nos mercados de drogas, mórmente *pelas paridas*, que costumam cingir a cabeça ou um dos braços com o *Cambuudo*, a fim de ficarem mediante este feitiço as suas creanças recém-nascidas completamente livres de qualquer doença!

É bem sabido que o *Coix Lacryma* é uma graminea indigena da India, e como o encontrei em alguns sitios do interior da provincia crescendo espontaneo, julgo ter elle sido introduzido em Angola no tempo dos missionarios; e porque estes costumavam *presentear* os seus recémconvertidos côm *rosarios*, penso que d'esta circumstancia se deriva o actual preconceito. Entretanto julgo dever lembrar que o *Coix Lacryma* tambem na China se cultiva frequentemente, e que estes mesmos fructos ¹ nas antigas pharmacopeas allemãs se acham commemorados debaixo do nome de *Semina Lacrymae Jobi*, como *remedio diuretico e roborante*, recommendado em padecimentos *hydropicos* e na *tisica*. Vê-se portanto que esta fé, que os indigenas de Angola têm nas virtudes d'esta graminea, se está destituída de uma base solida, offerece ao menos uma interessante contribuição á *geographia dos preconceitos*.

* 144 *Fel da terra de flor roxa*, e

* 145 *Fel da terra de flor amarella*. — Ambas estas hervas são plantas annuaes da familia das *Gencianaceas*, e crescem com grande abundancia nos prados e varzeas de todo o sertão de Huilla; ambas podem ser empregadas convenientemente para supprir a *Erythraea centaureum* da Europa, que naturalmente ahí debalde se procura.

Produzem-se estas duas especies na primavera, emquanto o *Fel da terra de flor branca* (vide n.º 59) não apparece senão no outono ou no principio do inverno. Todas estas tres especies de *Gencianaceas* offerecem assim durante todo

¹ O que n'esta graminea vulgarmente se considera como *semente*, não é senão o *involutro petrificado* e esmaltado, que envolve a semente.

o anno drogas frescas para remedios estomacaeos e roborantes.

* 146 *Caules de Mobiro*.—*Mobiro* ou *Mobilo* é uma trepadeira arbustiva da familia das *Plassifloraceas* e do genero *Modecca*, que frequentemente cresce nas matas virgens de Cazengo, Golungo Alto e dos Dembos, e cujos fructos ovoideos, amarellos e de tamanho de um ovo de pomba dão uma excellente limonada.

O cozimento das hasteas ou caules inculcam os curandeiros indigenas como um dos melhores remedios anthelminthicos, mórmente quando misturado com a casca da raiz de Mubango.

* 147 *Salsaparrilha de Angola*.—A especie de *Smilax*, que fornece estas raizes é muito frequente em quasi todo o interior da provincia de Angola, e mesmo nos paizes altos de Benguella. Encontrei-a nos districtos de Golungo Alto, Ambaca e Pungo Andongo, e não menos abundante na planura de Huilla. Julgo ser a mesma planta de que os colonos hollandezes, estabelecidos na Cafraria, colligem e exportam em grande quantidade as raizes. Não me consta que esta droga seja applicada entre os indigenas do territorio luso-africano.

* 148 *Cahémbia-hémbia*.—Esta *Malvacea*, que cresce em todo o interior de Angola com summa abundancia, e que forma uma especie do genero *Sida*, é geralmente empregada em logar das malvas, para decocções e banhos emollientes; como porém as variadas especies d'este genero, tão numeroso na Africa tropical, se parecem muito entre si, é mister acautelar-se na escolha d'esta herba, mórmente no caso de uso interno, para não a trocar com algumas especies vizinhas, cujas hasteas pilosas largam o pello no acto da infusão, causando por conseguinte uma, aindaque pouco duradoura, irritação na garganta.

* 149 *Casca de Mubafo*.—É o *Mubafo* a arvore que distilla dos seus troncos a resina chamada de *Mubafo*, a qual tambem chamam *Resina* ou *Gomma Elemi*. (Vide n.º 94.) Applicam os indigenas o pó d'esta casca na cura de ulceras syphiliticas e escorbúticas.

SPRADRAPO STIBIADO

São conhecidos os bons efeitos da revulsão praticada com os emplastos estibiados nas affecções thoracicas chronicas, mas a intensidade da pustulação provocada por esta fórma pharmaceutica retrahе a certos medicos de seu uso.

O sr. Mialhe fez um assignalado serviço á pratica dando a fórma de um spradrappo stibiado, que produz uma erupção muito mais discreta que as outras. Eis-aqui o seu modo de preparação:

Pez branco	40 partes
Colofonia	20 »
Cera amarella	20 »
Terebinthina	5 »
Azeite commum	5 »
Tartaro stibiado.....	10 »

F. s. a. uma massa emplastica para a estender ainda quente como o spradrappo ordinario.

(El siglo medico.)

XAROPE DE BALSAMO DO BRAZIL

O sr. dr. E. Du May, pharmaceutico em Leval, ideou uma formula de balsamo do Brazil que não tem, segundo elle, nenhum sabor, digere-se perfeitamente e contém grande proporção de copahiba.

Este nome de balsamo do Brazil, em substituição ao balsamo de copahiba, é destinado a vencer nos enfermos a repugnancia que inspira geralmente o nome de copahiba:

Balsamo de copahiba de Cayena ...	167 grammas
Magnesia calcinada	9 »
Xarope simples	320 »
Gemmas de ovos frescos, n.º 4.	

Triturem-se as gemmas das ovos com a magnesia e ajunte-se depois de bem misturado a copahiba, e depois o xarope.

Esta preparação conserva-se muito bem.

(Abeille medicale.)

J. J. ALVES.

QUÍMICA

SOBRE O ACIDO CARBONICO LIQUIDO E SOLUBILIDADE DO CARBONE

PELO SR. GORE

Pela disposição especial de um tubo de vidro curvo conseguiu o auctor introduzir n'este pequenas quantias de acido carbonico liquido, tomando as convenientes precauções para evitar o perigo das explosões que podessem ter logar; submetteu á acção do acido carbonico liquido muitos corpos, tanto simples como compostos, estudou sua attitude n'estas circumstancias, e observou que alguns d'estes corpos se conservaram no liquido muitos mezes, enquanto outros, pequeno numero, sómente se conservaram alguns dias.

Eis-aqui os principaes resultados:

O phosphoro branco, o acido borico anhydro, o iodureto de enxofre, o biodureto de phosphoro, o perchlorureto da mesma base, os bromuretos de arsenico e de antimonio, a naphthalina, a resina commum e a gomma guta dissolvem-se n'elle em pequenas quantias.

Os corpos que n'elle se dissolvem abundantemente são o iodo e a camphora.

Os que só experimentam modificações são a gutá percha, que é logo descolorada, e ao sair do tubo augmenta consideravelmente, mas passados alguns dias torna ao seu estado primitivo, e o cacto, que também é logo descolorado; o sulphato de ferro crystallizado perde a agua da crystallisação e se reduz a pó branco, da mesma forma os sulphatos de cobre, de soda e potassa se tornam mais volumosos, recobrando-se de uma camada alcalina.

Os corpos sobre que este acido liquido não tem acção, são: o carvão vegetal, o acido phosphorico, o glacial, o hydrogenio phosphorado solido, o enxofre, o silenium, o sulphureto de phosphoro, o phosphureto de sodio, o chlorureto de calcio, o aluminio, o silicum crystallizado, a silex, o fluosicato de potassa, o acido arsenico, o cyanureto de mercurio, o acido oxa-

lico, os acidos benzoinico, succinico, pyrogalico, cocostearico, a parafina, uma mistura de acido galhico e de potassa, a gomma copal, o branco da baleia, o indigo, a pyroxylina, o tornasol solido, etc.

Resulta d'estas experiencias que o acido carbonico liquido é um agente muito indifferente e constitue um dissolvente pouco energico; á excepção dos metaes alcalinos os reductores geralmente usados não têm acção sobre elle.

(Journ. de pharm. et de chim.)

F. J. R. LOUANNÓ.

PERMANGANATO DE POTASSA COMO AGENTE DESINFECTANTE
E SUA PREPARAÇÃO

PELO SR. LECOMTE

Tomem-se:

Bioxydo de manganez	20 grammas
Chlorato de potassa	20 »
Potassa caustica solida	25 »

Dissolvam-se a potassa caustica e o chlorato de potassa na mais pequena quantidade possivel de agua. Junte-se-lhe o bioxydo de manganez e se evapore até á seccura, agitando-o constantemente, calcina-se ao rubro pardo mediante uma hora n'uma capsula de ferro não estanhada, e depois de frio junta-se-lhe 1 litro de agua distillada, faz-se ferver a mistura n'uma capsula de porcellana até que o liquido apresente a côr rubra ligeiramente violacea, deixa-se em repouso por algum tempo, decanta-se e lava-se o residuo em sufficiente quantidade de agua, e reúne-se a agua das lavagens ao primeiro licor para formar approximadamente 2 litros.

É este liquido que misturado na proporção de 10 grammas por 100 de agua serve para pensar as chagas.

O sr. Le Dieux, na sua these inaugural sobre o cancro uterino, diz que no espaço de um mez de uso d'este topico obtivera os mais excellentes resultados.

Que em muitas doentes affectadas d'esta terrivel enfermidade, com abundantissima decolação infecta, fizera applicar o permanganato de potassa em injecções vaginaes, tres a quatro

vezes por dia, e n'este espaço vira desaparecer ou diminuir consideravelmente o mau cheiro, e desaparecer a ponto de se não tornar perceptível ao olphato mais apurado.

Fez applicação do mesmo topico, em compressas, n'uma doente que tinha em uma perna uma vasta chaga com excessiva decolção, resultante de um phlegmão gangrenoso, com cheiro infecto insupportavel; curada duas vezes por dia com a supracitada mistura, e em seguida com a glicerina, dois dias depois o cheiro infecto tinha quasi desaparecido; a chaga tornara-se rosada e de melhor aspecto.

F. J. R. LOUAINO.

(Gazette des hôpitaux.)

PREPARAÇÃO DOS DERIVADOS DO RUBIDIUM
PELO SR. DUNSEN

Como se sabe, o sr. Bunseu tinha reconhecido a presença do rubidium em larga escala nos minerios das lepidolithes, especialmente na lethina.

Operando recentemente sobre um residuo salino proveniente do tratamento de um minerio d'esta, reconheceu que a par dos chloruretos de sodium, de potassium, e vestigios de strontium, este residuo continha 19,73 por 100 de chlorureto de rubidium com 0,19 por 100 de chlorureto de caesium.

Os residuos d'esta ordem, fornecidos pela fabrica do sr. Struve, em Dresde, alem de serem reputados por grande preço, são pouco ricos em rubidium, porque o sr. Edmann diz que 3 kilogrammas que pagou, muito caros, só lhe produziram algumas grammas de rubidium.

O sr. Struve porém acaba de provar que os residuos examinados por aquelle sabio eram provenientes de uma operação em que a desaggregação das lepidolithes havia sido feita a uma temperatura mais elevada do que a ordinaria, e que fôra esta a causa da falta encontrada, proveniente da volatilisação dos chloruretos procurados.

* Como materia primaria do rubidium o sr. Erdmann recomenda a potassa do commercio; nos da Illiria, da Hungria,

da Russia e da Allemanha, diz elle te-lo encontrado em tanta quantidade como nas cinzas do tabaco.

Para extrahir o chlorureto de rubidium o sr. Erdmann começa por saturar pelo acido chlorhydrico, depois faz-se evaporar, de maneira a fazer crystallisar a maior parte do chlorureto de potassio, depois precipita-se por meio de bichlorureto de platina, ferve-se por muitas vezes em pequenas quantidades de agua, até que um ensaio feito ao spectroscopio com a parte insolavel deixe ver distinctamente as linhas do rubidium e provavelmente a côr de violeta ao lado das do potassio.

Depois do que se reduz o chloroplatinato de rubidium a um calor moderado em uma corrente de hydrogenio, que por meio de agua quente precipita á temperatura da ebullicão com o bichlorureto de platina; decanta-se ainda quente e reitera-se este tratamento até que o chlorureto duplo, assim como o chlorureto alcalino, retirado por meio da reduccão, não deixe ver ao spectroscopio senão as linhas do rubidium.

A preparação do chlorureto de rubidium é um trabalho que demanda muito cuidado e paciencia; um processo mais abreviado seria por certo bem aceito.

Eis-aqui os factos que resultam d'estas observações:

1.º Se na dissolução diluida de uma mistura formada de chlorurêto de sodium, de potassium e de rubidium, juntando-lhe mais o bichlorureto de platina necessario para transformar todo o chlorureto de rubidium em chloroplatinato, fazendo seguidamente ferver a dissolução, reduzindo-a a um pequeno volume, e conhecer a final que o liquido sobrenadante não retem senão vestigios de rubidium;

2.º Se para operar esta transformação se não empregar sufficiente quantidade de chlorureto de platina, mas que se mantenha a mistura em uma temperatura conveniente mediante o tempo sufficiente, o precipitado será exclusivamente formado de chloroplatinato de rubidium.

F. J. R. LOURINHO

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 643 DA SESSÃO DE 29 DE JULHO DE 1865

Presidência do sr. F. J. Rodrigues Loureiro

Pelas oito horas da noite declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da antecedente.

O sr. *primeiro secretario* participou não haver correspondencia.

Leu-se a lista dos objectos doados, que foram recebidos com especial agrado.

O sr. *presidente* disse que, na conformidade dos estatutos, esta sessão era especialmente destinada para as eleições dos cargos da sociedade para o vigesimo nono anno, e que portanto passava desde já a

ORDEM DO DIA

ELEIÇÃO DOS PUNCCIONARIOS PARA O VIGESIMO NONO ANNO

Procedendo-se, conforme o artigo 14.º dos estatutos, foram eleitos:

PRESIDENTE

José Tedeschi.

PRIMEIRO VICE-PRESIDENTE

Henrique José de Sousa Telles.

SEGUNDO VICE-PRESIDENTE

Joaquim José Alves.

PRIMEIRO SECRETARIO

Manuel Vicente de Jesus.

SEGUNDO SECRETARIO

Joaquim Urbano da Veiga.

PRIMEIRO VICE-SECRETARIO

Francisco José Cabral de Quadros.

SEGUNDO VICE-SECRETARIO

José Maria Camanho de Carvalho.

THESOUREIRO

Joaquim Ferreira Norberto.

VICE-THESOUREIRO

Pedro Ferreira Norberto.

BIBLIOTHECARIO

José Ferreira da Silva.

VICE-BIBLIOTHECARIO

José de Matos Saraiva.

COMMISSOES

QUIMICA

Manuel Vicente de Jesus, primeiro operador.

Joaquim José Alves, segundo operador.

Claudino José Vicente Leitão, terceiro operador.

Eduardo Germano da Silva Castro, substituto.

SAUDE PUBLICA

Narcizo José Gomes de Souto, vogal.

Joaquim de Sant'Anna Machado Figueiras, dito.

Sebastião Athanasio Estanislau da Silva, dito.

Eugenio Rodrigues de Oliveira, supplente.

PHARMACIA

Joaquim Urbano da Veiga, vogal.

João Augusto Sollar, dito.

Pedro Ferreira Norberto, dito.

Antonio Alves Sabino, supplente.

PHYSICA

Joaquim Ferreira Norberto, vogal.

Francisco José Rodrigues Loureiro, dito.

José de Matos Saraiva, dito.

Joaquim Rodrigues Pereira da Silva, supplente.

HISTORIA NATURAL

Thomás de Aquino Alves, vogal.
 Antonio Joaquim Labate, dito.
 Francisco Maria Nogueira, dito.
 Francisco Rodrigues Barreiro, supplente.

DIREITO PHARMACEUTICO

Henrique José de Sousa Telles, vogal.
 José Tedeschi, dito.
 Francisco Fortunato de Assis, dito.
 Francisco José Cabral de Quadros, supplente.

O sr. *presidente* disse que, estando a hora mui adiantada, não era possível proceder-se à eleição dos delegados da sociedade.

Sob proposta do sr. Correia decidiu-se que a mesa ficaria auctorisada para aquella nomeação, e fechou a sessão eram onze horas da noite, dando para ordem do dia da seguinte a posse dos novos funcionarios e o mais que se offerecer. = Antonio Joaquim Labate, segundo secretario.

ACTA N.º 647 DA SESSÃO DE 9 DE SETEMBRO DE 1863

Presidência do sr. H. J. de Sousa Telles

Pelas oito horas da noite declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

1.º Um officio do sr. Francisco Bernardo dos Santos, em que, depois de manifestar o seu respeito por esta sociedade, termina dizendo que lhe parecia mais conveniente que a sociedade se dirigisse ao primeiro sub-delegado n'aquella cidade, para que elle fizesse a reunião dos socios para a escolha do delegado, acto este para o qual elle tinha sido convidado.

Depois de alguma discussão, em que tomaram parte os srs. Correia, Alves, Telles e Veiga, decidiu-se sob proposta do sr. Correia que o sr. Francisco Bernardo dos Santos fosse novamente instado pela mesa para que quizesse prestar-se a fazer este serviço á sociedade.

2.º Um officio do sr. Vicente Esteves, agradecendo a annuencia da sociedade ao seu pedido, da troca do nosso jornal com a *Revista medico-militar da India portugueza*.— A sociedade ficou inteirada.

3.º Outro officio do sr. J. J. de Sousa Magalhães, em que depois de varias considerações pede se lhe declare a quem deve entregar uma certa quantia que tem em seu poder, proveniente de quotas dos socios.

O sr. *primeiro secretario* informou ter respondido convenientemente a este officio.

Leu-se a lista dos objectos doados, que foram recebidos com especial agrado.

O sr. *Telles* apresentou um exemplar da memoria sobre a tracheotomia no garrotinho, pelo sr. Antonio Maria Barbosa, e que seu auctor offerencia a esta sociedade.

A sociedade recebeu esta offerta com o maior agrado, incumbindo o sr. *primeiro secretario* de dirigir ao offerente um officio de agradecimento.

O sr. *Alves* pediu ser informado de qual tinha sido o resultado obtido pela commissão incumbida de instar com o sr. Tedeschi para retirar a sua escusa.

O sr. *presidente* informou que a commissão tinha cumprido as determinações da sociedade, e tinha conseguido que o sr. Tedeschi, apesar da grande repugnancia que a principio mostrára, retirasse a sua escusa, o que com a maior satisfação participára á sociedade.

ORDEM DO DIA

O sr. *Telles* e o *segundo secretario Veiga* apresentaram duas propostas para socios honorarios.

Na conformidade do regimento foram enviadas á commissão respectiva.

O sr. *presidente* disse que a ordem do dia para esta sessão era especialmente a votação sobre o parecer da commissão de direito pharmaceutico, que approva uma proposta para membro benemerito, parecer que já tinha tido segunda leitura, e consequentemente ia mandar distribuir as espheras para se proceder a esta votação.

Corrido o escrutinio, verificou-se ter sido approvedo unanimemente membro benemerito da sociedade pharmaceutica lusitana o sr. Antonio Fernandes da Costa, pharmaceutico no Rio de Janeiro.

Não havendo nada mais a tratar, o sr presidente fechou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte propostas, pareceres de commissões e segundas leituras, eram mais de dez horas da noite. — *Joaquim Urbano da Veigã*, segundo secretario.

ACTA N.º 643 DA SESSÃO DE 23 DE OUTUBRO DE 1863

Presidência do sr. H. J. S. Telles, primeiro vice-presidente

Pelas oito horas da noite declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Foi lida e approveda a acta da antecedente.

O *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

1.º Um officio da associação industrial portuense, remetendo um exemplar do relatório da commissão dos industriaes do Porto, enviados á exposição de Londres. — Recebido com agrado.

2.º Outro officio do nosso delegado em Monchique, o sr. Manuel Gascon, participando á sociedade a morte do nosso digno consocio o sr. Joaquim de Sousa Nascimento, de Lagos. — A sociedade recebeu esta noticia com profundo sentimento.

3.º Um officio do sr. J. J. de Sousa Magalhães, participando que em vista dos rogos dos nossos consocios d'aquella localidade, elle continuaria a exercer o cargo de delegado da sociedade n'aquella comarca. — Inteirada.

4.º Um officio do sr. Francisco Bernardo dos Santos, participando á sociedade que tendo feito a reunião dos socios residentes n'aquella cidade, para a escolha de delegado, n'ella se tinha resolvido que uma commissão fosse de novo instar o sr. J. J. de Sousa Magalhães, e que tinha a satisfação de annunciar que o mesmo senhor se tinha dignado acceder aos rogos da commissão. — Inteirada, e que se agradecesse ao sr. F. B. dos Santos a sua coadjuvação n'este negocio.

5.º Outro officio da mesa do centro promotor, enviando o programma das disciplinas que se devem leccionar no anno lectivo corrente no instituto industrial. — Inteirada.

6.º Um officio do secretario da escola medico-cirurgica de Lisboa, enviando dois editaes, pedindo se affixassem na porta da casa da sociedade, e se transcrevessem no nosso jornal. — Decidiu-se que se satisfizesse.

7.º Outro officio da mesa do centro promotor, participando á sociedade que Sua Magestade receberia no dia 25 de outubro o centro promotor e associações de Lisboa que desejarem apresentar-lhe os seus respeitos pelo fausto nascimento do Principe Real. — Inteirada.

8.º Outro officio do sr. Antonio da Costa Ferreira Borges, de S. Thiago de Cabo Verde, agradecendo a sua admissão para socio. — Inteirada.

Leu-se a lista dos objectos doados, que foram recebidos com especial agrado.

O primeiro secretario *Manuel Vicente* agradeceu á sociedade o cuidado que lhe tinha merecido durante a sua doença.

O sr. presidente disse que a sociedade tinha cumprido o seu dever, e que o sr. Vicente de Jesus nada tinha que agradecer.

O sr. *Francisco Antonio Rosa* pediu a palavra para agradecer á sociedade a unanimidade com que o tinha admittido.

O sr. *J. D. Correia* pediu a palavra para perguntar se a mesa tenciona ir ao paço cumprimentar El-Rei, pelo fausto nascimento do Principe Real.

O sr. *Veiga* disse que não lhe cumpria a elle tomar a ini-

ciativa para se cumprir aquelle dever, e como o sr. presidente tem estado impedido, eis o motivo por que ainda a mesa não foi, como lhe cumpria, mas que a sua opinião é que deve ir.

O *primeiro secretario Manuel Vicente* apresentou algumas rasões que o levaram a pensar de outro modo.

O sr. *Alves* orou em sentido contrario ao secretario Manuel Vicente, e concluiu pedindo á mesa não demorasse o cumprimento d'aquelle dever.

O sr. *Correia* foi da mesma opinião, e que visto El-Rei ter-se dignado aceitar o diploma de nosso socio protector, a sociedade não devia deixar de fazer o que outras sociedades que não contam Sua Magestade no numero de seus socios têm feito.

Depois de mais alguma discussão decidiu-se que o primeiro secretario, pelos meios ao seu alcance, providenciasse para que a mesa fosse, quanto antes, cumprimentar Sua Magestade.

ORDEM DO DIA

O sr. *José Dionysio Correia* mandou para a mesa uma proposta para socio correspondente nacional, assignada pelo sr. F. J. Rodrigues Loureiro, proposta que declarou urgente.

Approvada a urgencia e corrido o escrutinio verificou-se ter sido approvado unanimemente para socio correspondente nacional o sr. Antonio José Pereira Martins, pharmaceutico estabelecido em Guimarães.

O sr. *Correia* pediu a palavra para ponderar á mesa a necessidade em que a sociedade está de promover uma maior concorrência ás suas sessões, e que se lembrava seria talvez conveniente, para se conseguir este fim, a mesa propor questões importantes, para d'ellas se tratarem nas proximas sessões; que alem d'isso pedia a todos os socios presentes, quizessem ter a bondade de satisfazer ao pedido que fizera, quando em sessão participou a sua nomeação, e de mais alguns collegas, para constituirem a commissão de revisão do regimento dos preços; que este pedido consistia em os so-

cios mandarem alguns esclarecimentos, e lembrarem mesmo alguns inconvenientes que a pratica lhes tivesse mostrado deverem desaparecer no futuro regimento.

O sr. *presidente* pediu ao sr. *Correia* quizesse formular os quesitos da sua proposta.

O sr. *Correia* disse que pedia se propozesse para ordem do dia as reflexões sobre o regimento dos preços.

Os srs. *Lazaro* e *Quadros* propozeram que a commissão apresentasse um projecto de regulamento, para sobre elle se encetar a discussão.

O sr. *Correia* disse que o caracter d'aquella commissão era todo official, e que portanto não podia vir consultar a sociedade sobre um trabalho de que tinha sido incumbida por um decreto; que o que elle sr. *Correia* pedia, era que socios estabelecidos, que depois se deviam servir do regimento, fizessem algumas reflexões sobre alguns pontos do regimento ultimo, para a mesma commissão tomar na devida conta.

Depois de mais alguma discussão foi approvada a proposta do sr. *Correia*.

Estando a hora adiantada, o sr. *presidente* fechou a sessão dando para ordem do dia da immediata, primeira parte, propostas; segunda, reflexões sobre o regimento dos preços, pareceres de commissões e segundas leituras. Eram mais de dez horas da noite. = *Manuel Vicente de Jesus*, primeiro secretario.

VARIEDADES

Meio de pulverisar o phosphoro.—Quando se agita em um frasco o phosphoro fundido com a urina reduz-se facilmente a pó. O sr. *Boettger* reconheceu igualmente que se obtem o mesmo resultado mediante uma dissolução de urea. Ignora-se o modo como a urea actua n'esta circumstancia; mr. *Scheff* julga haver conhecido que este principio immediato se decompõe repentinamente.

Antiputrido.—O extracto de pau campeche e a manteiga commum são hoje considerados como os melhores e mais promptos antiputridos, e diz-se que é de muita utilidade no tratamento das ulceras fungosas e gangrenosas, cancrs ulcerados e erysipelas.

Ortigas mercuriaes (mercurialina).—O sr. Reichardt acaba de obter este novo alcaloide liquido e volatil submettendo as folhas das mercuriaes á distillação com um excesso de cal viva, por cujo meio obtem um liquido com cheiro fortemente narcotico.

Algodão polvora.—Em New-York foi fulminado o celebre chimico Drombach pela explosão de 30 libras de algodão polvora que elle empacotava, o que de certo não podia prevenir, porque não consta ainda até hoje que pela compressão tenha occorrido um tal successo.

Methodo para dissolver os alcaloides nos oleos.—O sr. Alfíel recommenda o seguinte processo:

Triture-se o alcaloide, bem secco, com acido oleico, e digira-se por algum tempo a calor brando: os oleatos assim obtidos ficam misciveis em todas as proporções aos oleos graxos.

Meio de reconhecer a pureza do iode pelos sulphitos.—O sr. Hesse aconselha, para reconhecer a pureza do iode em poucos minutos, o emprego do sulphito de ammonia, que estando em um grau de concentração conveniente, dissolve o iode completamente, estando puro. A solução filtrada pôde precipitar-se, querendo, pelo nitrato de prata. O precipitado de iodureto de prata pôde conter algum sulphito, o que se conhecerá fervendo-o em agua que contenha uma pequena quantia de acido citrico.

Associação medica italiana.—Com este nome formaram os medicos, pharmaceuticos e veterinarios de Italia uma sociedade, que tem por objecto:

- 1.º A prosperidade da familia medica;
- 2.º Protecção e defeza dos seus interesses;
- 3.º A dignidade profissional;

4.º O melhoramento das instrucções sanitarias;

5.º O progresso da sciencia.

Esta sociedade vae estendendo-se rapidamente por todas as principaes cidades de Italia, excitando entre os associados os desejos que se realizem seus justos e louvaveis intentos de prosperidade e ventura para a familia medica.

Inconvenientes do tabaco. — O sr. Sichel chamou a attenção dos medicos inglezes ácerca da amaurose produzida pelo uso do tabaco. Cita tres casos em que a perda de vista julga que removia esta causa; porém o sr. Hart o argue dizendo que não tem visto a amaurose em fumadores apaixonados, observando, pelo contrario, em mulheres e creanças, que não fumavam.

Meio seguro para tirar as manchas do nitrato de prata. — Entre os diversos meios recommendados para tirar as manchas do nitrato de prata se contam o chlorureto de soda, o iodureto de potassio e o hypo-sulphito de potassa; porém nem sempre se consegue bom resultado com estes corpos.

Existe outro meio, o cyanureto de potassio iodurado, com o qual se destroem sempre, e com toda a segurança, as referidas manchas não só da pelle, mas tambem da roupa branca. Para este effeito tocam-se as manchas com um pincel embebido em uma dissolução de cyanureto de potassio, e depois com o mesmo pincel se applica em cima um pouco de iodo em pó.

Mais um novo metal. — A favor da analyse espectral acabam de descobrir um novo corpo simples dois chimicos da escola de minas de Fresberg. Pela cor indigo se propõem denominá-lo *indium*!

Propriedades toxicas dos preparados de thallium. — Das experiencias do sr. Lamy, nos compostos do thallium em ensaios em animaes, concluiu propriedades altamente toxicas, pois produzia laxidão e dor nas extremidades inferiores; 1 decigramma de sulphato de thallium foi quanto bastou para matar um cão pequeno em quarenta horas.

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO

A

- Acido acetico crystallisavel (sobre a preparação do). 297.
Acido bismuthico (preparação do). 43.
Acido carbonico liquido, e sobre a solubilidade do carbonico. 330.
Acido phenico (aplicações do) á medicina. 106.
Acido sulphurico (envenenamento pelo). 12.
Acta da sessão solemne anniversaria de 24 de julho de 1863. 245.
Actas (extracto das) das sessões litterarias. 45, 35, 49, 79, 110, 231, 244, 298 e 334.
Alcaloide volatil encontrado na digitalis purpurea (sobre um). 296.
Alcaloides (meio de dissolver os) nos oleos. 342.
Alcaloides vegetaes (methodo para dosar os) que entram nas preparações pharmaceuticas. 345.
Alcaloides venenosos (reactivos para os). 294.
Algodão polvora. 342.
Aloes (pesquisa sobre a natureza do). 71.
Analyse chimica de antigos collyrios romanos. 312.
Annuncio bibliographico. 260.

- Annuncios. 320.
Antigos collyrios romanos (analyse chimica de). 312.
Antiputrido. 341.
Aphonia (remedio contra a). 62.
Aplicações do acido phenico á medicina. 106.
As inoculações syphiliticas e vaccino syphiliticas, sua prevenção, diagnostico e tratamento. 120.
Associação medica italiana. 342.
Avisos. 101, 279 e 280.

B

- Benzoato de ammonia (preparação do) contra a albuminuria e es-carlatina. 105.

C

- Calculo biliario (exame chimico de um) apresentado á academia de medicina. 27.
Capsulas de copahiba e alcatrão. 64.
Carbonato de chumbo (pomada de). 65.
Carbonato de ferro effervescente. 5.
Casca do pinho (principios descobertos na casca do). 130.

Chloro bromureto de bismutho e ammoniaco. 43.

Chloroformio (emprego do) como meio de modificar o sabor dos medicamentos. 4.

Chloroformio (pomada de). 64.

Collodio com perchlorureto de ferro. 300.

Composição das folhas do papel de estanho. 119.

Compostos (observações sobre os) de base de protoxydo de ferro, e sobre o proto iodureto de ferro. 46.

Conservação (nota sobre a) das substancias alimentares e organicas. 24.

Consulta da sociedade pharmaceutica lusitana sobre as pilulas de iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard, pelo sr. Manuel Vicente de Jesus. 237.

Curso de microscopia. 119.

D

Decreto de 28 de outubro de 1862, approvando o regulamento de saude das provincias ultramarinas. 114.

Discurso proferido pelo presidente da sociedade o sr. F. J. R. Loureiro. 161.

Dosagem do acido azotico pela conversão em ammonia. 317.

E

Emprego do permanganato de potassa no tratamento do ozena. 310.

Ensaios sobre a temperatura da agua lançada em vasos fortemente aquecidos. 85.

Envenenamento pelo acido sulphurico. 12.

Enxofre soluvel no sulphureto de carbonio (nota sobre a preparação do). 67.

Estudos sobre a oxaluria. 66.

Exame chimico de um calculo biliar apresentado á academia de medicina. 27.

Extracto hydralcoolico do fucus vesiculosus. 311.

F

Frieiras e gretas da pelle (pomada contra as). 63.

Fucus-vesiculosus (extracto hydralcoolico de). 311.

G

Glycerolado composto contra o prurido da primeira denteição. 106.

Glycerolado de extracto de ratanhia. 310.

Glycerolado de iodureto de ferro. 4 e 310.

Glycerolado de iodureto de potassio. 65.

Glycerolado de laudano. 309.

Glycerolado de perchlorureto de ferro. 309.

Glycerolados de base mineral. 309.

I

Iodo (meio de reconhecer a pureza do) pelos sulphitos. 342.

Iodureto de ferro (glycerolado de). 4 e 310.

Iodureto de ferro com glicerina (xarope de). 309.

Iodureto de potassio (glycerolado de). 65.

Iodureto de potassio (pomada de). 65.

L

Lactato de ferro (methodo vantajoso para obter o). 195.

- Leis respeitadas. 349.
 Lista dos doadores e objectos
 doados, durante o vigesimo
 oitavo anno. 156.

M

- Manganato de potassa (per) e sua
 preparação. 331.
 Medicamentos para senhoras mel-
 lindrosas e estomagos delicados.
 20.
 Meio de destruir as manchas do
 acido nitrico. 20.
 Meios para reconhecer a presen-
 ça dos metaes nas aguas distilla-
 das. 41.
 Meios que devem empregar-se para
 reconhecer a natureza das prin-
 cipaes materias corantes, cujo
 uso é prohibido. 88.
 Mercurialina. 342.
 Metal novo (mais um). 343.
 Methodo para dosar os alcaloides
 vegetaes que entram nas prepa-
 rações pharmaceuticas. 315.
 Methodo vantajoso para obter o
 lactato de ferro. 195.
 Morte pelo tabaco. 59.

N

- Necrologia. 120.
 Neuralgias faciaes. 62.
 Nickel puro (preparação do). 293.
 Nitrato de prata (modo seguro de
 tirar as manchas do). 343.
 Nitronaphthalina, naphthylauina e
 seus derivados colorados. 24.
 Nota sobre a conservação das sub-
 stancias alimentares e organica-
 s. 21.
 Nota sobre a preparação do enxofre
 solúvel no sulphureto de
 carbonio. 67.
 Novo contador de gotas. 60.
 Novo hemostatico. 317.
 Novo processo para determinar a
 presença do chumbo na urina.
 100.

- Novo systema de embalsamamento.
 20.

O

- Observações sobre os compostos
 de base de protoxydo de ferro,
 e sobre o proto iodureto de fer-
 ro. 46.
 Observações sobre a importancia
 do chloroformio, como meio de
 privar os medicamentos de sa-
 bor amargo. 61.
 Offerta. 20.
 Oleo que resulta da acção dos aci-
 dos sobre o ferro. 260.
 Ordenança concernente ás confei-
 tarias, ás substancias alimenta-
 res, aos utensilios, vasos de co-
 bre, etc. 90.
 Ortigas mercuriaes. 342.
 Oxaluria. 66.
 Ozono. 49.

P

- Papeis para embrulhar substancias
 alimenticias. 88.
 Paralbumina (sobre a). 42.
 Parecer da commissão de chimica
 sobre a composição das pilulas
 de iodureto de ferro preparadas
 pelo sr. Manuel Vicente de Jesus.
 239.
 Parecer da commissão de phar-
 macia acerca das pilulas de
 iodureto de ferro preparadas
 pelo sr. Manuel Vicente de Je-
 sus. 233.
 Pepsina pura (sobre a).
 Permanganato de potassa (emprego
 do) no tratamento do ozena. 310.
 Pharmacopéa legal. 300.
 Phosphato calcico como succeda-
 neo do subnitrate de bismulho. 3.
 Phosphoro (meio de pulverisar o).
 341.
 Phosphoro (reactivo para descobrir
 o) nos casos de envenenamento.
 300.
 Pilulas de iodureto de ferro (parecer
 da commissão de chimica acerca

- das) preparadas pelo sr. Manuel Vicente de Jesus. 239.
- Pilulas de iodureto de ferro (parecer da commissão de pharmacia sobre as) preparadas pelo sr. Manuel Vicente de Jesus. 238.
- Pilulas de iodureto de ferro (consulta da sociedade acerca das) preparadas pelo sr. Manuel Vicente de Jesus. 237.
- Pilulas de phosphoro contra as affecções nervosas e chloroticas. 109.
- Poção de benzoato de ammonia, contra a albuminuria e escarlatina. 405.
- Policia pharmaceutica. 52.
- Pomada antipsorica de Helmerik. 65.
- Pomada de carbonato de chumbo. 65.
- Pomada contra as frieiras e fevdas. 230.
- Pomada contra as frieiras e gretas da pelle. 63.
- Pomada de chloroformio. 64.
- Pomada de iodureto de potasio. 65.
- Preparação do nikel puro. 293.
- Preparação (sobre a) do acido acetico crystallavel. 297.
- Principios descobertos na casca do pinho. 230.
- Processo (novo) para determinar a presença do chumbo na urina. 100.
- Programma das questões scientificas. 255.
- Projecto para a reforma do curso pharmaceutico. 56.
- Prophylactico contra a syphilis. 229.
- Proposta apresentada pelo sr. José Tedeschi em sessão de 25 de agosto de 1859. 94.
- Proposta (parecer da commissão de direito pharmaceutico acerca da) apresentada pelo sr. José Tedeschi em sessão de 25 de agosto de 1859. 96.

Q

- Quadro estatistico do serviço a cargo do conselho de saude naval e do ultramar. 119.

Quadro (resumo do) da sociedade com as alterações occorridas no vigesimo oitavo anno litterario. 296.

R

- Reactivo para descobrir o phosphoro nos casos de envenenamento. 300.
- Reactivos para os alcaloides venenosos. 294.
- Reforma (projecto de) do curso pharmaceutico. 56.
- Regulamento geral do serviço de saude das provincias ultramarinas. 115.
- Relação dos socios atrazados para com a thesouraria da sociedade. 40.
- Relatorio dos trabalhos pertencentes ao vigesimo oitavo anno litterario da sociedade pharmaceutica lusitana. 245.
- Remedio contra a aponhia. 62.
- Remedio contra as nevralgias faciaes. 62.
- Reparação do acido bismuthico. 43.
- Representação da sociedade, dirigida ao governo, sobre a melhor organização do curso pharmaceutico nas tres escolas. 55.
- Requerimento que a sociedade dirigiu ao governo, pedindo a suspensão de portarias para exames de pharmacia. 58.
- Resumo do quadro da sociedade, com as alterações occorridas no vigesimo oitavo anno litterario. 258.
- Rubidium (preparações dos derivados) do. 332.
- Rubidium (sobre a presença do) em certo numero de vegetaes. 22.

S

- Saes de estanho, succedaneos do subnitrate de bismutho. 6.

Sessão solenne anniversaria (acta da) da sociedade pharmaceutica lusitana. 245.

Sessões litterarias (extractos das actas das). 15, 35, 49, 79, 110, 231, 244 e 298.

Sobre a presença do rubidium em um certo numero de vegetaes. 22.

Sobre um alcaloide volatil encontrado na digitalis purpurea. 296.

Sociedade das sciencias medicas. 59.

Socios (relação dos) atrazados para com a thesouraria da sociedade pharmaceutica lusitana. 245.

Spradrappo estibiado. 329.

Substancias corantes, que podem ser empregadas na preparação dos bolos, pastilhas, confeitos e licores. 87.

Substancias que não devem empregar-se na preparação dos doces e licores. 88.

Sulphato de atropina crystallisado. 296.

Synopse explicativa das amostras de madeiras, drogas medicinaes e de outros objectos, mormente ethnographicos, colhidos na pro-

vincia de Angola. 81, 101, 221, 241, 281, 301 e 321.

T

Tabaco (inconvenientes do). 343.

Tannato de manganez, como agente toxico e antiperiodico. 63.

Thalium (propriedades toxicas dos preparados do). 343.

Thalium (sobre a existencia do), novo metal. 8.

Tisana de Feltz. 320.

U

Unguento de Rhasis. 65.

X

Xantina (sobre um deposito de) em uma urina pathologica. 109.

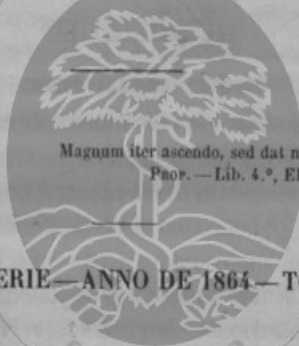
Xarope de balsamo do Brazil. 329.

Xarope de iodureto de ferro com glicerina. 5 e 309.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA

LUSITANA



Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires
Pnoe. — Lib. 4.º, Eleg. 18.º

QUARTA SERIE — ANNO DE 1864 — TOMO V

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

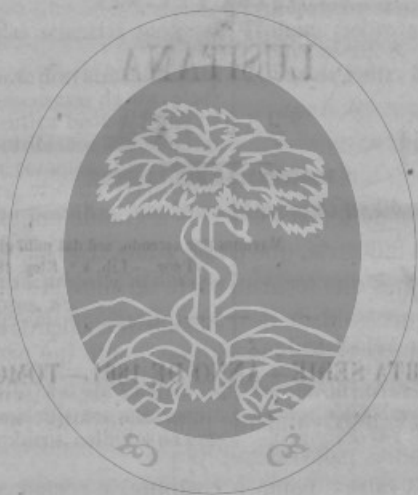
LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1864

JORNAL

SOCIEDADE PHARMACEUTICA



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

LISBOA
IMPRESSA NACIONAL

1884

JORNAL

DA

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

PHARMACIA

CONSERVAÇÃO DOS LEGUMES

É publico e de todos conhecida a grande importancia existente hoje na industria, que tem por fim a conservação das verduras e legumes que formam parte do alimento do homem, e que este por necessidade deve levar consigo, já para a guerra, já para as longas viagens maritimas, onde lhe não é possível have-las de outro modo, se quer conservar a saude e livrar-se de ser dizimado horriavelmente pelo escorbuto. Diremos a este respeito algumas palavras.

Lavadas as raizes, como é costume, e cortadas em rodas, como se faz á batata, e em tiras, ou abertas longitudinalmente, e inteiros os legumes verdes e ainda tenros; dispostos assim em fórma os ingredientes, cuja conservação se pretende, submettem-se a uma ebullição em caldeiras, em cujo fundo se faz entrar o vapor conduzido ali por meio de um tubo. Dentro d'estas caldeiras de fórma concentrica, feitas de latão ou cobre, contendo as substancias com sufficiente quantidade de agua, que as cubra apenas, se applica então a corrente do vapor até que a agua entre em ebullição, a qual só deve durar um minuto.

Não se agitam as substancias enquanto permanecem na caldeira, para evitar que se partam, como acontece quando a agitação se faz com espatulas ou colhières.

Terminado o minuto da fervura tira-se o vaso que contém as substancias, e acto continuo leva-se á estufa ou seccador, cuja disposição é a seguinte:

Figure-se uma grande lanterna atravessada por um eixo transversal ou longitudinalmente suspensa por este eixo ao alto ou ao comprido, de maneira que possa receber um movimento de rotação. Imagine-se que nas largas barras da lanterna estão suspensos uns bastidores animados do movimento oscilatorio ou de vae-vem, nos quaes se suspendem ou põem as substancias chegadas da ebullicão. Supponhamos finalmente que cada uma d'estas lanternas se acha em uma grande caixa ou camara, dentro da qual um ventilador lança constantemente uma corrente de ar secco e quente, havendo na mesma camara um tubo que dê saída ao mesmo ar, saturado do vapor aquoso.

Neste estado a deseccação marcha de uma maneira rapida e igual, sem necessidade de revolver o corpo que se secca pela simples rasão de que está sempre em movimento, com o qual se supprime os agitadores ordinarios que se empregam nas fabricas e que evitam que as substancias se quebrem ou despedacem, poupando-se tambem os salarios que havia a satisfazer por outro qualquer methodo.

Com o movimento agitatorio das lanternas consegue-se tambem um grande movimento no ar que rodeia as mesmas, fazendo tambem com este movimento saturar com igualdade o ar inferior e superior das mesmas camaras, onde funcionam as lanternas mencionadas.

A temperatura d'estas camaras deve ser entre $+ 75^{\circ}$ e 80° , e por este meio consegue-se que os legumes verdes e as hortaliças conservem seu aroma e cheiro, que lhe é peculiar, aindaque mais frouxos; pelo menos assim o certificam muitos fabricantes e consumidores.

Não se deve empregar maior grau de calor na deseccação das verduras para não perderem completamente o aroma.

Depois de seccas empacotam-se, e para isto empregam pedacos de papelão fino de fórma prismatica que tenham livres

ambos os extremos das faces lateraes, de maneira que dobrando-se uns sobre os outros em cada extremidade constituam a base do prisma, e para isto ha de antemão um banco de trabalho, cuja tábua tenha de grosso o que o prisma deve ter de alto, na qual se praticam perfurações proprias para receber os prismas. Por baixo d'estas perfurações se acha uma cavilha, que movida por uma alavanca que recebe o movimento do pé do obreiro, sustem desde logo na respectiva perfuração o prisma de papelão, e mais tarde o faz chegar a cima. Tambem se deve ter um funil de folha cuja extremidade do tubo tenha as dimensões do prisma indicado, no qual se introduz; dobram-se os lados que devem formar o fundo d'este, e collocado já na perfuração do banco se introduzem n'elle as substancias por meio do funil, comprimindo-as com uma haste de pau massica, e quando cheio retira-se o funil e dobram-se sobre a base superior do prisma os bordos que devem fecha-lo; empurra-se então para fóra da cavidade onde se preparou, e, acto continuo, cobre-se com um papel grosso collado.

Antes de proceder a esta operação é preciso que as substancias seccas e frageis como saíram da estufa sejam collocadas por algumas horas n'uma camara onde haja uma atmosfera humida, a fim de que fixando alguma porção de agua, por effeito de sua grande hygrometricidade, percam a extrema fragilidade, que seria a causa de se reduzirem a pequenos fragmentos durante a pressão a que são submettidas para as empacotar.

F. J. R. LOUREIRO.

(Elrestaur, Pharmæ)

QUÍMICA

ACIDOS DE USO MAIS FREQUENTE EM PHARMACIA

Acido sulphurico monohidratado $SO^3 HO = 49$

(acido sulphurico inglez, oleo de vitriolo)

O acido sulphurico é um producto de grande consumo, que uma industria especial fornece ao commercio e á pharmacia.

Este acido não só tem muito uso como medicamento, co-

mo tambem serve para obter muitos outros productos pharmaceuticos, especialmente para preparar differentes outros acidos.

Importa pois muito que elle seja cuidadosamente purificado antes de se empregar nas officinas e nos laboratorios, porque pôde conter, e effectivamente algumas vezes contém, chumbo ou estanho, sulphato de potassa e compostos nitrados, acidos arsenioso, arsenico, selenico e fluoryhdrico.

Quando elle contém chumbo ou estanho perturba-se e deixa depositar um pó branco quando se dilue em agua.

Saturado pela ammonia e fazendo-o atravessar por uma corrente de sulphydrico obtem-se um precipitado que varia desde o pardo escuro ao negro intenso, segundo a quantidade de chumbo n'elle contida.

Se o acido sulphurico contém sulphato de potassa evapora-se uma pequena quantidade d'elle n'uma capsula de porcellana ou melhor de platina, e obtem-se um residuo salino soluvel em agua, que apresenta todos os caracteres do sal potassico.

Quando contém compostos nitrados conhece-se logo, juntando-lhe uma pequena quantia da solução de sulphato de protoxydo de ferro; a mistura toma logo uma côr escura, purpurea ou violacea, segundo a quantidade dos compostos azotados que encerra; é porém necessario, para que a experiencia não illuda, empregar o seguinte meio:

Verte-se uma porção do acido suspeito n'um copo de ensaio, juntam-se-lhe algumas gotas de uma solução bem concentrada de sulphato de ferro, deixando-as em contacto sem as agitar. Se o acido contiver algum dos principios nitrados apparecerá logo em cada ponto do contacto uma côr negra que se vae estendendo a toda a massa do liquido; se os compostos nitrados são em diminuta quantia a côr será rubro-escura, e purpurina se apenas contiver vestigios dos compostos azotados.

O sulphato de ferro é n'este caso um reactivo muito sensivel, e é o meio pelo qual podemos descobrir no acido sul-

phurico a mais diminuta quantia, dois millesimos de productos nitrados.

Quando o acido é extrahido das pyrites, como hoje acontece n'um grande numero de fabricas, contém de ordinario acidos arsenioso e arsenico, o que facilmente se conhece pelo ensaio no apparelho de Marsh, com o zinco bem puro.

Reconhece-se a presença do acido selenico diluindo o acido suspeito n'uma pequena quantia de agua e juntando-lhe algumas gotas de acido chlorhydrico e uma pequena quantia de sulphato de soda; o acido selenico reduz-se ao estado selenioso seguidamente, é destruido pelo acido sulphuroso, deixando depositar o selenio debaixo da fórma de pó amarello, e depois rubro-cynabrio. Quando a quantia é infinitamente pequena é necessario levar a mistura á ebulição com que o selenio se precipita em qualquer quantidade em pó negro composto. Se o acido sulphurico contém alguma, ainda que pequena, quantia de acido fluorhydrico, conhece-se aquecendo-o n'um cadinho de platina coberto com uma lamina de quartz, quando esta perde o polimento pela acção dos vapores fluorhydricos.

Este acido pelo papel que representa tanto em chimica como na therapeutica, deveria ser cuidadosamente purificado, qualquer que fosse a sua origem no commercio; e o melhor meio de evitar delongas consiste em o aquecer com uma diminuta quantidade de sulphato de ammonia, para lhe separar os compostos nitrosos, ficando a agua unida ao acido. Assim desembaracado dos compostos nitrosos que contém introduz-se n'uma retorta de vidro, cujo collo entre pouco na tubuladura de um balão recipiente, sem luto nem rolha.

A retorta cheia do acido até os dois terços é collocada sobre uma grelha circular que contenha uma cavidade hemispherica propria, destinada a sustenta-la; cobre-se a retorta de uma cupula simicircular e na galeria exterior da grelha põem-se carvões accesos a fim de aquecer a retorta só pelos lados e por cima; o acido sulphurico em vapor se condensa

então no collo da retorta e do balão; o liquido corre para o recipiente, e por este meio evitam-se os sobresaltos que o acido costuma dar na retorta, quando esta se aquece em forno ordinario; podem prevenir-se estes sobresaltos introduzindo na retorta fios de platina, destinados a conduzir o calor quando a fervura é sustentada de maneira a volatilisar as duas terças partes do liquido, suspendendo-se a operação; convem mesmo para obter um acido muito puro rejeitar os primeiros productos distillados e substituir o balão recipiente logoque contenha 50 grammas do liquido, pouco mais ou menos; deixa-se esfriar o acido obtido na segunda parte da operação, e conserva-se n'um frasco bem secco e de rollia esmerilhada.

O acido sulphurico medicinal deve ter apparencia oleaginosa, incolor e inodora, extremamente caustico, de densidade de 4,842 á temperatura de 20°; elle deve dar 66° no pesa acidos, e ferver á temperatura de 326°; exposto ao ar ennegrece carbonisando as materias organicas que giram na atmosphera; como elle attrahe ao mesmo tempo a humidade do ar com grande força, importa muito conserva-lo em frascos bem rolhados.

Acido sulphurico alcoolisado, ou agua de Rabel

Para obter este producto basta lançar, pouco a pouco, agitando continuamente, uma parte de acido sulphurico monohidratado em tres partes de alcool a 85° n'uma capsula de porcellana. A mistura obtida, depositando, decanta-se com cuidado e conserva-se n'um frasco bem rolhado.

Acido sulphuroso $SO^2 = 32$

O acido sulphuroso não é senão propriamente fallando uma substancia officinal, é gazoso á temperatura ordinaria e a sua solução aquosa se altera facilmente ao contacto do ar.

Não obstante este acido é muitas vezes empregado na medicina, em solução na agua; é necessario pois para o obter no estado de pureza que o pharmaceutico o prepare por sua mão.

É simples a preparação d'este acido. Para o obter basta

adaptar a um frasco proprio para o lavar uma serie de frascos de Woulf, cheios até á terça parte de agua distillada, privada do ar pela ebullição, terminando o apparelho por uma proveta, contendo uma solução de carbonato de soda, na qual se faz mergulhar um tubo addutor do apparelho, quer dizer, do ultimo frasco, a fim de que o acido sulphuroso se não espalhe no laboratorio.

Estando todas as junturas do apparelho bem lutadas aquece-se ligeiramente até o momento em que se veja funcionar: é então necessario retirar-se o fogo, e a operação marchará rapidamente e com regularidade. A operação termina quando a emanação do gaz se torna consideravel na proveta; finalmente só se póde obter uma solução saturada perdendo-se uma quantia consideravel de gaz, porque elle é pouco soluvel na agua, como se sabe.

É possivel facilitar a sua solução augmentando um pouco a pressão do apparelho; basta para isto fazer chegar a extremidade do tubo da proveta ao fundo d'esta, contendo 10 a 12 centimetros de mercurio.

Nós preferimos o cobre ao mercurio na preparação do acido sulphuroso, porque o primeiro d'estes metaes é mais barato e é mais facilmente atacavel pelo acido sulphurico; a operação marcha mais facilmente por este methodo do que pelo indicado pelo codex de 1837, e exige menos calor.

No estado de pureza o gaz sulphuroso é incolor, de cheiro picante e caracteristico do enxofre em combustão, de sabor acido e acre algumas vezes; sua densidade é de 2,234 á temperatura de 15°; é contrario á combustão e á respiração.

A sua solução aquosa deve marcar 7 graus no areometro á temperatura ordinaria; ella contém perto de trinta e sete vezes o seu volume de gaz, e apresenta todas as propriedades d'aquelle; sua densidade a 15° é de 1,053. Ella absorve com avidéz o oxygenio do ar, e o acido sulphuroso que contém se acha então convertido em acido sulphurico; é pois importante conservar os frascos cheios do liquido e bem rolhados.

Acido azotico (acido nitrico, espirito de nitro, agua forte)

Az O⁵, HO = 63

O acido azotico é um producto que o commercio fornece abundantemente á pharmacia, que apresenta taes variações em sua composição que é impossivel ou quasi impossivel ao pharmaceutico obte-lo puro e de uma força constante quando o não prepara no seu laboratorio.

A formula do codex francez de 1837 manda distillar juntamente uma parte de nitrato de potassa e outra de acido sulphurico a 66°, e obtem-se um acido muito concentrado que se reduz pela addição da agua distillada ao grau de diluição necessaria. Em geral elle marca até 40° no pesa acidos de Beaumé, diz o citado codex, mas o do commercio raras vezes marca mais de 36°.

Sabido é, com effeito, que o acido azotico monohidratado ou fumante contém sempre 14,5 por 100 de agua, de constituição, terminando em 86°, e possui a densidade de 1,510 á temperatura de 18°, marcando 49° no pesa acidos.

Este acido exposto ao calor e á luz decompõe-se em parte e se converte na allonga em acido mais fraco, que contém quatro equivalentes de agua, terminando a 123°, possuindo a densidade de 1,422, e pesa 42° no pesa acidos; é este acido quadrihydratado, que se obtem ordinariamente submettendo o acido monohidratado á distillação.

Como por outra parte é conduzido ao estado de acido quadrihydratado qualquer acido azotico em o diluindo na agua e submettendo-o á distillação e evaporação, resulta d'aqui que o acido quadrihydratado é um corpo estavel que se pôde adoptar como acido medicinal.

Devemos pois conservar o acido monohidratado como proprio para obter o acido quadrihydratado por uma simples addição de agua distillada.

Para obter da natureza o acido monohidratado tomam-se:

Azotato de potassa fundido e pulverisado ... 1:000

Acido sulphurico depurado e rectificado ... 950

Introduz-se o sal n'uma retorta de vidro tubulada e junta-se-lhe o acido por meio de um funil, de maneira a cair directamente sobre o sal sem tocar as paredes da retorta; collada a retorta sobre a grade do forno do laboratorio adapta-se-lhe um balão mettido n'uma terrina para o resfriar por meio de uma corrente de agua. Não se emprega luto nem tampa que possa colorar o acido ou ser atacado pelos vapores acidos. Assim disposto o aparelho aquece-se a retorta a pouco e pouco por meio de carvões candentes, augmentando gradualmente, de maneira que o acido se condense gota a gota; na proximidade do fim da operação vêem-se decompor abundantes vapores rutilantes que enchem toda a capacidade da retorta; alguns instantes depois os vapores vermelhos desaparecem e o acido distilla regularmente; finalmente os vapores rutilantes apparecem novamente e a operação está terminada. O acido monohidratado assim obtido, ainda mesmo com as primeiras materias puras, contém todavia acido sulphurico, e acidos azotoso e hypo-azotico volatilizados ou formados durante a operação; por outra parte, como o nitro do commercio, contém todavia vestigios de chloruretos, o acido azotico contém indispensavelmente uma pequena quantidade de chloro. Reconhece-se a presença do acido sulphurico diluindo o acido azotico em agua, juntando-lhe a solução de azotato barytico; forma-se um precipitado branco de sulphato barytico. A presença do chloro é logo indicada pelo azotato de prata, juntando-se-lhe gota a gota, debaixo da fórma de solução concentrada, que forma um precipitado branco de chlorureto de prata.

Desembarça-se facilmente o acido azotico do chloro e do acido sulphurico tratando-o por uma solução de azotato de prata, gota a gota, até que se não forme mais precipitado; deixa-se depositar aquelle, decanta-se o liquido claro e se distilla sobre uma pequena quantidade de azotato de baryta.

Raras vezes ha necessidade do acido azotico, isento inteiramente dos compostos nitrosos; mas quando seja preciso obtello assim basta distilla-lo adicionando-lhe uma pequena quantia de azotato de uréa ou de $\frac{1}{1000}$ de bichromato de potassa;

no primeiro caso, os compostos nitrosos se destruirão; no segundo, serão oxydados e convertidos em acido azotico. Para purificar o acido azotico do commercio empregar-se-hão os mesmos meios; este contém muitas vezes acido iodico, proveniente dos ioduretos contidos de soda do commercio; conhece-se este acido iodico por meio do zinco, que põe o iodo em liberdade, e do sulphureto de carbone, que dissolve este ultimo, tornando-o côr de purpura.

As materias salinas fixas contidas no acido azotico do commercio podem isolar-se pela evaporação, ficando na retorta quando se distilla de novo.

O acido monohidratado, levado assim ao estado de pureza, transforma-se em acido quadrihydratado, e por uma addição de agua distillada reduz-se á densidade de 1,422.

O acido azotico misturado com o alcool produz o acido nitrico alcoolisado ou espirito de nitro dulcificado, ou alcool nitrico.

Acido nitrico a 34°	1 parte
Alcool a 85°	3 partes

Misturem-se em um frasco bem rolhado.

(Continuar-se-ha.)

F. J. R. LOUZEIRO.

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 648 DA SESSÃO DE 9 DE DEZEMBRO DE 1865

Presidencia do sr. H. J. de Sousa Telles

As sete horas da noite abriu-se a sessão.

Leu-se a acta da antecedente, que foi approvada.

O sr. *primeiro secretario* leu a seguinte

CORRESPONDENCIA

Um officio do nosso delegado do Porto, o sr. João José de Sousa Magalhães, remettendo a copia da representação que os nossos socios d'aquella cidade apresentaram a Sua Mage-

tade por occasião da sua visita áquella cidade, e participando o desgosto por que acabáva de passar o nosso collega o sr. Francisco Bernardo dos Santos, com a morte de seu pae.— A sociedade ouviu esta noticia com profundo sentimento.

O sr. *Alves*, obtendo a palavra, disse que a iniciativa tomada pelo nosso delegado e socios do Porto era digna da maior consideração, e por isso propunha se officiasse a este senhor louvando tão nobre procedimento, e bem assim que se publicasse no jornal a felicitação que dirigiram a Sua Magestade.

O sr. *Correia* abundou nas mesmas idéas, sendo estas propostas aceitas e unanimemente approvadas pela sociedade.

Outro officio do sr. Francisco Bernardo dos Santos, agradecendo os pezames que em nome da sociedade lhe foram dirigidos.

Um officio do sr. Antonio José Pereira Martins, agradecendo á sociedade a sua nomeação.

Um officio do sr. Francisco Antonio Rosa, participando não poder comparecer á sessão, e enviando algumas considerações sobre a reforma do regimento dos preços.

Outro officio do sr. Tedeschi, pedindo a sua exoneração de presidente.— Foi aceita.

Passou-se á

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

PROPOSTAS

Uma do sr. *Alves*, propondo para socio effectivo d'esta sociedade o sr. Antonio Manuel Augusto Mendes, pharmaceutico estabelecido na rua da Cruz de Santa Apollonia, em Lisboa.

Outra do sr. *Jesus*, propondo para socio effectivo d'esta sociedade o sr. José Mendes Jara, pharmaceutico estabelecido na rua dos Calafates, em Lisboa.

Outra assignada pelo sr. *Labate*, propondo para socio effectivo o sr. José Romão de Almeida, pharmaceutico ajudante do deposito geral dos medicamentos do exercito.

Corrida a cedula especial a cada uma das propostas, foram todos approvados socios effectivos da sociedade pharmaceutica lusitana.

Constando ao sr. presidente acharem-se os dois ultimos socios propostos, os srs. Almeida e Jara, no recinto da sociedade, pediu ao segundo secretario, o que este fez, para os introduzir na sala.

Estes senhores agradeceram á sociedade a honra que lhes acabava de ser feita, e prometteram concorrer para a sua prosperidade.

Passou-se á

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

Obtendo a palavra o sr. Correia, disse que achando-se organizada pelo governo uma commissão para confeccionar um novo regimento dos preços dos medicamentos, de que fazia parte, convidava, em nome da referida commissão, a sociedade e mais consocios a apresentarem as considerações que julgassem convenientes, a fim de poderem ser apreciadas pela commissão, que tem os melhores desejos de harmonisar os interesses geraes da classe com os do publico.

O sr. *Jesus* disse que reconhecia na commissão os necessarios requisitos para bem desempenhar o trabalho de que se encarregou; e que para satisfazer aos desejos da commissão apresentava algumas reflexões, que a commissão guardou para tomar na devida consideração.

Fallaram no mesmo sentido os srs. Sebastião Athanasio, Alves, Quadros e Jara.

Os srs. *Correia* e *Alves* agradeceram, por parte da commissão, a consideração que haviam merecido aos dignos socios, e pediram para na sessão seguinte continuarem.

Achando-se a hora adiantada, e não havendo mais a tratar, fechou-se a sessão, dando para ordem do dia da immediata eleição de presidente, propostas, pareceres de commissões e a continuação da discussão. Eram dez horas da noite. — *F. J. Cabral de Quadros*, primeiro vice-secretario.

ACTA N.º 649 DA SESSÃO DE 30 DE DEZEMBRO DE 1865

Presidência do sr. H. J. de Sousa Telles

Ás sete horas da noite o sr. presidente abriu a sessão.

Como se não achasse presente o sr. segundo secretario, o

sr. presidente convidou o primeiro vice-secretario a tomar logar na mesa.

Foi lida a acta da sessão antecedente, a qual foi approvada depois de soffrer algumas alterações.

Em seguida o sr. presidente deu a palavra ao sr. primeiro secretario para ler a relação dos objectos doados, que foram recebidos com agrado.

CORRESPONDENCIA

Um officio do nosso consocio o sr. Antonio Francisco de Lima, pedindo a sua exoneração de membro d'esta sociedade. — Foi resolvido que se lhe officiasse, instando com s. s.^a para que continue a fazer parte da nossa sociedade.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

ELEIÇÃO DE PRESIDENTE

O sr. *presidente* convidou os socios presentes a confeccionarem as suas listas, e depois passou-se á eleição, ficando eleito o sr. Henrique José de Sousa Telles.

O sr. *Telles* fez um discurso, agradecendo a eleição unanime que acabava de receber, e pedindo ao mesmo tempo que o dispensassem do cargo, allegando que a falta de vista o impossibilitava de desempenhar as obrigações do logar, conforme se torna necessario.

Pediram a palavra e instaram para que s. s.^a aceitasse a presidencia, conforme era a vontade unanime da assembléa, os srs. Correia, Jesus, Sebastião e Quadros.

O sr. *Telles* agradeceu novamente á sociedade e aos membros que acabavam de fallar as instancias que faziam para que aceitasse a presidencia, e declarou que a aceitava para satisfazer com a sua gratidão aos desejos da sociedade.

Achando-se vago o logar de primeiro vice-presidente, com a eleição que acabava de ter logar, o sr. presidente convidou a sociedade para confeccionar as suas listas, e passou-se á eleição, ficando eleito o sr. Antonio Joaquim Labate.

O sr. *Labate* dirigiu á sociedade um agradecimento pela

sua nomeação para aquelle logar, que prometeu desempenhar da melhor fórma que lhe seja possivel.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

PROPOSTAS

Uma proposta assignada pelo sr. F. J. Cabral de Quadros, pedindo para que a sociedade nomeie uma commissão *ad hoc* que trate de syndicar o estado em que se acha o monte pio pharmaceutico, e que juntamente se trate de reformar os estatutos do referido monte pio, de modo que possa ser util aos seus socios. — Teve a primeira leitura e ficou para na sessão immediata ser lida segunda vez e discutida.

TERCEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

QUESTÃO ACERCA DO REGIMENTO DOS PREÇOS DOS MEDICAMENTOS

O sr. Jara pediu a palavra e fez algumas considerações relativas ao regimento, pedindo especialmente á commissão que dê mais latitude á tabella dos medicamentos que os pharmaceuticos podem vender sem receita de facultativo.

Fallaram mais e apresentaram algumas considerações relativas ao regimento dos preços dos medicamentos os srs. Sebastião, Quadros, Telles e Jesus.

O sr. Correia disse que a commissão encarregada de fazer o novo regimento cumpriu o seu dever, consultando a sociedade, e pedindo-lhe para que seus membros se dignassem apresentar o que julgassem conveniente, a fim de harmonisar no novo regimento os interesses da classe pharmaceutica com os interesses do publico, e que a commissão novamente agradezia a promptidão e boa vontade com que foi attendida. Lembrou tambem que a sociedade nomeasse uma commissão de pharmaceuticos para que de accordo com todos os collegas trate dos interesses geraes da classe.

Como não houvesse mais que tratar, o sr. presidente fechou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte a discussão sobre um parecer da commissão de direito pharmaceutico, que se acha sobre a mesa, para admissão de socios honora-

rios, a segunda leitura da proposta de F. J. C. Quadros, ácerca do monte pio. Eram dez horas da noite. — *Francisco José Cabral de Quadros*, primeiro vice-secretário.

FELICITAÇÃO QUE O DELEGADO E SOCIOS DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA, NO PORTO, DEPOSITARAM NAS MÃOS DE SUA Magestade EL-REI O SENHOR DOM LUIZ I, POR OCCASIÃO DA SUA VISITA ÁQUELLA CIDADE

Senhor: — Os pharmaceuticos d'esta cidade, socios da sociedade pharmaceutica lusitana, cheios do maior regosijo, vem aos pés de Vossa Real Magestade felicitar a vinda do seu augusto Monarcha, e de sua excelsa Rainha.

Filhos e habitantes d'esta laboriosa terra, a mais grande na dedicação, amor e respeito a Vossas Reaes Magestades, esta humilde deputação vem hoje representar a classe pharmaceutica do seu gremio, saudando o seu muito amado e querido Rei.

Como fieis subditos e admiradores das preclaras virtudes de Vossa Magestade, o tributo de nossos fervorosos respeitos é ao Rei protector, nosso condigno socio, e á excelsa e adorada Rainha, ao Principe Real e a toda a real familia.

A classe pharmaceutica, nutrindo indefinidas esperanças na alta protecção de Vossa Magestade, faz ao céu fervorosas supplicas pela saude e prosperidade da preciosa vida de toda a familia real.

Porto, em sessão de 20 de novembro de 1863. — O presidente e delegado, *João de Sousa Magalhães* — O primeiro sub-delegado, *Antonio Francisco de Lima* — O segundo sub-delegado, *Miguel José de Sousa Ferreira* — O professor de pharmacia, *Felia da Fonseca Moura* — *José Joaquim Brochado Caldas* — *Justino do Silva Tavares Vouga* — *Henrique José Pinto* — *Joaquim Pinto de Madureira*.

VARIÉDADES

Elementos de pharmacologia geral ou principios geraes de materia medica e de therapeutica. — Esta obra que consta de vinte e oito capitulos, acha-se escripta com a maior clareza,

propria de um dos primeiros vultos medicos, e nosso mestre o sr. dr. Bernardino; esta offerta á sociedade foi acolhida, como todas d'este digno auctor, com o maior agrado.

Pharmacopéas. — Quasi que ao mesmo tempo se estão redigindo as pharmacopéas americana, ingleza, franceza e hespanhola. Parece que a primeira já saiu á luz, a ingleza está na imprensa, a franceza está em andamento e a hespanhola está soffrendo alta revisão.

É necessario que nos convençamos da necessidade que temos de uma boa pharmacopéa portugueza, o que só podemos conseguir empregando os meios d'aquellas nações.

Aos nossos collegas. — Sob o titulo de *Jornal de Lisboa* começará a publicar-se no 1.º de abril do corrente anno esta folha, de que é parte principal o sr. dr. José Barbosa de Leão, cavalheiro digno por todos os titulos, e que por isso tornará o mencionado jornal interessante e digno de uma completa cooperação.

Pelo prospecto e pelo que particularmente temos podido colher, o *Jornal de Lisboa*, seguindo uma politica das cousas e não de homens, uma politica séria, imparcial e independente, promette em suas columnas propugnar com zêlo pelas classes medicas, e sem duvida pela classe pharmaceutica.

É certissimo que a classe pharmaceutica em Portugal tem sagrados direitos a reclamar para conseguir consideração igual á que merece nos paizes mais civilizados da Europa; e já que os poderes publicos não têm ouvido os seus brados, é justo que da tribuna da imprensa saíam essas vozes de clamor de uma firma da medicina, tão esquecida como util e necessaria á humanidade.

Por todas estas rasões, e pelas considerações que nos merecem os individuos que compõem a redacção, julgámos fazer um serviço á classe que representámos, pedindo a todos os collegas do reino e ilhas se dignem ceder a sua assignatura a favor de um jornal que será o primeiro que se preste a advogar uma causa tão justa.

Combinação da quinina com essencia de aniz, pelo sr. Hes-

se. — Fazendo dissolver no alcool fervente 5 partes de quinina e 1 parte de essencia de aniz depõem-se crýstaes brilhantes derivando de um prisma, obliquo, cuja composiçãõ combina com a formula $2(C^{20}H^{24}Az^2O^4) + C^{20}H^{12}O^2 + HO$. Faltos de cheiro á temperatura ordinaria, só contêem a essencia de aniz a HO, quando a decomposiçãõ começa. Muito soluveis no ether, resistem á agua mesmo em ebulliçãõ, comtudo a esta temperatura entram em fusãõ. O auctor procurou, sem successo, obter combinações analogas com a quinina, acido phenico, a creozote ou essencias de ortelã, de rosas e de cominhos.

Puros signaes de gratidãõ. — Os pharmaceuticos hespanhoes promoveram entre si uma subscripçãõ, a fim de reunirem um fundo destinado aos filhos do doutor em pharmacia D. Pedro Calvia Ascencio. Esta subscripçãõ montava até ao fim de outubro passado na quantia de 9:619 reales.

Actos d'estes, que honram a classe pharmaceutica hespanhola, são dignos de registrar-se.

Recommendaçãõ importante. — No logar competente vae publicado o annuncio das pilulas de iodureto de ferro preparadas pelo nosso consocio Manuel Vicente de Jesus. Pedimos aos nossos collegas que protejam aquella industria pharmaceutica, não só porque as pilulas em questãõ têm sido bem recebidas pela classe medica, mas tambem porque ellas rivalisam em perfeiçãõ com as francezas, o que muito honra a classe pharmaceutica portugueza, e especialmente o seu preparador, em quem conhecemos dedicaçãõ pelo trabalho e capacidade para novas empresas.

É preciso que nos auxiliemos, e que dando-se a concorrência entre preparados da mesma ordem nacionaes e estrangeiros, prefiramos os nacionaes para não darmos de nós um triste documento.

É preciso inventar ou imitar medicamentos que substituam convenientemente os que nos são importadas, poisque a importaçãõ tem, n'estes ultimos tempos, tomado taes proporções que receiamos ver em breve os pharmaceuticos portuguezes reduzidos a venderem nas suas officinas unica e exclusivamente me-

dicamentos que elles não preparam e de que auferem interesses insufficientes para a manutenção dos seus estabelecimentos.

Entre nós ha pharmaceuticos de muito merecimento e de muita modestia, porque apresentam os seus preparados sem os grandes cartazes de que os estrangeiros fazem acompanhar os seus; talvez seja a falta d'essa circumstancia que concorra para o seu limitado consumo; a modestia é uma excellente qualidade individual, mas nem todos a apreciam devidamente; para o homem de sciencia é facil conhecer até onde chega a audacia dos promettimentos, mas para o vulgo, em geral, valem mais os cartazes promettedores do que as realidades conhecidas por pessoas competentes.

Folgámos por ter occasião de louvar os nossos collegas pelo modo mui digno por que têm apresentado ao publico os seus preparados, e esperámos que se não afastem d'esse bom caminho todos os que se dedicarem a alguma especialidade, embora esse meio não seja o mais lucrativo; entre porém a dignidade que nos ennobrece e o interesse que nos avilta não deve haver hesitação na escolha.

J. J. ALVES.

ANNUNCIO

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard, pelo pharmaceutico Manuel Vicente de Jesus.—Estas pilulas analysadas pela sociedade pharmaceutica lusitana, e ensaiadas nos hospitaes de Lisboa e na clinica particular, são identicas ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a recommendavel vantagem de serem menos consistentes.

Depositos parciaes. —Lisboa, pharmacia dos srs. A. F. A. de Azevedo & Filhos, Rocio, n.º 88. Na do sr. A. A. R. de Oliveira, rua dos Retrozeiros, n.º 40, e na drogaria do sr. Serzedello & C.^a, largo do Corpo Santo.

Porto, pharmacia do hospital real de Santo Antonio, campo dos Martyres da Patria.

Abrantes, pharmacia do sr. M. V. de Jesus Senior.

Deposito geral—Pharmacia de M. V. de Jesus, largo do Rato, n.ºs 46 e 47.

PHARMACIA

FOLHAS DO RICINO GALACTOGOGO

As falhas do *ricinus communis* têm sido consideradas em alguns paizes como um dos mais poderosos galactogogos empregadas em fórma de cataplasma sobre os peitos.

Os medicos americanos que na actualidade se occupam mais do estudo da materia medica, procurando, por assim nos explicarmos, dar carta de naturalisação na therapeutica ao maior numero de substancias novas, aconselham contundir grosseiramente as ditas folhas, ferve-las em uma pequena porção de agua, fazer com ellas uma cataplasma e com esta, morna, cobrir os peitos, tomando, tres vezes ao dia, uma colher do fluido extractivo do cushman (extracto alcoolico da mesma folha). Logo no dia seguinte se obtem uma pequena secreção, que em breve chega a uma quantia regular: supprime-se então a cataplasma e continua-se a empregar por mais alguns dias o liquido alcoolico: por este meio, dizem elles, se obtem uma secreção lactea sufficiente para preencher as necessidades da creatura.

O dr. William, de Broo Klyn, que tem publicado os bons effeitos obtidos por meio d'esta medicação nos casos de supressão ou diminuição notavel da secreção lactea, assegura que o fluido extractivo das folhas do ricinõ ou palma christi é o melhor meio estimulante especifico do leite, sem de maneira alguma prejudicar os systemas nervoso, circulatorio e digestivo, sendo a cataplasma um poderoso auxiliar do extracto alcoolico.

F. J. R. LORENZINO.

POÇÃO DE GRAVES CONTRA A GRIPPE

Emulsão	200 grammas
Nitrato de potassa	5 »
Chlorhydrato de morphina	5 centigrammas
Xarope de flor de laranja	5 grammas

No fim, da enfermidade Graves dava a poligala senega e a raiz de calumba. Empregava tambem com notaveis resultados as fomentações feitas com uma esponja e agua mui quente na região tracheal e no peito.

XAROPE DE PEPSINA

Não tendo todavia conhecimento de formula alguma de xarope de pepsina, e parecendo-nos que esta formula corresponde a certas indicações, propomos a seguinte:

Pepsina medicinal	25
Agua distillada	50

Triture-se em almofariz a pepsina com a agua distillada, ponha-se a mistura em um matraz a banho-maria (não excedente a 40°) por algumas horas, agite-se de quando em quando, e ajunte-se-lhe em seguida:

Alcoolado de Gages	50
--------------------------	----

Agite-se, deixe-se repousar, filtre-se e misture-se com

Xarope simples	900
----------------------	-----

A addição do alcoolado de Gages tem por fim occultar o cheiro animalisado da pepsina, ajudar a conservação do xarope e tambem determinar alguma excitação nos enfermos, que na maior parte se acham debilitados.

J. J. ALVES.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

MEIO DE CONSERVAR O LEITE

PELO SR. GUIMERADÉ, E MUITO USADO EM INGLATERRA

Tome-se leite fresco e ajunte-se-lhe uma pequena porção de assucar e carbonato de soda (na formula não se designam quantidades), submete-se a uma rapida evaporação, que se verificará em vasos grandes de lata e pouco fundos, collocados de modo que possam oscillar como um fiel de balança expostos á temperatura de 160° de Fahrenheit (72 c.) para que a agua quente circule o aparelho: evapora-se o leite á consistencia de melaço, com a possivel rapidez, o que mais facil-

mente se obtem pela oscillação communicada ao aparelho, sem que tenha logar a formação de manteiga.

Assim espessado o leite lança-se em vasos de porcellana (evitando sempre os de metal) collocados em um logar, cuja temperatura seja bastante elevada para adquirir a consistencia de uma massa firme; n'este estado passa-se entre dois cylindros de qualquer materia que não seja metallica, mas cujos cylindros actuem com a maior força para que fique reduzida a laminas mui delgadas, similhantes ás hostias, tendo sempre o maior cuidado em fazer passar sobre os cylindros uma corrente de ar bem secco e quente, a fim de fazer evaporar alguma humidade que resulte da pressão. Reduzem-se, depois de bem seccas estas laminas a pó por meio de um moinho, que se guardará em frascos bem rolhados.

Para usa-lo junta-se a cada parte de pó oito vezes o seu peso de agua.

Muitas vezes acontece, depois de alguns annos, adquirir um leve sabor a ranço, que se fará desapparecer rapidamente dando-lhe uma leve fervura.

SPARADRAPO STIBIADO

Pez branco	40 partes
Colofonia	20 »
Cera amarella	20 »
Terebinthina e azeite, aã	5 »
Tartaro emelico	10 »

Faça-se uma amalgama, que se estende como spradrappo ordinario.

ADONTINA PARA ACALMAR A DOR DOS DENTES

Opio puro em pó	5 oitavas
Almecega em pó	2 »
Alcamphor em pó	escropulos
Essencia de cravo. . .	} aã
Essencia de cajepu . .	
Creosote de Billard	6 »

Misture-se com sufficiente quantidade de alcool para formar uma pasta homogenea, que se guardará em pequenos frascinhos de vidro bem tapados, para o uso.

(Bol. do instit. med. valenc.)

CARBONATO DE FERRO EFFERVESCENTE

Eis-aqui a formula que a experiencia tem mostrado ser a melhor:

Acido tartarico	96	grammas
Bicarbonato de soda	160	»
Sulphato de ferro	40	»
Assucar em pó	44	»
Acido citrico	8	»

Mistrem-se primeiro o sulphato de ferro, assucar e acido tartarico uma parte, e seguidamente o acido citrico e o resto do acido tartarico, e bem misturado tudo aqueça-se em um vaso metallico a banho-maria, até que se torne um pouco granuloso.

Uso.—Toma-se uma colher das de chá duas até tres vezes por dia.

Este preparado ferruginoso tem um sabor muito agradável, facilmente tolerado pelo estomago, de uma acção therapeutica muito rapida, podendo applicar-se em todas as affecções em que se requer largo emprego dos preparados ferruginosos.

(Rev. pharmaceut. hesp.)

POMADA DE LOUREIRO ROSA CONTRA A SARNA

Folhas e flores recentes de loureiro rosa.	6 onças
Banha de porco	16 »

Em gral de marmore contundam-se bem as folhas e flores, e com a gordura de porco ponham-se em agitação até que toda a humidade se tenha consumido. Coa-se com forte expressão e deixa-se esfriar lentamente para poder a final separa-la de algum sedimento.

F. J. R. LOUREIRO.

(Bol. do instit. med. valenc.)

AFFUSÕES FRIAS CONTRA OS ENVENENAMENTOS NÁRCOTICOS

Um joven que por descuido tomára 6 oitavas de uma mistura de laudano e chloroformio com acido hydrocyanurico, depois de ter vomitado uma parte da mistura, caiu n'um estado de insensibilidade completa. Pulso insensível, cara livida, seis inspirações por minuto; foi chamado o professor Harley, que fez logo introduzir no estomago do enfermo O^{lit},931 de café com ether nitrico, e praticar a respiração artificial. Com este tratamento as respirações já chegavam a dez, mas dirigindo sobre a fronte do enfermo um jarro de agua fria, as melhoras appareceram como por magia. O pulso augmentou de prompto em força e frequencia, a respiração quasi natural elevou-se a dezoito, e sobreveiu logo um epistaxis. Quando se suspendia a affusão o coma e a insensibilidade reapareciam, porém dissipavam-se logo que se fazia nova applicação de agua, os braços e as pernas moviam-se e o paciente fazia esforços para subtrahir-se á corrente da agua, como se ella lhe produzisse dores.

Repetiu-se o uso d'este meio, por intervallos, até ao outro dia, desaparecendo completamente todos os accidentes no fim de sessenta horas.

(The Lancet.)

ESCORIAÇÕES E FERIDAS DOS PEITOS

O sr. Defense preconisa o seguinte meio para combater estes estados pathologicos.

Agua rosada	30 grammas
Gomma do prunus silvestris	q. s.
Balsamo do Perú	2 grammas

Seis fricções por dia.

Este mucilaginoso é preferivel á pomada tão usada n'estas enfermidades, composta de

Banha	30 grammas
Balsamo do Perú	4 »

Salva a cauterisação pelo nitrato de prata, nos casos inveterados, nunca tive necessidade de recorrer a meios empregados pelos outros praticos.

F. J. R. LOURINO.

(Le scalpel.)

CHEMICA

ACIDOS DE USO MAIS FREQUENTE EM PHARMACIA

(Continuado de pag. 12)

Acido phosphorico PhO^5 , 3 HO = 99

O acido phosphorico medicinal é representado pela formula PhO^5 , 3 HO.

Obtem-se este acido, segundo o Codex de 1837, tratando 1 parte de phosphoro por 8 de acido azotico a 32° . Como a acção d'este é grande sobre o phosphoro, deve juntar-se por pequenas porções. Elle excita por cada vez que se junta uma viva effervescencia; e muitas vezes é tal que pôde ameaçar uma explosão, assim como tambem inflammam-se na retorta no momento de destapar-se, para introduzir novos fragmentos.

Estes inconvenientes evitam-se empregando o acido de 20° de Beaumé em logar do de 32° . Quando se opera sobre uma pequena quantidade de materia a reacção é moderada, ainda que o phosphoro se introduza todo de uma vez, e a operação marche com a maior regularidade. Seguindo n'este caso o processo indicado pelos srs. Buchner e Schowben, tira-se o melhor resultado, o qual consiste no emprego de 1 parte de phosphoro, 4 partes de acido azotico fumante e 8 de agua. Introduz-se tudo n'uma retorta de vidro tubulada, collocada sobre um forno e pela tubuladura introduz-se o phosphoro em pequenos fragmentos, adapta-se-lhe uma allonga e a esta um balão bitubulado, munido de um tubo direito alto, destinado a conduzir os gazes incohercetiveis ao centro da chaminé; luta-se o apparelho com luto gordo e tiras de papel impregnadas de luto calcareo, e refrigera-se o apparelho (o recipiente) por meio de uma pequena corrente de agua fria durante a operação.

Aquece-se a retorta moderadamente por meio de carvões incandescentes, entretendo o calor enquanto a reacção se opera lentamente, para que a decomposição dos vapores rutilantes se faça regularmente.

Uma grande parte do liquido acido distilla e passa para o balão; recolhe-se este e conserva-se a retorta até que o phosphoro tenha desaparecido completamente; torna a cohobar-se o producto distillado, concentra-se na mesma retorta e depois n'uma capsula de platina, a fim de eliminar qualquer vestigio dos compostos azoticos. Dilue-se então o acido phosphorico em agua distillada até o reduzir á densidade de 1,454; pesando 45° no areometro de Beaumé, ficando assim constituído o acido phosphorico medicinal.

Sendo a operação conduzida como fica dito, não offerece perigo algum senão nas duas epochas: a primeira pôde ter logar no momento da cohobação se o acido da retorta estiver demasiadamente concentrado, o que poderia dar logar a uma grande elevação do phosphoro, podendo inflammarse quando fosse necessario destapar a retorta por tal motivo.

Este inconveniente evita-se não concentrando muito o acido; o segundo consiste na possibilidade de uma explosão que pôde ter logar na occasião em que se concentram os liquidos na retorta, se se lhe der maior calor, que faria desenvolver quantidade de vapores de acido hypo-azotico, que se attribue ao acido phosphoroso, e acido phosphorico, formado nos primeiros momentos da operação, e que ainda persistissem no liquido. A detonação evita-se manejando cuidadosamente o calor mediante a concentração dos liquidos.

O acido assim obtido quasi sempre encerra uma pequena quantia de acido phosphoroso. Para obviar a este inconveniente o sr. Delasudda propõe que se empregue uma parte de phosphoro e cinco de acido azotico concentrado, mas diluido em igual peso de agua distillada, e quando o phosphoro tenha desaparecido completamente se lhe ajunta uma parte de agua regia, que, produzindo um ligeiro calor, dá logar ao desenvolvimento de abundantes vapores nitrosos, cujo desenvolvi-

mento cessa n'um dado espaço; retira-se então o acido da retorta e se concentra n'uma capsula de platina.

Conhece-se que o acido phosphorico não contém acido phosphoroso, se, fervido em uma solução de bichlorureto de mercurio, elle o não reduz ao estado de proto-chlorureto insolavel. Muitas vezes o acido phosphorico contém alguns vestigios de acido arsenico, do qual se desembaraça facilmente tratando-o successivamente pelos acidos sulphuroso e sulphydrico.

Acido borico ou boracico $BO^3 = 84,89$

A formula do codigo manda empregar n'esta preparação o acido sulphurico do commercio, sem advertir que quando se decompõe o borato de soda pelo acido sulphurico obtem-se sulphato de soda, que crystallisa nas aguas mães ao mesmo tempo que o acido borico, de maneira que este só se obtem puro na primeira precipitação.

Parece pois conveniente que n'esta preparação se empregue em lugar do acido sulphurico o acido chlorhydrico, como recommenda o sr. Girardin, porque n'este caso forma-se um chlorureto de sodio que não crystallisa com o acido borico, porque elle é quasi tão soluvel a quente como a frio.

Eis-aqui a formula:

Borato de soda	300 partes
Agua	1:500 »
Albumina de dois ovos diluida em agua	500 »
Acido chlorhydrico	q. s.

Dissolve-se o borato na agua, junta-se-lhe o resto d'esta albuminosa, eleva-se tudo á ebullição, clarifica-se e coa-se n'uma terrina envernizada; junta-se então o acido chlorhydrico, a pouco e pouco, até que o liquido avermelhe fortemente o papel de tornasol; coa-se de novo e deixa-se o liquido em quietação, que pelo resfriamento deixa depositar o acido borico que contém. Esgotam-se os crystaes e se lavam com agua bem fria em pequena quantidade, repetindo a lavagem até que a agua fique quasi insipida. Esgotados os crys-

taes seccam-se sobre papel pardo a calor moderadissimo da estufa.

Se se concentram as aguas mães e as da lavagem, ainda se obtem mais algum acido borico, que se purifica por novas dissoluções e crystallisações.

O acido borico bem puro dissolve-se completamente no alcool, e a solução alcoolica arde com uma chamma verde caracteristica.

Acido carbonico $\text{CO}^2 = 22$

Em pharmacia jamais se faz necessario o acido carbonico senão debaixo da fórma de gaz, que serve para com elle se prepararem as aguas mineraes artificiaes ou como reactivo para precipitar a cal, a baryta, o chumbo das suas soluções, etc. Actualmente tambem tem algum uso em medicina, e por isso importa muito conhecer o meio mais simples para ser preparado nas pharmacias.

O gaz acido carbonico obtem-se facilmente decompondo o carbonato de cal por meio de um acido; é bom empregar de preferencia o marmore branco e o acido chlorhydrico, que dão um gaz muito puro, e por causa da forte textura do marmore e da solubilidade do chlorureto de calcio o fornecem muito regularmente. Introduz-se n'um frasco de duas tubuladuras, meio de agua, fragmentos de marmore branco; mune-se o frasco de dois tubos, um direito, á maneira de funil, mergulhando na agua do frasco destinado a conduzir o acido chlorhydrico, o outro em curva, destinado a conduzir o gaz de composto a um frasco de lavagem; é d'este parte um outro tubo conductor do gaz a uma campanula sobre a cuba de mercurio ou simplesmente de agua. O aparelho assim disposto introduz-se-lhe o acido chlorhydrico a pouco e pouco, renovando-se logoque o agaz principia a afrouxar: o gaz acido carbonico se separa, logo, desembaraçando-se do acido chlorhydrico que podesse ter arrastado consigo, e se accumula nas campanulas ou vasos destinados a recebe-lo sobre a cuba. Tambem pôde receber-se em qualquer aparelho apropriado a outro qualquer uso que d'elle se queira fazer.

Para o obter bem secco é necessario faze-lo passar ao sair do frasco por um tubo que contenha chlorureto de calcio.

Acido chromico, $\text{CrO}_3 = 50,28$

A chimica conhece muitos processos para preparar o acido chromico crystallizado; este porém é empregado em medicina como caustico no estado liquido; mas não tendo ainda até agora uma existencia conhecida e legal nas officinas, parece-nos conveniente publicar o processo empregado na phar-macia central dos hospitaes de Paris, onde é usado com bom successo.

Bichromato de potassa	1 parte
Agua	10 »
Acido sulphurico	20 »

Dissolva-se o bichromato de potassa em agua a banho-maria, e quando fria a solução a 23° junta-se a pouco e pouco o acido sulphurico, agitando a mistura, e abandona-se por vinte e quatro horas; decanta-se a agua acida que sobrenada e se lança n'uma terrina, em que depois de algum tempo se recolhe o acido depositado debaixo da fórma de bons crystaes, que se esgotam sobre um funil de vidro, e sobre um tijolo poroso seccam-se na estufa.

Toma-se uma parte d'estes crystaes, dissolve-se em igual parte de agua distillada; obtem-se então pela decantação uma solução normal que deve dar no areometro dos saes 48°, constituindo-se assim o acido chromico medicinal.

Póde obter-se este acido no estado de purêza, tratando-o por uma pequena quantidade de chromato de baryta.

Acido chlorhydrico (hydrochlorico, muriatico, espirito de sal commum). HCL = 36,45

Como o acido azotico o acido chlorhydrico se acha abundantemente no commercio, e é tanto mais impuro quanto menos é preparado directamente, porque a maior parte das vezes é um producto accessorio á fabricaço da soda artificial.

O pharmaceutico deve pois purifica-lo antes de o empregar, aindaque julgamos de rigoroso dever que elle seja antes preparado directamente com as materias primas no estado de pureza possivel. Eis-aqui o processo:

Tome-se de sal marinho depurado e decrepitado 3 partes, acido sulphurico monohidratado 6 partes. Introduz-se o sal n'um balão collocado no banho de areia, ao collo do qual se adaptam dois tubos, um curvo em S, terminando em funil na parte superior, e outro curvo em angulo recto, communicando com o apparelho de Woulf, composto de um frasco chamado de lavagem, contendo uma pequena quantidade de agua, e de dois outros, em cada um dos quaes se tenha introduzido 1 parte de agua distillada: estes frascos nunca devem ficar senão em meio, em rasão do augmento de volume que o liquido experimenta á medida que se satura; os tubos destinados a conduzir o gaz mergulham alguns millimetros na agua distillada; todos os frascos do apparelho deverão ser collocados separadamente em terrinas, a fim de os refrigerar com agua fria, quando assim convenha; assim disposto o apparelho adapta-se-lhe uma proveta contendo uma solução alcalina destinada a reter os vapores chlorhydricos que se decompozem e para que se não derramem no laboratorio; lutadas cuidadosamente todas as juntas addiciona-se o acido sulphurico a pouco e pouco pelo tubo em S adaptado ao balão, aquece-se este moderadamente, augmentando progressivamente, quando convenha, até que todo o acido seja introduzido no balão e se não decomponham já mais vapores; a agua do frasco de lavagem cora em amarello, e a dos outros frascos fica incolor; suspende-se então a operação e se acha no balão bi-sulphato de soda.

A solução do gaz chlorhydrico, que se designa no Codex acido chlorhydrico, espalhando no ar vapores brancos, deve marcar 22° no pesa acidos de Beaumé. Sua densidade deve ser de 1,17 á temperatura de 15°.

Infelizmente este acido não corresponde a nenhum dos hydratos definidos que formã o gaz chlorhydrico; pôde obter-se

facilmente um acido de composiçãõ constante saturando a agua de gaz chlorhydrico á temperatura de zero. Este acido terá uma densidade de 1,121, contendo seis equivalentes de agua, isto é, 42,43 por 100 de acido real; pôde obter-se um acido fraco, de composiçãõ constante, diluindo o acido concentrado de maneira a reduzi-lo á densidade de 1,128 ou á de 1,094. No primeiro caso teremos um hydrato com doze proporções de agua, no segundo um hydrato com dezeseis proporções. Este ultimo é muito permanente, ferve a 110° e distilla sem alteraçãõ.

O acido chlorhydrico assim otido é puro, pôde conter algum chloro ou uma pequena quantidade de acido sulphuroso; é puro quando não descora nem o sulphato de indigo nem o permanganato de potassa, e se não dá precipitado com o amoniaco puro.

O acido do commercio contém chloro ou acido sulphuroso, acido sulphurico, perchlorureto de ferro, acidos arsenioso e arsenico.

Acido sulphydrico (hydro-sulphurico, hydrogenio sulphurado), HS = 17

O Codex francez de 1837 manda preparar este acido pela decomposiçãõ a frio do sulphureto de ferro artificial com o acido sulphurico. O processo é mui simples, mas o gaz sulphydrico é quasi sempre misturado com o hydrogenio por causa do excesso de ferro livre que existe no sulphureto empregado. Aindaque isto no ponto de vista pharmaceutica não seja mais do que um ligeiro inconveniente, não deixa contudo de ser prejudicial quando se necessita empregar este gaz puro cõmo reagente, o que facilmente pôde conseguir-se preparando-o pela seguinte formula:

Sulphureto de antimonio	1 parte
Acido chlorhydrico ordinario.....	4 »

Introduz-se o sulphureto n'um balão de duas tubuladuras que communique por um tubo curvo com um frasco de lava-

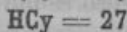
gem, tambem igualmente tubulado, que communica com dois ou tres frascos do aparelho de Woolf. Assim disposto o aparelho projecta-se o acido a pouco e pouco no balão para que o gaz sulphydrico se decomponha lentamente e vá passando ao frasco da lavagem, que deve conter uma pequena porção de agua, e d'este aos frascos do aparelho, quasi cheios de agua distillada, que tenha sido previamente fervida e esfriado ao abrigo do ar, para ser saturada do gaz. Do ultimo frasco deve partir um tubo recurvado que vá terminar n'uma proveta contendo leite de cal, destinado a absorver o gaz superabundante.

Quando a reacção do acido sobre o sulphureto vae afrouxando activa-se esta, elevando a temperatura por meio de carvões em ignição.

Quando o gaz deixa de dissolver-se na agua dos frascos, suspende-se a operação, e a agua sulphurada deve logo ser recolhida em pequenos frascos bem rollhados e perfeitamente cheios.

Esta solução deve ser limpida e de cheiro forte, e não deve deixar residuo algum pela evaporação; deve conter tres vezes o seu volume de gaz; é decomponivel ao ar e avermelha fracamente a papel de tornasol; turva ao ar depositando enxofre.

Acido cyanhydrico (hydro-cyanico ou prussico)



O acido cyanhydrico medicinal não é o acido cyanhydrico dos chimicos, mas sim a mistura de um volume de acido cyanhydrico e seis de agua distillada.

O mesmo codigo de 1837 indica o modo de preparar este acido por meio do cyanureto de mercurio e acido hydrochlorico. O acido anhydro assim obtido é misturado a sete até oito e meia vezes o seu peso de agua distillada para obter-se o acido cyanhydrico medicinal.

Em referencia a este acido nada diremos emquanto ás desejadas garantias em relação a sua composição, mas não podemos dizer o mesmo emquanto á sua conservação, porque

elle se decompõe espontaneamente depois de certo e determinado tempo, tanto no estado anhydro como diluido na agua distillada.

Recommendâmos pois, de preferencia, para o preparar o methodo de Gea Pessina, que é o seguinte:

Cyanureto amarello de potassio e de ferro	4 partes
Acido sulphurico a 66°	2 »
Agua	3 »

Misturado o acido com a agua, e quando fria a mistura, introduzida n'uma retorta tubulada, munida de uma longa e em banho de areia, se introduz pela tubuladura o cyanureto pulverisado, agitam-se com uma haste de vidro para formar uma mistura bem igual, bem lutadas as junturas com tiras de papel colladas, aquece-se convenientemente refrigerando o recipiente com uma corrente continua de agua fria; e quando tenha distillado a metade do peso das substancias empregadas se recolhe o producto; como diversas circumstancias podem fazer variar a concentraçào do acido cyanhydrico assim obtido, é necessario determinar exactamente a quantidade ponderavel de acido cyanhydrico anhydro que elle contém.

Para isto faz-se uso da soluçào de nitrato de prata, ou melhor será seguir o processo de Liebig e de Buignet, ambos fundados no emprego dos licores titulados.

A dosagem directa executa-se tomando um peso determinado de acido cyanhydrico hydratado misturado com o azotato de prata em excesso; acidula-se o licor com acido azotico; aquece-se a mistura e recolhe-se o precipitado de cyanureto de prata que se forma sobre um filtro, de cuja tara se tenha tomado nota antes, secca-se na estufa a calor de 105° e se pesa depois; uma parte de cyanureto de prata representa 0,2015 de acido cyanhydrico anhydro.

O processo do sr. Liëbig consiste em dissolver 6^{gr},30 de azotato de prata em uma quantia sufficiente de agua distillada para 1 litro; 1 centimetro cubico d'este licor corresponde a 2 milligrammas de acido cyanhydrico puro.

O processo volumetrico do sr. Liëbig é fundado sobre a solubilidade do cyanureto duplo de potassio e de prata nos licores alcalinos; se com effeito se verte azotato de prata n'uma solução de cyanureto de potassio não se forma precipitado algum duravel de cyanureto de prata senão depois que todo o cyanureto alcalino tenha sido transformado em cyanureto duplo. Resulta d'aqui que um equivalente de prata corresponde n'esta reacção a dois equivalentes de acido cyanhydrico.

Toma-se um peso determinado de acido chlorhydrico hydratado e sobresatura-se pela potassa caustica; introduz-se n'um matraz de fundo chato e verte-se-lhe gota a gota uma solução de azotato de prata até que o precipitado não desapareça pela agitação. Por este meio obtem-se promptamente a dosificação do acido medicinal.

O processo do sr. Buignet para dosar o acido cyanhydrico nas aguas de loureiro-cerejo e de amendoas amargas, é baseado no emprego do sulphato de cobre em presença de um liquido cyanhydrico e ammoniacal que facilmente dá a conhecer a dosagem do acido cyanhydrico medicinal.

Logoque se tenha determinado por algum d'estes meios a riqueza do acido anhydro nada mais facil do que reduzi-lo a acido medicinal, diluindo-o em agua distillada na proporção de uma parte de acido anhydro para nove de agua, obtendo-se por este meio um acido cyanhydrico de mais facil conservação e que nada differe do acido ordinario.

Acido chlorozotico, ou agua regia ou acido nitromuriatico

Obtem-se este acido misturando n'um frasco de vidro:

Acido azotico a 35° 1 parte
Acido chlohydrico a 22° 3 partes

Operada a mistura conserve-se esta em vidro rolhado a esmeril e ao abrigo da luz.

F. J. R. LOURENO.

(Journal de pharm. et de chim.)

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 649 DA SESSÃO DE 15 DE JANEIRO DE 1864

Presidência do sr. H. J. de Sousa Telles

Pelas sete horas da noite declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Foi lida a acta da sessão antecedente, e approvada.

O sr. *prêsidente* convidou o sr. Jara a occupar o lugar de primeiro secretario, visto não estar presente o sr. primeiro secretario nem algum dos srs. vice-secretarios.

O sr. *primeiro secretario* leu um officio do sr. Joaquim José Alves, em que este socio pede a exoneração do cargo de segundo vice-presidente, que não pôde continuar a exercer por motivos que lhe são particulares.

O sr. *Norberto* pediu que o sr. primeiro secretario officiasse ao sr. Alves, instando-o a que retirasse o seu officio e continuasse a exercer o lugar de nosso segundo vice-presidente.

Decidiu-se affirmativamente.

O sr. *Correia* pediu a palavra para offerecer á sociedade, em nome do sr. J. J. de Sousa Pereira, cirurgião-medico e pharmaceutico pela escola de Lisboa, e cirurgião de segunda classe da armada, a these por este mesmo senhor defendida em dezembro ultimo na escola medico-cirurgica de Lisboa, pedindo por essa occasião se agradecesse a este cavalheiro, por um officio, a offerta que tinha feito a esta sociedade, o que se decidiu affirmativamente.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

PROPOSTAS

O sr. *Telles* apresentou uma proposta para socio effectivo, que declarou urgente.

Approvada a urgencia, corrido o escrutinio, verificou-se ter sido approvado unanimemente para socio effectivo o sr. João José de Sousa Telles, residente em Lisboa.

O sr. *H. J. de Sousa Telles* agradeceu aos socios presentes a satisfação e boa vontade com que tinham tornado a receber no seu seio o seu filho, o que elle, como pae, não podia ver com indifferença.

O sr. *Correia* pediu a palavra para demonstrar a sua satisfação por novamente ver no centro d'esta sociedade um socio, que como o sr. *Telles Junior*, tantos serviços tinha prestado á sociedade.

O sr. *Telles Senior* novamente agradeceu todas as deferencias, protestando a sua eterna gratidão.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

VOTAÇÃO DO PARECER DA COMMISSÃO DE DIREITO PHARMACEUTICO

O sr. *presidente* disse que um dos objectos que tinha sido dado para ordem do dia era a votação do parecer da commissão de direito pharmaceutico, sobre a admissão de dois socios honorarios, parecer que já tinha tido primeira e segunda leitura.

Corrido o escrutinio verificou-se ter sido approved unanimemente o parecer, e em seguida foram proclamados socios honorarios da sociedade pharmaceutica lusitana os srs. *Lino Augusto de Macedo e Valle* e *Antonio Maria Barbosa*.

Teve segunda leitura a preposta do sr. *F. J. Cabral de Quadros*, ácerca da reforma do monte pio pharmaceutico.

O *segundo secretario Veiga* pediu que, qualquer que fosse a decisão que sobre este assumpto houvesse de tomar-se, se pensasse maduramente, porque, como todos sabem, o monte pio tem alguns fundos, e que era necessario que o publico não avaliasse este procedimento da sociedade como menos conveniente, e que propunha se convocasse a assembléa geral do monte pio, porque lhe parecia ser ella a competente para tratar d'este assumpto.

O sr. *Correia* impugnou esta opinião, porque a sociedade tem o direito de superintendencia sobre o monte pio pharmaceutico, e pôde portanto deliberar o que entender sobre elle. Que era impossivel convocar a assembléa geral, porque não

havia o numero de socios necessario para ella se poder constituir; que a sociedade podia eleger a commissão, e que depois deliberaria sobre o parecer que esta apresentasse.

O *segundo secretario Veiga* disse que não se oppunha á eleição da commissão, mas que lhe parecia que o primeiro passo a dar era convocar esses mesmos socios que existiam ainda do monte pio, e fazer-lhes presente o desejo que a sociedade tinha de que o monte pio fosse reformado.

O sr. *Jara* disse que era da opinião do segundo secretario *Veiga*, e que julgava como elle, que em negocios de monte pio não devia mexer-se sem serem ouvidos os seus socios.

O sr. *Correia* propoz que se approvasse a primeira parte da proposta do sr. *Quadros*, rejeitando-se a segunda, isto é, que fosse nomeada apenas uma commissão, que estudando maduramente a questão, apresentasse o seu parecer, para sobre elle a sociedade deliberar.

Posta á votação a proposta do sr. *Correia*, foi approvada.

Estando a hora adiantada, o sr. presidente fechou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte, na primeira parte eleição da commissão sobre o monte pio, a eleição da outra commissão que n'esta sessão devia eleger-se, e na segunda parte a discussão sobre a conveniencia da pharmacia central. Eram mais de onze horas da noite.—*Joaquim Urbano da Veiga*, segundo secretario.

ACTA N.º 630 DA SESSÃO DE 27 DE JANEIRO DE 1864

Presidência do sr. H. J. de Sousa Telles

Pelas sete horas da noite declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

1.º Um officio do sr. Miguel José de Sousa Ferreira, do Porto, agradecendo a sua eleição de sub-delegado d'aquella cidade.—Inteirada.

2.º Outro do sr. Antonio Francisco de Lima, insistindo na exoneração pedida. — Concedida.

3.º Outro da procuradoria regia da relação de Lisboa, pedindo permissão para no laboratorio da sociedade se proceder a duas analyses toxicologicas. — Inteirada.

4.º Outro do sr. Manuel Gascon, participando a sua mudança de residencia para Lagos. — Inteirada.

5.º Outro do sr. Joaquim José Alves, insistindo na exoneração pedida do cargo de segundo vice-presidente.

6.º Outro do sr. Labate, pedindo exoneração do cargo de primeiro vice-presidente. — A sociedade deliberou que a mesa constituida em commissão se encarregasse de pedir aos signatarios dos dois ultimos officios quizessem retirar as escusas pedidas.

O sr. *Telles* disse que tendo sido approvedo na ultima sessão para socio effectivo o sr. João José de Sousa Telles, e que tendo em seguida sido approveda uma outra proposta para lhe ser conservado o seu diploma, e que tendo este socio antes da sua saída da sociedade sido elevado á classe de socio honorario, perguntava á sociedade qual dos dois diplomas entendia lhe devia ser conservado, se o de socio effectivo, se o de honorario.

Depois de alguma discussão, em que tomaram parte os srs. Telles Senior, Manuel Vicente de Jesus, Jara e Correia, decidiu-se que se lhe conservasse o diploma de socio honorario, e foi encarregado o sr. primeiro secretario de lhe officiar n'este sentido.

Leu-se a lista dos objectos doados, que foram recebidos com especial agrado.

ORDEM DO DIA

O sr. *presidente* disse que tendo dado para ordem do dia a eleição da commissão que devia ficar encarregada de inquirir do estado do monte pio pharmaceutico, ia n'esta conformidade interromper a sessão para os socios poderem confeccionar as suas listas.

O sr. *Jesus* disse que não desejava que a sociedade elegesse

nova commissão, emquanto não fosse esclarecida sobre o estado em que estão os trabalhos de uma outra commissão eleita ha tempos para o mesmo fim.

O sr. *Jara* disse que tendo sido este objecto dado para ordem do dia, não podia a sociedade deixar de se occupar d'elle.

Depois de uma viva discussão, em que tomaram parte os srs. Jesus, Correia, Jara e Quadros, decidiu-se que se passasse á eleição da commissão.

Corrido o escrutinio verificou-se terem sido eleitos vogaes da commissão de inquerito:

Os srs. Henrique José de Sousa Telles.

Francisco José Cabral de Quadros.

Joaquim Urbano da Veiga.

O sr. *presidente* disse que o outro assumpto de que tinhamos a occupar-nos hoje era a outra commissão que, sob proposta do sr. Jara, a sociedade tinha decidido se elegeisse hoje e que devia occupar-se de conhecer das causas dos repetidos, abusos de policia pharmaceutica, e indicar o meio de os evitar.

Corrido o-escrutinio verificou-se terem ficado eleitos vogaes d'esta segunda commissão:

Os srs. João José de Sousa Telles.

José Romão de Almeida.

José Mendes Jara.

O sr. *presidente* disse que havia ainda algumas trabalhos pendentes, mas que achando-se a hora adiantada os reservava para a proxima sessão; e dando para ordem do dia os objectos já dados e ainda não discutidos, e mais propostas, pareceres de commissões e segundas leituras, fechou a sessão. Eram mais de onze horas da noite.— *Joaquim Urbano da Veiga*, segundo secretario.

NECROLOGIO

Falleceu o nosso intelligente collega e consocio o sr. Joaquim de Sousa do Nascimento, estabelecido em Lagos. Acompanhamos sua familia na mais justa e profunda dor.

PHARMACIA

SOBRE O CITRATO DE MAGNESIA SOLUVEL

POR MR. HAGER

Mr. Hager não pôde obter o citrato de magnesia soluvel operando segundo o processo descripto na pag. 383 do tomo XLIII d'este jornal; este sal encontra-se constantemente na sua modificação insolúvel. Profundando esta questão o auctor pôde reconhecer que o citrato de magnesia pôde apresentar-se de baixo de tres modificações; a saber:

1.º Crystallino soluvel em 80 ou 90 partes de agua (C 3 Mg O + 14 HO);

2.º Amorfo, soluvel em 2 partes de agua;

3.º Metamorfo, soluvel em 8 ou 10 partes de agua, e tendo uma grande tendencia para passar á modificação 1, e por consequencia a tornar-se crystallino e pouco soluvel.

É esta modificação crystallina que constitue o citrato insolúvel; ella se apresenta em agulhas microscopicas derivando de um prisma rhomboidal direito; sua producção constitue um embaraço que deve evitar-se, poisque só o citrato soluvel é usado, e é o que trata de obter-se.

Eis-aqui como mr. Hager o prepara.

O acido citrico crystallizado do commercio (40 partes) é reduzido a pó, depois misturado com 25 partes de carbonato de magnesia officinal, depois triturado com alcohol de 0,833 de densidade, q. s. para fazer uma massa espessa. Deixa-se repousar durante muitas horas a uma temperatura mediana, depois faz-se seccar na estufa ou no banho-maria a 45º centigrados.

O residuo secco constitue o producto procurado; elle é soluvel em 27 partes de agua a 15º centigrados (é preciso para isto meia hora, proximamente, e uma agitação frequente); a uma temperatura de 30º centigrados a dissolução faz-se depressa.

Quer elle tenha sido preparado a frio ou a quente, com pouca ou com muita agua, a solução conserva a sua limpidez

mesmo depois de um repouso prolongado. O citrato que ella contém é neutro; duas dosagens deram 12,7 e 13,1 equivalente de agua.

Para se obter com segurança o citrato de magnesia solúvel é preciso que o carbonato de magnesia empregado seja isento de poeira e impurezas. Demais como este sal não offerece sempre uma composição constante é conveniente determinar por um ensaio preliminar as proporções do acido e do carbonato a empregar; segundo o auctor é preciso, termo medio, 25 partes d'este ultimo para 40 partes de acido.

Quanto ao sal metamorpho produz-se sobretudo quando se segue o processo de Dorvault.

J. U. DA VEIGA.

(Journ. de pharm. et de chim.)

XAROPE DE CHLORURETO DE SODIO PARA O TRATAMENTO DA TISICA

Os srs. Mialhe e Grassy aconselham a seguinte formula:

Agua distillada	200	grammas
Chlorureto de sodio	25	»
Assucar	400	»
Agua de louro cerejo	30	»

Faça s. a. 50 grammas contémem approximadamente 5 grammas de chlorureto, dôse em que os citados auctores aconselham se empregue este xarope.

O principal fim da applicação d'este medicamento é estimular o appetite e facilitar a digestão.

Applica-se em uma chavena de caldo, pouco antes da comida.

XAROPE DE SULPHATO DE MAGNESIA (DIDELOT.)

Sulphato de magnesia	150	grammas
Agua	500	»
Assucar fino	1	kilogramma

Faça s. a., e depois de frio junte-se-lhe 20 gotas de essencia de aniz.

Contém 3 grammas de sal por onça de xarope, e por isso

pòde administrar-se como diuretico com muita vantagem nos doentes que repugnam tomar grandes quantias de outros liquidos.

**XAROPE DE PHELANDRIO E BELADONA OPIADO, RECOMMENDADO
CONTRA AS TOSSES NERVOSAS E REBELDES**

PELO DR. BECLERE

Sementes de phelandrio aqua- tico	100 grammas
Extracto de belladona	55 centigrammas
Extracto de opio	65 " "
Assucar puro	1:000 " "
Agua fervendo	q. s.

Infundem-se as sementes em q. s. de agua fervendo, para obter 500 grammas do infuso, coado, dissolve-se n'elle o extracto de belladona, junta-se o assucar, e a fogo brando concentra-se até á devida consistencia.

Dòse, tres até seis colhéres de sopa por dia para os adultos, e para as creanças ás colhéres de chá.

(La España medica.)

QUIMICA

SOBRE O TANNATO DE QUININA

POR MR. SMEDT

O processo para preparar o tannato de quinina consiste, como se sabe, em lançar uma solução de tannino sobre outra de acétato de quinina, recolher o precipitado e faze-lo seccar, depois de convenientemente lavado. Seguindo este processo causa admiração, como justamente o faz observar mr. Smedt, a grande quantidade de tannino que necessita a inteira precipitação da quinina da sua dissolução; com effeito 15 grammas de quinina transformadas em acetato exigem approximadamente 50 a 60 grammas de tannino para a inteira precipitação do tannato, quantidade que de certo está em contradicção com a composição do tannato de quinina.

Mr. Smedt pensa que, n'estas circumstancias, as primeiras porções de tannino ajuntadas ao acetato provocam a precipitação de uma parte de quinina debaixo da fórmula de tannato; o acido acetico, posto assim em liberdade, effectua com a quinina ainda não precipitada uma combinação mais estavel que a primeira, e a sua decomposição para contrabalançar o excesso de acido acetico exige necessariamente uma quantidade de tannino mais consideravel; e com effeito quanto mais se avança para o fim da operação, tanto maior é a quantidade de tannino de que se precisa.

Qualquer que seja o modo de encarar esta questão, mr. Smedt, para obter um composto de preparações mais bem definidas, aconselha operar da seguinte maneira:

Prepara-se de uma parte uma dissolução de acetato de quinina, e de outra parte uma dissolução de tannato de ammoniaco, o mais neutro possivel ou com um pequeno excesso de tannino; misturam-se as duas soluções e a operação está terminada dentro em pouco tempo; não ha então mais que recolher, lavar e seccar o precipitado.

O tannato de ammoniaco prepara-se saturando o ammoniaco muito diluido pelo tannino.

O tannato de quinina é sobretudo empregado na medicina das creanças. Este sal exerce sobre o estomago e os intestinos uma acção mais doce que o sulphato de quinina; não provoca a diarrhéa e raras vezes produz alteração na economia.

(Journal d'Anvers.)

SOBRE A PREPARAÇÃO DA GLYCERINA EM INGLATERRA

Mr. Richard Tilghmar, de Philadelphia, fez conhecer em 1854 um processo de saponificação que consiste simplesmente em submeter os corpos graxos á acção do vapor de agua aquecida á temperatura de 300° approximadamente. Debaixo da influencia d'esta alta temperatura e da pressão que d'ella resulta opera-se uma separação entre os elementos constitutivos do corpo graxo. A glycerina encontra-se simplesmente misturada na agua, e basta concentra-la ao principio

docemente, depois a banho-maria, para ter um producto de uma grande pureza.

Este processo é posto em pratica em Inglaterra por mr. Wilson, na sua fabrica de vélas. Opera sobre o oleo de palma, que é muito abundante no commercio. Esta materia graxa é solida, da consistencia de manteiga, de um amarello côr de laranja carregado, apresentando um sabor doce e aromatico, e um cheiro de lirio.

Mr. Wilson branqueia o oleo de palma expondo-o por dez a quinze dias ao ar e á humidade, mantendo a temperatura a 100°, de sorte que os corpos que provêm em seguida do seu desdobraimento são de uma brancura admiravel.

Durante a operação da saponificação a glicerina á proporção que o oleo se decompõe distilla com os acidos gordos, arrastada pelo vapor. É recolhida e concentrada até ao ponto que se lhe separa toda a agua que ella contém; para uso medicinal é preciso diminuir sua densidade. A natureza do corpo graxo, o processo de saponificação tudo concorre para dar um producto de boa qualidade, porque a operação effectua-se sem reactivos, de que é quasi impossivel desembaraça-la em seguida. Por isso deve dar-se a preferencia á glicerina proveniente d'esta origem.

Ha algum tempo que se prepara em França a glicerina por este processo.

(Repert. de pharm.)

A SANTONINA CONSIDERADA COMO REMEDIO PRESERVATIVO DAS CONCREÇÕES DO ACIDO URICO NAS VIAS URINÁRIAS, PELO DR. J. CAMERA

POR MR. VIGLA

As analyses chimicas comprehendidas pelo professor Napoli e por mr. Mialhe, para conhecer as modificações que experimenta a santonina durante a sua passagem no sangue, assim como o estado chimico em que ella sae da economia pela via renal demonstram que a santonina é oxydada na economia. O resultado das minhas observações junto aos doentes me confirmou que os individuos affectados da molestia conhecida pelo nome de calculos uricos, e que de tempos em

tempos são atormentados por violentas colicas nephriticas, manifestavam, depois de por algum tempo terem feito uso da santonina, que eu lhes tinha prescripto, effeitos realmente prodigiosos da acção d'este medicamento. Administrei a estes doentes, durante um mez, duas vezes por semana, uma dóse de 5 a 6 grãos de santonina, que eu lhes mandava tomar pela manhã em jejum, no dia seguinte prescrevia-lhes um purgante de oleo de ricino. Este medicamento pôde assim continuar-se a applicar sem inconveniente durante muitos mezes.

Posso certificar que os individuos torturados por colicas nephriticas, devidas á presença de concreções do acido urico nas vias urinarias, não mais experimentaram as horriveis dores que por vezes lhes poz a vida em perigo. Supportaram perfeitamente os effeitos physiologicos do medicamento, que de certo merecem ser tomados na mais serria consideração.

A santonina obra pois energicamente sobre os systemas nervosos e sanguineos, e por esta rasão deve ter uma grande influencia sobre o grande acto da nutrição; ora, da mesma sorte que a strychnina augmenta a proporção do acido urico na urina dos individuos que fazem uso d'este alcaloide, pôde acontecer que, pelo contrario, a santonina previna a formação excessiva d'este acido nos individuos que têm uma disposição particular para segregar uma quantidade superabundante do producto em questão; esta acção preventiva deveria, segundo toda a probabilidade, ser attribuida a uma modificação dos nervos que presidem á nutrição.

(Il morgani et presse médicale belge.)

J. U. DA VEIGA

da Ordem dos Farmacêuticos

PURIFICAÇÃO DO COBRE

PAR MM. E. MILLON E A COMMAILLE

Encontra-se quasi sempre ferro no cobre metallico, e os saes de cobre rarissimas vezes estão isentos de um pouco de sal ferrico. É mesmo, na maior parte dos casos, á presença do ferro que é necessario attribuir a coloração verde de certos saes de cobre que parecem indifferentemente verdes ou azues. Apesar d'estas duas cores bem caracterisadas não se

reconhece entre os dois saes que as apresentam differença alguma de composição apreciavel, mas no sal verde encontra-se sempre uma pequena quantidade de ferro. O formiato, iodato e lactato de cobre estão particularmente n'este caso. No estado de pureza são azues, mas basta uma insignificante parcella de ferro para lhes communicar um côr verde ¹.

É tambem muito ordinario encontrar-se arsenico no cobre, a precipitação do cobre por uma corrente galvanica não elimina inteiramente o metalloide. Recorrendo aos methodos descriptos até hoje a separação do arsenico e do ferro envolve manipulações laboriosas e complicadas, que nós nos temos empenhado em simplificar.

O cobre que se quer purificar é attacado pelo acido sulphurico do commercio diluido com metade do seu volume de agua. Esta addição de agua modera a reacção e regularisa notavelmente o desenvolvimento do acido sulphuroso; esta indicação não é para desprezar na preparação d'este ultimo gaz. Importa pouco que o acido sulphurico empregado seja arsenical; no fim de quinze a vinte minutos de ebulição todo o arsenico contido no acido será precipitado, e nós não conhecemos um meio melhor para expurgar inteiramente um acido sulphurico impuro do arsenico que elle contém. Continuando a ebulição o cobre dissolve-se no acido sulphurico, e se separa tambem do arsenico que elle contém.

O sulphato de cobre que se produz não contém a menor parcella de combinação arsenical. O metalloide encontra-se todo em um pó negro descripto como o oxysulphureto de cobre, e sobre o qual o acido sulphurico fervente não tem acção.

Quando o desenvolvimento do acido sulphuroso houver terminado lança-se água fervente sobre o residuo da operação e aquece-se de maneira a dissolver todo o sulphato de cobre

¹ Nós temos verificado que o bichlorureto de cobre pôde ser obtido debaixo da fôrma de cristaes azues. Uma parcella de ferro o colora em verde, mas torna-se igualmente verde em outras circumstancias, sobre as quaes nós não insistiremos aqui.

formado, deixa-se repousar o licor acido até que o oxydo sulphureto negro de cobre se tenha depositado, decanta-se, evapora-se até á seccura para o privar do excesso do acido sulphurico, e o sulphato de cobre é redissolvido em agua quente d'onde se faz crystallisar.

O sulphato de cobre assim obtido contém quasi sempre ferro e muitas vezes zinco.

O cobre é facilmente separado d'estes dois metaes por uma corrente electrica.

Forma-se uma solução acida com o sal precedente e se lhe introduzem os electrodos de platina de uma pilha. Regula-se a corrente de tal sorte que o deposito tenha logar, não debaixo da fórma pulverulenta, mas em laminas flexiveis e homogeneas. Deve haver todo o cuidado de manter na solução o sal de cobre em grande excesso.

D'esta fórma o cobre precipitado tem todos os caracteres de uma pureza absoluta. Temo-lo submettido ás experiencias as mais minuciosas sem lhe descobrir o menor traço de substancia estranha.

Entre os ensaios a que temos recorrido para descobrir a existencia do ferro julgámos dever fazer notar uma reacção singular que se observa quando se põem as folhas de cobre em contacto com uma solução de sal cuprico, a que se tenha adicionado um grande excesso de ammoniaco. Opera-se ao abrigo do ar em um frasco esmerillado que se enche exactamente com a solução ammoniacal do sal de cobre.

Quando esta ultima solução não é muito concentrada, o cobre metallico dissolve-se com bastante rapidez, e bem depressa o licor azul se descora; se o cobre e a solução cuprica são absolutamente puros não se observa outro phenomeno mais que a dissolução do metal e a transformação do bi-sal ou protosal. Mas por pouco ferro que o metal ou a dissolução contemham, elle se precipita e se encontra em um pó amarello muito alteravel pelo contacto do ar. O ferro não entra senão em uma proporção minima no pó amarello, que é sobretudo formado de protoxydo de cobre; o zinco é igualmente precipitado. Na

analyse de um d'estes pós encontrámos as proporções seguintes:

Cobre	99,17
Ferro	0,50
Zinco	0,33

Esta eliminação do ferro e do zinco não teria lugar se o sal de cobre ammoniacal contivesse acido oxalico ou acido tartrico, mas nós o temos verificado com o phosphato, nitrato, sulphato e chlorureto cuprico.

É difficil de explicar como uma tão pequena quantidade de ferro arrasta á precipitação no estado de oxydulo uma quantidade de cobre duzentas vezes mais consideravel. E esta influencia muito original que nos tem feito acreditar por um instante na existencia de um metal indeterminado no cobre. Mas o cobre arrastado pelo ferro tem exactamente todas as propriedades do cobre ordinario. Em todo o caso nós não conhecemos processo mais sensivel para descobrir até o menor indicio de ferro no cobre e nas suas combinações; a elle temos recorrido para experimentar o cobre obtido pelo methodo precedentemente descripto, e operando assim sobre 25 grammas de cobre purificado não lhe temos encontrado indicios de ferro.

J. U. DA VEIGA.

(Journa. de pharm. et de chim.)

PREPARAÇÃO DO OXYDO DE COBRE PARA AS ANALYSES ELEMENTARES

PELOS SRS. ESTANDFORD E ERLENMEYER

Depois de termos examinado os diferentes processos propostos para preparar o oxydo de cobre destinado ás analyses elementares, achámos melhor o seguinte, devido ao sr. Estandford: faz-se uma mistura de 2 partes de sulphato de cobre crystallizado e 3 de carbonato de soda, desecca-se n'uma capsula de porcelana, depois calcina-se em um cadinho, projecta-se o producto em agua, filtre-se e lave-se sobre o filtro; o que fica é o oxydo de cobre isento de ferro.

Os chimicos acima referidos preferem o processo antigo, que consiste na calcinação do azotato de cobre, sem se lem-

brarem que este sal encerra muitas vezes tanto chloro quanto é o oxydo que com elle se prepara.

Para o desembaraçar d'este elemento tão prejudicial á analyse elemental introduz-se o oxydo em um tubo de combustão e se calcina a uma corrente de ar humido. Quando o gaz que se escapa do tubo não avermelha mais o papel de tornasol o oxydo pôde ser considerado como isento de chloro.

Termina-se por uma corrente de ar secco, o qual em sacudindo o tubo fortemente acaba de separar os productos nitrosos que tinham podido subtrahir-se á acção do ar humido.

SOBRE A MERCURIALINA, NOVO ALCALOIDE VOLATIL
E SOBRE UM ALCALOIDE VOLATIL DA DIGITAL

As folhas ou a semente da mercurial (*mercurialis annua*) submettidas á distillação com um excesso de cal viva produzem um liquido fortemente narcotico.

Recebe-se o vapor em acido sulphurico diluido e evapora-se a banho-maria, o que dá logar a um residuo de sulphato de ammoniaco, de materia resinosa escura, e um sal de base alcaloide, que parece ter uma certa relação com a nova base organica, á qual se impoz o nome de mercurialina.

Trata-se o residuo a frio com o alcool absoluto, que não dissolve mais que o novo sulphato.

Depois de ter separado o alcool distilla-se o sulphato com potassa caustica; o producto é ammoniacal, rectifica-se por uma corrente de hydrogenio sobre o chlorureto de calcium fundido e se obtem o novo alcaloide em estado de liquido oleoso, que se desembaraça do ammoniaco adherente, submettendo-o ao vacuo da machina pneumatica.

Este alcaloide é muito venenoso. Não foi ainda analysado. Vejamos as suas propriedades as mais caracteristicas: liquido oleoso de cheiro narcotico e reacção alcalina. Ao ar transforma-se em uma resina de consistencia butyrosa. O ponto de ebullicão é a 140°. Absorve o acido carbonico e forma um carbonato muitissimo solavel em alcool. Dissolve os chloru-

retos, e o bichlorureto de platina só precipita vagarosamente na presença do alcool absoluto. O producto consiste em laminas nacaradas de um chloro-platinato.

O oxalato de mercurialina é muito soluvel em agua; o alcool precipita as dissoluções concentradas d'este sal. A mercurialina é muito avida da agua, e saturada d'esta, perde uma parte do seu cheiro narcotico.

O sr. Reichardt promette examinar tambem a *mercurialis perennis*, que, como sabemos, é mais venenosa do que a *mercurialis annua*.

O alcaloide volatil que o sr. Engelhardt annuncia ter tambem obtido ou extrahido da digital, parece analogo ao precedente, aindaque um pouco mais volatil. É pouco soluvel em agua e em chloroformio; é porém muito soluvel em alcool e insoluel em ether absoluto.

Seu cheiro penetrante lembra a nicotina e a conicina; elle é menos desagradavel quando o alcaloide está diluido em alcool.

A sua preparação por meio das folhas da digital é a mesma que a da conicina. Depois dos ensaios directos feitos por um medico parece não haver já duvida que ella reune em si as propriedades activas da digital.

Ainda por ora lhe não foi dado um nome adequado; pelo menos o auctor insiste em que se não confunda este alcaloide com a digitalina, que tem o principio amargo da digital.

F. J. B. Louzino.

SOBRE A EXTRAÇÃO DO IODO

PELOS SRS. SCHWARTZ E LUCHS (ARACHIV. DE PHARMAC., TOMO CXIII, PAG. 151)

Cada um d'estes auctores segue um processo especial; o primeiro consiste em tratar o iodureto pelo acido sulphurico e bichromato de potassa. 3 Kilogrammas, pouco mais ou menos, de sal, proveniente das aguas mães, collocado em um vaso de grés, faz-se dissolver em 3 kilogrammas e $\frac{1}{4}$ de agua; addicionam-se, a pouco e pouco, 3 kilogrammas de acido sulphurico monohidratado, e seguidamente 850 grammas de

bichlorureto de potassa pulverizado. Agita-se vivamente, e logo o iodo começa a separar-se.

O liquido sobrenadante ainda retém algum iodo, que se obtém por via da distillação. O outro processo parece mais expeditivo que o precedente; consiste elle em deslocar o iodo por meio do perchlorureto de ferro, segundo a equação $INa + Cl^3 Fe^2 = Cl Na + 2 Cl Fe + I$, e em tirar o iodo pelo sulphureto de carbone, que se retira em seguida por distillação a banho-maria a 50° centigrados. Este processo é fundado sobre uma observação feita pelo sr. Schwartz; a saber: basta fazer ferver uma mistura formada de ioduretos alcalinos e de sesquichlorureto de ferro para obter pela ebullicão todo o iodo contido n'este liquido.

O que torna mais interessante este processo é não serem os bromuretos metallicos decomponiveis. F. J. R. LOUZEIRO.

ACÇÃO DESCOLORANTE DAS URINAS SOBRE A TINTURA DE IODO

Ha algum tempo que nos hospitaes de medicina e em alguns laboratorios se trata de indagar a acção da tintura de iodo sobre as urinas glucosicas, e comparativamente sobre as não glucosicas, de diversas proveniencias. O ponto de partida d'estas experiencias fôra uma nota dos srs. Trousseau e Dumont Pallier, sobre um processo novo que promettia reconhecer as urinas glucosicas. (Inserido na *Union médicale* de 31 de março de 1863.)

É já conhecida a propriedade que a tintura de iodo possui de commum com o acido nitrico, de produzir por sua mistura com as urinas ictericas uma bella coloração verde.

O primeiro d'estes reactivos, cujo auctor não conheço, é um pouco mais sensivel que o sêgundo, devido a Berzelius.

Havia semanas que nós já tinhamos procedido a estas experiencias quando a 25 de março de 1863 (dizem os auctores citados) examinavamos comparativamente muitas urinas com a tintura de iodo; vertemos algumas gotas de iodo em uma proveta que continha urina de um diabetico (a urina pesava 37° no

areometro), quasi incolor, que tomou logo uma côr do assucar de cevada, devida á mistura da tintura de iodo; mas qual foi a nossa admiração quando vimos a coloração desaparecer pouco a pouco e tornar-se a urina completamente clara depois de alguns segundos?

Repetimos as nossas experiencias muitas vezes sobre a mesma urina e sobre a de outros diabeticos, que deram sempre os mesmos resultados, quer dizer, a tintura de iodo foi descolorada em alguns segundos, e a acção descorante das urinas assucaradas sobre a tintura do iodo é tanto maior quanto maior é a densidade d'ellas.

Alem d'isso, depois de ter experimentado o mesmo processo sobre urinas de diversas proveniencias (mas urinas acidas ao papel de tornasol) tem sido constatado pelos srs. Trouseau e Dumont Pallier, que a urina dos diabeticos parecia ser a urina que possuia a propriedade de descolorar rapidamente a tintura de iodo. Com estes resultados elles pensaram que se poderia provavelmente com a tintura de iodo determinar a quantidade de glycose contida na urina; que para obter este resultado bastaria notar a quantia de urina necessaria para descolorar uma dada quantia de tintura de iodo.

O dr. C. Mauvezin, de Bray-sur-Seine, tendo repetido as experiencias precedentes com a urina de uma creança de seis annos, acommettida de uma diabetis, e tendo-as achado exactas, foi levado por incidente a empregar a solução do amido como auxiliar da tintura de iodo para denunciar a presença do assucar nas urinas menos carregadas d'este principio. Prova-se com effeito que quando se mistura uma urina glycosica com uma pequena quantidade de solução de amido, e que se verte n'esta mistura uma quantidade de tintura de iodo inferior áquella que poderia neutralisar a glycose contida na urina, e se não produz descoloração alguma; mas se o iodo for em excesso ver-se-ha logo apparecer a coloração azul, caracteristico do iodureto de amydo. (*Union médicale* de 9 de abril.)

Com effeito, acrescenta elle, se é facil determinar a descoloração da tintura de iodo em uma urina muito assucarada,

não acontece porém o mesmo emquanto a uma outra que contém menos glycose. É isto o que se tem podido obter diluindo a urina a fim de a examinar em quatro vezes o seu peso de agua.

A addição do amido produz aqui os melhores serviços, porque se as urinas não contêm assucar, a mais pequena quantidade de iodo é sufficiente para azular o liquido sujeito, e se ao contrario elle o contém, será necessario ajuntar maior ou menor quantia de iodo para obter esta coloração.

O dr. C. Mauvezin, entregue a outras considerações, procurou achar um meio de chegar tambem a uma analyse quantitativa do assucar contido nas urinas, considerações que não podemos reproduzir aqui, limitando-nos unicamente a assinalar a pura idéa do seu processo.

Os factos annunciados pelos srs. Trousseau e Dumont Pallier não tardarão a ser objecto das duvidas e contradicções ou interpretações diferentes das d'elles.

O sr. Corvizat, o primeiro que duvidou, depois de ter lembrado o que resulta das experiencias de Magendie, que a maior parte dos liquidos do organismo obtidos pela infusão dos orgãos impedem o licor de amido de ser colorado pela tintura de iodo, cita elle as experiencias que lhe são proprias e das quaes resulta que o acido urico possui a propriedade especial de descolorar a tintura de iodo, e pergunta a si mesmo se esta não é a causa dos resultados obtidos pelos auctores já referidos? (*Union médicale*.)

O sr. Dechambre em alguns artigos inseridos na *Gazette hebdomadaire* expõe e emprega, por assim dizer, a opinião dos srs. Trousseau e Dumont Pallier, resultado de conversações tidas com elles, deixando a questão nos mesmos termos que elles a tinham circumscripto, parecendo-lhe que poderia assim revindicar o facto da descoberta sem adiantar explicação alguma chimica em relação á materia sujeita, que para a sua pretensão muito conviria.

Elle defendia-os emquanto a terem attribuido a descoloração da tintura de iodo á glucose contida na urina, estabele-

cendo que a glucose dos laboratorios dissolvida em agua, e mesmo a proveniente da urina diabetica, e redissolvida em agua ou na urina não gosava da propriedade descolorante das urinas diabeticas recentes, emquanto que ellas podem tanto como estas ultimas reduzir o licor azul de Barreswil e dar uma côr rubro-escura á potassa. Elle notava emfim a mesma reserva guardada pelos dois citados auctores, não admittindo nem excluindo uma parte activa do acido urico e de todo e qualquer outro elemento conhecido ou não na urina, na producção do facto, entendendo unicamente que as urinas glucosicas naturaes possuem a propriedade de descolorar a tintura de iodo, e isto em proporções taes que admiram todos quantos são testemunhas pela primeira vez d'esta acção descolorante.

Pela sua parte o sr. Dechambre tem feito numerosos ensaios sobre as urinas glucosicas e não glucosicas com os srs. Pasteur, Vulpian e Delpech, e reconheceu que estes ultimos apresentavam, a maior parte das vezes, as mesmas propriedades descolorantes dos primeiros no mesmo grau, e algumas vezes superior; depois de se ter assegurado directamente, como já o tinham feito os srs. Trousseau e Dumont Pallier, que a glucose é estranha a esta reacção, emprehendeu sobre os diversos elementos da urina estudar separadamente em uma solução aquosa uma serie de experiencias, a fim de constatar aquellas entre as quaes predominava mais ou menos a propriedade de descolorar a tintura de iodo, e tendo assim resumido os seus experimentos ás seguintes deducções:

1.º É sabido que a tintura de iodo jamais poderá servir para determinar a quantidade de glucose contida na urina, como antes o tinham annuciado os srs. Trousseau e Dumont Pallier. Elles mesmos reconheceram depois que a glucose não influe sobre a descoloração da tintura.

2.º Certas urinas não glucosicas descoloram a tintura tão rapida e fortemente como certas outras glucosicas. O futuro melhor ensinará se o poder descolorante pôde dar na urina glucosica a intensidade que nunca poderia dar-se na urina

normal, como julga o sr. Trousseau ter observado nos diabeticos do seu serviço, e se este poder mais elevado se dá mais frequentemente na primeira do que na segunda. Em todo o caso a tintura de iodo, como reactivo, nunca poderá comparar-se com o licor cupro-potassico ou com a cal.

3.º A descoloração da tintura pôde ter por agentes principaes o sulphato de potassa, o acido urico e os uratos potassicos de ammoniaco. Seria pois a proporção relativa d'estes saes na urina que regularia a força do poder descolorante com ou sem glucose? Se este poder pertencia sobretudo a urinas glucosicas, seria necessario proceder a novas pesquisas sobre os saes contidos nas urinas.

O sr. Farge, professor de clinica medica na escola de Angers, n'uma viagem recente a Paris assistiu ás experiencias do sr. Trousseau. De volta a Angers procurou repetir as experiencias do sabio professor. Dois doentes atacados de diabetis confirmada, e mais oito doentes, mas não diabeticos, ao seu cuidado serviram para as experiencias comparativas feitas com o maior escrupulo, como se mostra do detalhe que d'ellas nos dá na *Gazette hebdomadaire* de 24 de abril. N'estas experiencias as urinas diabeticas e muito glucosicas presentem o minimo do poder descolorante; o maximo pertence ás urinas febris ou ás de qualquer outra causa.

Na presença d'estes resultados tão contradictorios dos srs. Trousseau e Dumont Pallier, de uma parte, de Dechambre e Farges da outra, devemos esperar que mais experiencias confirmem a verdade.

F. J. R. LOMENO.

(Journal de pharm. et de chim.)

REACÇÕES DE ALBUMINA EM PRESENÇA DA GOMMA

É sabido que os acidos mineraes precipitam as dissoluções de albumina, enquanto que os acidos organicos não têm sobre ella acção alguma.

O sr. Gunsberg acredita que isto não pôde ter logar senão quando se emprega um grande excesso de acido, porque do contrario o liquido albuminoso conserva a sua limpidez, mesmo na presença dos acidos mineraes os mais energeticos.

Se tambem é verdade, como elle assevera, que o liquido albuminoso fresco, e por consequencia turvo, se torna limpido na presença de uma pequena quantia dos acidos mine-
raes, que admira que ella não precipite pelos acidos acetico e oxalico?

A verdade é que, se se emprega um excesso de acido acetico, o liquido proteico não se coagula mesmo debaixo da influencia do calor, que é o mesmo que acontece quando elle contém uma pequena quantidade de um acido mineral.

Mas se a uma dissolução igual, quer dizer, contendo um pouco de acido mineral ou uma quantia arbitraria de um acido organico se ajunta mucilagem de dextrina preparada, por meio do acido sulphurico, com o auxilio da diastase produz-se promptamente um precipitado intenso que não tarda em tornar-se ou prender-se em flocos que não é soluvel nem n'um excesso de acido, nem de dextrina.

Com um excesso d'aquelle o liquido é susceptivel de precipitar uma nova porção de liquido albuminoso; com uma quantia insufficiente retem naturalmente a albumina e perde toda a acção sobre esta ultima, enquanto precipita as dissoluções gommosas.

O auctor não se explica sobre a natureza d'estes precipitados obtidos com a dextrina.

Mas nós insistimos sobre este ponto, porque a gomma arabica comporta-se differentemente. É verdade que ella precipita os liquidos albuminosos igualmente acidulados, mas com a condição de não ser empregada em excesso, porque o deposito occasionado por uma pequena quantidade de gomma arabica é soluvel em um excesso d'aquelle.

Ha um outro character distinctivo não menos interessante, e é o seguinte: tornado acido um liquido albuminoso, fica sendo incoagulavel pelo calor; mas uma addição de gomma lhe restitue esta propriedade.

Seja dada uma dissolução contendo um pouco de acido mineral, ou mais ou menos de um acido organico; se a este liquido limpido se junta uma dissolução arabica, obtem-se um

precipitado que um excesso faz desaparecer de novo. Mas se este liquido limpido for aquecido á ebullição promptamente se verá formar o precipitado floconoso em questão ¹.

F. J. R. LOUZEIRO.

VARIÉDADES

Presença da aspargina na escorcioneira, pelo sr. Gorup-Besanez. — A mais empregada é a escorcioneira de Hespanha (*scorzonerá hispanica*). Emprega-se fresca e se esgota pela agua, submettendo-a ao dinamizador. No fim de vinte e quatro horas o liquido apresenta a aspargina em quantidade, que depois de uma conveniente demora dá uma bella crystallisação.

Purificação do alcool amylico, por mr. Hirsch. — O alcool amylico bruto é primeiramente agitado tres ou quatro vezes com o seu volume de agua saturada de sal, até que o liquido não diminua de volume; por meio d'esta operação afasta-se quasi todo o alcool ethylico; o que resta é eliminado pela agitação com quatro vezes o seu volume de agua, e rectificação subsequente.

Meio de reconhecer a pureza do chloroformio, por mr. Hardy. — Mr. Hardy aconselha o sodio secco em papel sem colla para reconhecer a pureza do chloroformio.

Quando o chloroformio é puro o sodio fica intacto, mas quando este agente anesthesico contém alcool ou ether ha desenvolvimento de hydrogenio.

Esta reacção tem logar a frio e é quasi instantanea. O nitro-sulphureto de ferro proposto por mr. Roussein não será um meio mais simples?

Telegraphia vocal. — Acaba de inventar-se em Inglaterra um apparelho telegraphico que permite levar de um ponto a outro mui distante as notas da voz humana. A pessoa que pretende

¹ Nós entendemos que seria de immediato interesse examinar como n'estas circumstancias se comporta a gomma proveniente da digestão das materias amylaceas, e decidir se ella se modifica á maneira da gomma artificial preparada com o amido, ou se, ao contrario, suas reacções são semelhantes ás que caracterizam a gomma segregada pelas plantas.

(Nota do traductor.)

communicar a sua voz põe-se diante do instrumento e canta em um tubo uma nota qualquer: uma membrana que se acha estendida em roda do dito tubo, de sorte que vibre a impulsos da nota cantada, acha-se em relação por meio de um fio conductor com a outra membrana situada na estação aonde se dirige. O numero de vibrações da membrana proxima corresponde exactamente á abertura ou á interrupção da corrente electrica transmittida pelo fio conductor á membrana opposta, e debaixo da influencia das correntes vibra unisona com a primeira, dando um som identico ao cantado.

Por este modo, pouco deve faltar já para que se possam falar duas pessoas situadas nos dois extremos do mundo, e não será estranho que com o tempo possa uma companhia de opera recrear a todos os *dilletanti* da Europa.

Novo aparelho. — O sr. A. Galobert apresentou á academia das sciencias de Paris um aparelho destinado a permittir uma respiração livre e completa ás pessoas que têm que conservar-se por algum tempo debaixo de agua ou penetrar em um sitio cheio de fumo ou gazes deleterios. Este aparelho arma-se em meio minuto, e pôde sem duvida ser de grande utilidade nos casos de incendio e outros, em que convenha assegurar por algum tempo a respiração do ar atmospherico.

Associação medica italiana. — Com este titulo acaba de formar-se em Italia uma sociedade composta de pharmaceuticos, medicos e veterinarios, com o fim de fazer vingar o seguinte programma:

- 1.º A prosperidade da familia medica;
- 2.º A protecção e defeza de seus interesses e pessoas;
- 3.º A dignidade profissional;
- 4.º O melhoramento das instituições sanitarias do paiz;
- 5.º O progresso da sciencia ostensivamente.

Esta associação tem tido um incremento assombroso em todas as cidades da Italia, e em todos os associados se manifesta um enthusiasmo muito superior ao que ha poucos annos se notou nos medicos de Hespanha, quando tentaram formar a confederação medica.

Na Italia de hoje porém dão-se outros elementos; é muito maior a tendencia para as associações, e dá-se uma politica unisona, a qual bem se tem manifestado nas suas reuniões. Em um banquetê dado pelo centro d'esta associação em Cuneo, o brinde do presidente da junta foi feito á familia medica em geral, para que cedo se reuna em Roma debaixo da egide da bandeira italiana; tambem brindou o Nestor dos liberaes de Alba. O terceiro, que terminou por entusiasticos vivas, foi ao medico Viara, propondo-se e accordando-se abrir uma subscripção para soccorrer a heroica Polonia! Notem as associações medicas portuguezas o bom espirito que anima os nossos illustrados collegas de Italia, e verão quanto nós vamos ficando áquem d'aquelles, tendo nascido primeiro.

Pela nossa parte fazemos votos para que igual tendencia se desenvolva entre nós e se realizem os desejos que nutrimos pela prosperidade da familia medica portugueza.

ANNUNCIO

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard, pelo pharmaceutico Manuel Vicente de Jesus.—Estas pilulas analysadas pela sociedade pharmaceutica lusitana, e ensaiadas nos hospitaes de Lisboa e na clinica particular, são identicas ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a recommendavel vantagem de serem menos consistentes.

Depositos parciaes. — Lisboa, pharmacia dos srs. A. F. A. de Azevedo & Filhos, Rocio, n.º 88. Na do sr. A. A. R. de Oliveira, rua dos Retrozeiros, n.º 40, Barral, rua Aurea, n.º 126, e na drogaria do sr. Serzedello & C.^a, largo do Corpo Santo.

Porto, pharmacia do hospital real de Santo Antonio, campo dos Martyres da Patria.

Abrantes, pharmacia do sr. M. V. de Jesus Senior.

Rio de Janeiro, pharmacia do sr. Antonio Fernando da Costa, rua da Prainha, n.º 40.

Deposito geral—Pharmacia de M. V. de Jesus, largo do Rato, n.ºs 46 e 47.

TOXICOLOGIA

Encarregados pelo meritissimo sr. juiz de direito do segundo districto criminal d'esta cidade de proceder á analyse chimica das visceras do cadaver de Maria Monica, do logar de Marrases, e bem assim de uma porção de assucar e tapioca, depois de prestado o juramento da lei, procedemos do modo seguinte:

Foi-nos presente pelo dito sr. juiz um caixote de madeira de 0^m,36 de altura, 0^m,55 de comprimento e 0^m,22 de largura, tapado com tampa de madeira pregado, e ligado por nastro branco em cruz; o ponto do cruzamento dos nistros achava-se preso por meio de lacre vermelho, onde se viam as armas do hospital da misericordia de Leiria, e em torno a legenda « misericordia de Leiria », ao lado d'esta e sobre um dos nistros viam-se mais duas porções de lacre com as mesmas armas e legendas.

Sobre a tampa d'este caixote e proximo a uma das extremidades se achava pregada uma pequena caixa de madeira, tapada com tampa da mesma, tendo 0^m,05 de altura e 0^m,13 de comprimento, e 0^m,07 de largura, e vinha ligada por meio de nastro branco em cruz, tendo no ponto de cruzamento uma porção de lacre vermelho, onde se viam as mesmas armas e legenda.

Procedeu-se em seguida á abertura do caixote e encontramos tres frascos de vidro com os n.ºs 1, 2 e 3, envolvidos em compartimentos de folha, e um embrulho de papel.

Frasco n.º 1, de 0^m,25 de comprimento e 0^m,35 de diametro; tinha um rotulo de papel branco collocado sobre outro rotulo e que dizia « liquido do estomago e estomago, envolvidos em alcool ».

Frasco n.º 2, de 0^m,3 de altura e 0^m,43 de diametro, tinha a capacidade de 3 litros approximadamente, com rotulo de papel branco, que dizia « coração e parte do pulmão ». Estas visceras vinham immergeadas em um liquido.

O frasco n.º 3, 0,^m3 de altura e 0^m,4 de diametro, tinha um rotulo de papel branco que dizia « figado e parte do intestino delgado ».

Todos estes frascos tinham sobre a rolha de vidro duas coberturas, a mais externa de papel branco atado com fio verde e branco, tendo no nó um pingo de lacre vermelho com as armas do hospital e a mesma legenda, e escriptas as seguintes rubricas « Rosa, Barreiros, Pereira, Macedo, Sousa, Reis e Silva », por baixo d'esta havia outra capa de pellica branca ligada com fio semelhante.

Encontrou-se mais envolvido na folha do caixote um volume de papel branco, tendo ao longo das juntas da dobra, tres pingos de lacre vermelho com as mesmas armas e legenda, e dizia conter uma porção de assucar encontrado em casa da fallecida, achando-se n'este embrulho as mesmas rubricas de que fallámos no involucro dos frascos: extrahido este involucro de papel encontrámos um outro de pellica branca ligado com fio branco e verde, com sete voltas ao longo e duas em cruz, tendo no nó um pingo de lacre vermelho com as armas já citadas; extrahida esta capa de pellica encontrou-se outro involucro de papel branco, tendo nos pontos de junção o lacre com as mesmas armas, e n'elle se acha a rubrica « Silva », seguia-se a este involucro um outro, tambem de papel branco, sem inscripção alguma, fechado com lacre vermelho sem as armas; aberto este encontrámos um embrulho de papel e dentro d'este um papel pardo contendo uma substancia que verificámos ser assucar.

Aberta a pequena caixa de madeira que se achava pregada á extremidade da tampa do caixote encontrámos um volume de papel branco tendo no cruzamento dos nastros o lacre vermelho e as armas e legenda identicas. N'este papel achava-se inscripto o conteúdo, e que dizia ser uma porção de tapioca, com as rubricas que apenas podémos distinguir; a saber: « Macedo, Reis, Silva, Rosa »; ligava ainda este embrulho por baixo do nastro uma porção de linha branca; aberto o embrulho encontrámos envolvida em papel pardo uma substancia

branca em grãos, que conhecemos ser effectivamente tapioca; dentro da mencionada caixa, no fundo e por baixo do volume que tirámos, encontrámos um papel assignado pelo escrivão Anthero Maximiano de Sousa Reis, declarando o contido na sobredita caixa.

Tendo pois para analyse, *visceras, assucar e tapioca* começámos pela

Analyse das visceras

Tomámos uma porção de todas as visceras citadas, cortámos-las em pequenos bocados, deseccámos-las e carbonisámos com acido sulphurico puro; o carvão obtido foi tratado pelo acido azotico com algumas gotas de chlorhydrico, e depois de evaporado o excesso do acido tratámos pela agua distillada fervente e filtrámos.

O liquido filtrado dividiu-se em duas porções para os seguintes ensaios:

I Armámos o apparelho de Marsh, fizemo-lo funcionar, e depois de verificada a sua pureza introduzimos-lhe uma porção de liquido, inflammámos o jacto do gaz e approximando da chamma um pires de porcellana vimos formar-se sobre ella grande numero de manchas pardas com brilho espelhoto.

Estas manchas eram de arsenico:

- 1.º Porque desappareciam á chamma de oxydção;
- 2.º Porque eram completamente soluveis no acido azotico a frio;
- 3.º Porque eram igualmente solveis no hypochlorito de potassa;
- 4.º Porque a solução obtida pelo acido azotico, evaporada e dissolvida em agua distillada e tratada pelo azotato de prata ammoniacal, deu um precipitado vermelho côr de tijolo.

II A outra porção do liquido, convenientemente acidulada com acido chlorhydrico, foi sujeita á acção de uma corrente de gaz sulphydrico lavado, produzindo-se immediatamente um precipitado amarello de sulphureto de arsenico completamente soluvel no ammoniaco.

Analyse do assucar

Tomámos 2 grammas de assucar, tratámo-lo pela agua distillada e agitando bem podémos notar a presença de um corpo pulverulento que avermelhou o papel azul de tornasol. Juntámos a esta solução algumas gotas de acido chlorhydrico, aquecemos e filtrámos.

O liquido filtrado, sujeito parte a um novo apparelho de Marsh, tambem de reconhecida pureza, e a outra parte ao gaz sulphydrico lavado, apresentou resultados identicos aos anteriores: isto é, houve formação de manchas pardas com brilho de espelho e precipitado amarello de sulphureto de arsenico. Estes resultados foram em maior escala, porque o arsenico se achava na substancia em quantidade.

Analyse da tapioca

Tratámos uma porção pela agua distillada e acido chlorhydrico, aquecemos, filtrámos, e o liquido filtrado não produziu manchas no apparelho de Marsh, nem deu precipitado suspeito pelo sulphydrico.

Do que concluimos:

1.º Que as visceras que nos foram presentes, como extraídas do cadaver de Maria Monica, têm arsenico;

2.º Que o assucar, na quantidade de 100 grammas proximate, e que se diz ter sido encontrado em casa da fallecida, tem arsenico em proporção tal que nos permittiu fazer a analyse apenas em 2 grammas de substancia;

3.º Que a tapioca não contém substancia toxica pertencente ao reino mineral.

Lisboa e laboratorio da sociedade pharmaceutica lusitana, em 30 de janeiro de 1864. — *Joaquim José Alves* — *José Mendes da Assumpção*.

PHARMACIA

VINHO DIURETICO DO HOTEL DIEUX

Descontente mr. Trousseau de todas as formulas de vinhos diureticos conhecidos, e sobretudo do chamado *da caridade*,

estudou esta questão, decidindo-se pela seguinte formula, que não duvida achar melhor que todas as outras, e de resultados mais positivos.

Vinho branco	750	grammas
Bagas de zimbro	50	»
Folhas de digitals	10	»
Scilla	5	»

Deixa-se macerar por quatro dias e ajunte-se-lhe:

Acetato de potassa	15	grammas
--------------------------	----	---------

Filtra-se para tomar duas ou tres colhéres grandes por dia. Este vinho tem sido indicado no hospital francez.

PILULAS CONTRA A GOTA

O sr. Becquerel recommenda as seguintes pilulas:

Sulphato de quinino	1	gramma
Extracto de digitals	0,20	»
Sementes de colchico	0,50	»

Faça dez pilulas para tomar de uma a tres por dia em dias successivos.

Diz o auctor que com estas pilulas faz desaparecer os accessos da gota no espaço de sete a oito horas.

LINIMENTO PARA A CURA DA SARNA

O dr. Defens usa da seguinte formula para curar a sarna, porque alem de ser efficaç e pouco dispendiosa tem a vantagem de não expor aos perigos dos mercuriaes e da dissolução do arseniato de potassa.

Staphisagra em pó	15	grammas
Cevadilha em pó	15	»
Oleos de meimendro	6	»
Azeite de oliveira	q. b.	

Faz-se uma ligeira fricção ao principio e depois augmenta-se o numero de modo que no fim de seis ou oito fricções acha-se completa a cura da sarna. _____

PAPEIS ATROPINADOS

Estes papeis pela sua fórma assimilham-se aos papeis reactivos usuaes. Toma-se uma tira de papel sem colla, immerge-se em uma solução de 26 centigrammas de sulphato neutro de atropina para 15 grammas de agua distillada. Faz-se seccar lentamente, e quando ha necessidade de dilatar a pupilla para o exame ophthalmoscopico ou para uma operação cirurgica, basta humedecer esse papel. O auctor aconselha com preferencia para o effeito o papel de côr, a fim de assegurar-se que se retira de todo dentre as pregas da conjunctiva, quando quer separar-se.

REMEDIO CONTRA A ESCORIAÇÃO E FENDAS DAS PARTES

O sr. Defense aconselha o seguinte meio para prevenir estes estados pathologicos.

Agua de rosas.....	30-grammas
Gomma arabica.....	q. s.
Balsamo do Perú.....	2 grammas

Uma a seis fricções por dia.

Esta mucilagem é mui preferivel á pomada composta de 30 grammas de banha e 4 de balsamo de Perú. Excepto a cauterisação com o nitrato de prata nos casos inveterados, diz o auctor não haver recorrido nunca aos outros meios empregados pelos praticos.

J. J. ALVES.

LICOR DE VILLATE

Este preparado usado nas carias consta do seguinte :

Sub-acetato de chumbo liquido ..	30 grammas
Sulphato de cobre crystallizado ..	} aã 15 »
Sulphato de zinco.....	
Vinagre branco.....	200 »

Prepara-se dissolvendo os dois ultimos saes no vinagre e ajuntando pouco e pouco o sub-acetato.

Formam-se os acetatos de zinco e de cobre, e o sulphato de chumbo que se precipita, ficando excesso de vinagre, e dos sulphatos de zinco e de cobre por decompor.

PÓS LAXANTES E REFRIGERANTES

Sulphato de magnesia	20	grammas
Chlorureto de sodio	4	»
Nitrato de potassa	4	»
Assucar pulverisado	10	»

Misture-se e divida-se em papeis de 4 grammas para tomar um pela manhã em jejum e outro de tarde, dissolvido em agua, podendo augmentar-se até quatro papeis por dia. Refrescam e refrigeram o ventre sem congestionar as visceras abdominaes nem alterar a secreção da bilis.

MODO DE FAZER DESAPARECER O SABOR DESAGRADAVEL DO IODURETO DE POTASSIO

O sr. Leccrere, com o fim de disfarçar o mau gosto do iodureto de potassio e fazer melhor a sua applicação, recommenda a seguinte formula:

Iodureto de potassio	10	grammas
Agua distillada	10	»
Rom	80	»

Para tomar ás colhêres.

PILULAS CONTRA A CHORÉA

O dr. Debreine aconselha para combater esta affecção as seguintes pilulas:

Alcamfor	12	grammas
Assafetida	12	»
Extracto de belladona	4	»
Extracto de opió	1	»
Xarope de gomma	q. b.	

Para fazer cento e vinte pilulas e tomar de uma a quatro por dia, progressivamente, pela manhã em jejum.

TOPICO CONTRA AS NEURALGIAS FACIAES

O sr. Mussy recommenda, como mui efficaz contra estas neuralgias, a preparação seguinte:

Alcoolado de melissa	4 grammas
Alcoolado de aconito	2 »
Chloroformio puro	1 »

Misture bem para fazer fricções sobre as partes doridas.

DA ACÇÃO QUE SOBRE A PUPILA EXERCE A FAVA DE CALABAR (PHYSOSTIGMA VENENOSUM)

O sr. Giraldes apresentou á academia das sciencias de Paris a seguinte nota a este respeito:

O fructo d'esta leguminosa possui propriedades toxicas bem conhecidas; porém a propriedade de produzir a contracção da pupilla foi ignorada até ás felizes investigações do dr. Fraser, consignadas em sua these inaugural, sustentada em Edimburgo em 1862; esta propriedade tem sido posteriormente comprovada por grande numero de physiologistas inglezes.

A fava de Calabar não é conhecida entre nós, mas o sr. Fraser teve a bondade de proporcionar-me esta substancia, com a qual pôde fazer algumas experiencias no hospital das creanças, cujo resultado é o seguinte:

Em oito meninos, entre tres a treze annos de idade, cujas pupillas estavam demasiadamente dilatadas, foi injectada entre as palpebras uma gota da dissolução do extracto da fava de Calabar feita em glycerina, e em todos elles, alguns minutos depois, era manifesta a contracção da pupilla e chegava ao seu maximo grau no espaço de quinze a vinte minutos, a ponto de ter apenas $\frac{1}{2}$ millimetro de diametro.

N'um dos pequenos enfermos tinha logar uma grande dilatação produzida pela applicação pouco antes feita do sulphato

Centro de Documentação Farmaceutica
Ordem dos Farmacêuticos

de atropina, mas a contracção operou-se no espaço de vinte minutos a ponto de que a pupilla chegou a ter só $\frac{1}{2}$ millimetro de circumferencia n'este espaço de tempo.

A contracção tambem cessa no espaço de quinze a vinte horas, em todas as creanças em que se ensaiou, yinte e quatro horas depois estava no seu estado primitivo.

A propriedade que este medicamento possui de contrahir rapidamente a pupilla parece trazer grandes vantagens na sua applicação ás ophthalmologias.

F. J. R. LOUZINHO.

(El siglo medico.)

CHEMICA

USO DO ACIDO HYDROCHLORICO NA PREPARAÇÃO DO CREMOR DE TARTARO

Segundo o sr. Liebig, o tartaro tratado pelo acido hydrochlorico concentrado dá os seguintes resultados:

Uma parte da potassa separa-se no estado de chlorureto de potassio e forma-se acido tartarico livre.

Esta decomposição porém não tem lugar se o acido empregado for diluido. Este a quente dissolve com facilidade o cremor de tartaro contido no tartaro cru, e crystallisa o bitartarato de potassa quando o liquido esfria.

Para isto devem empregar-se as seguintes proporções:

Tartaro cru	200 grammas
Agua	100 »
Acido hydrochlorico do commercio.	100 »

N'este caso não tem lugar a formação de chlorureto de potassio. Esta dissolução, de um amarello claro, é tratada pelo carvão animal, e pelo resfriamento apresenta crystaes incolores de bitartarato de potassa tão puro, que basta lava-los, para lhe separar algum acido hydrochlorico adherente, e secá-los em seguida.

As aguas mães d'estes crystaes servem para novas e successivas dissoluções com o mesmo acido, que se satura a pouco e pouco do ferro e da cal contidos no tartaro cru.

F. J. R. LOUZINHO.

MODO PRÁTICO DE RECONHECER AS BOAS AGUAS POTÁVEIS

As aguas destinadas para beber devem ser claras, limpidas; frescas e sem cheiro; devem rejeitar-se as que não forem leves e de uma certa frescura ao beber, as que tenham em suspensão partes terrosas que alterem sua transparencia, e as estagnadas.

Em geral as aguas em igualdade de circumstancias são tanto melhores quanto menos pesadas são; não se entenda porém que o peso entre duas ou mais aguas pôde apreciar-se por meio de uma balança ordinaria, ao contrario, só com os instrumentos especiaes é que podem apreciar-se devidamente aquellas differenças.

Para ensaiar aquellas que possuam as qualidades que deixámos referidas, proceder-se-ha da maneira seguinte: prepara-se de antemão um liquido de ensaio, tomando $\frac{1}{2}$ onça de bom sabão ralado e 1 libra de aguardente de Hollanda, e n'um frasco proprio vascoleje-se repetidas vezes até que se dissolva completamente. Depois de dois dias de descanso decanta-se de maneira que não passe senão o liquido claro e limpo de impuridades, e guarde-se em frasco bem rolhado.

Esta quantia serve para ensaiar uma porção avultada de aguas.

Para evitar a necessidade de pesar as aguas todas as vezes que se quer proceder a estas operações deve ter-se de antemão um frasco de 3 a 4 onças de capacidade, pesa-se n'elle 1 onça de agua, marca-se a altura onde ella chega com uma tira de papel, e depois quando se pretende 1 onça d'este liquido deita-se-lhe a quantia que baste para tocar o traço marcada pela tira; sobre esta quantidade e no mesmo frasco se juntam 4 gotas do liquido de ensaio feito de sabão e aguardente; tapa-se o frasco e agita-se com força por um pouco, em todos os sentidos, e se observa depois, deixando-o em repouso: se na superficie da agua se formou uma camada de espuma, que dura quatro ou cinco minutos; se isto não acontece, juntam-se mais 2 gotas e agita-se de novo, como da pri-

meira vez; se ainda assim se não forma espuma, repete-se a operação tantas vezes quantas for necessario, até consegui-lo, levando contadas as gotas do liquido empregado.

Quanto menos gotas do liquido saponaceo necessita uma agua para formar uma camada de espuma que se não desvanece senão depois de quatro a cinco minutos, tanto mais pura ella é, e tanto melhor é tambem para beber, se reúne as condições que acima deixámos indicadas. A que com 2 ou 3 gotas da dissolução der a espuma indicada é a mais pura, mesmo até 6 gotas tambem são reputadas potaveis; mas as que necessitam mais de 20 gotas devem reputar-se prejudiciaes.

Este methodo de ensaio está ao alcance de todos e é o mais simples, aindaque não dá os resultados que podem obter-se por meio dos tubos graduados, pipetas e os demais instrumentos ou apparatus que compõem o estudo hydrotimetrico, recommendados para taes observações; contudo aindaque se não possam deduzir consequencias exactas na comparação das aguas das fontes, dos poços, dos rios, etc., pôde-se facilmente saber qual é a melhor para uso dos homens e dos animaes, e mesmo para a lavagem dos tecidos.

F. J. R. LOUZINHO.

Bolet. do instit. med. valenc.

SOBRE A COMBINAÇÃO DO AZOTE COM OS METAES

Sabe-se que o azote é susceptivel de combinar-se com muitos corpos simples, especialmente com o boro, silicium, titano e magnesium. Geuther e Briegleb estudaram profundamente estas combinações e fizeram conhecer outras do mesmo genero (*Archiv. de pharmac.* tomo cxiii, pag. 163), realisadas, tanto com o zinco como com o chromio e ferro, cujo azotureto fôra obtido indirectamente pelo sr. Despretz, que a sciencia acaba de perder, expondo o ferro á acção de uma corrente de gaz ammoniaco. Os srs. Geuther e Briegleb reconheceram porém que o ammoniaco não entrevinha aqui como origem do azote, e que se podia chegar ao mesmo resultado empregando-se este gaz no estado puro, e foram mais longe, affirmam que todos os corpos simples que podem dar azoturetos

com o ammoniaco são susceptíveis de o produzir igualmente com o azote puro.

O azotureto de magnesium, $Az Mg^3$, descoberto em 1857 pelo sr. Deville, obtem-se expondo ao calor a limalha do magnesium a uma corrente de gaz azote. Elle constitue uma massa amorpha esverdeada, passando a escura, debaixo da influencia do calor. Aquecido ao ar transforma-se pouco a pouco em magnesia; no oxygenio puro esta transformação faz-se instantaneamente, com acompanhamento de calor e de luz. Ao ar humido dá logar á formação de magnesia e de ammoniaco; a metamorphose opera-se instantaneamente na presença de uma pouca de agua, e com grande energia se esta é levada até á ebullicão. A frio o acido sulphurico é sem acção, mas debaixo da influencia do calor a oxydação é rapida e dá logar á formação da magnesia, ammoniaco e acido sulphuroso. Da mesma fórma o chloro tambem não obra senão debaixo da influencia do calor. Ao rubro sombrio o hydrogenio sulphurado secco produz com elle sulphureto de magnesium, bem como sulphureto de ammonium, que se sublima.

O gaz carbonico e oxydo de carbone não o decompõem senão ao rubro branco, formando carvão, magnesia e cyanogenio. Com o azote saturado de perchlorureto de phosphoro obtem-se ao rubro uma viva incandescencia que dá logar á formação do chlorureto de magnesium, bem como a uma materia branca insolavel em agua, e que parece ser o phosphureto de azote.

Ao rubro e com o ferro puro obtem-se um azotureto que resiste á temperatura mais elevada.

O chromio puro absorve o azote em abundancia e se transforma em um pó negro $Cr^2 Az$, já obtido pelo sr. Uhrlaub.

O zinco a quente parece absorver tambem o azote. Nas mesmas circumstancias o aluminio augmenta 3 por 100 em peso. Aquecido em seguida com a potassa dá logar a um desenvolvimento de ammoniaco que poderia dar em resultado a producção de um azotureto de alumipium, se o metal em

pregado for completamente isento de ferro e silicium. Emquanto ao molybdeno e ao tungsteno nada se sabe de positivo.

F. J. R. LOUREIRO

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 631 DA SESSÃO DE 10 DE FEVEREIRO DE 1864

Presidência do sr. H. J. de Sousa Telles

Pelas sete horas da noite declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Um officio do sr. Lino Augusto de Macedo e Valle, agradecendo á sociedade a honra que lhe tinha conferido, nomeando-o seu socio honorario, honra que espera não desmerecer. — Inteirada.

Outro officio do sr. Antonio Maria Barbosa, no mesmo sentido do antecedente. — Inteirada.

Leu-se a lista dos objectos doados, que foram recebidos com agrado.

O sr. *presidente* disse que a mesa fôra, conforme as deliberações da sociedade, instar com os srs. Alves e Labate, para retirarem as escusas que tinham pedido dos cargos de primeiro e segundo vice-presidentes, e tinha a satisfação de annunciar que tanto o sr. Labate como o sr. Alves se tinham conformado com os desejos d'esta sociedade, annuindo ás instancias da mesa. — A sociedade recebeu esta participação com especial agrado.

O sr. *presidente* disse que o sr. João José de Sousa Telles o tinha encarregado de agradecer á sociedade a unanimidade com que o tinha recebido no seu seio. Continuando a usar da palavra, disse que pedia á sociedade o dispensasse de fazer parte da commissão de inquerito ao monte pio pharmaceutico, porque os seus muitos afazeres o impediam de tomar parte

n'estes trabalhos, e que tendo o sr. Telles Junior manifestado desejos de pertencer áquella commissão, lhe parecia seria conveniente ser por elle substituido.

Depois de alguma discussão, em que tomaram parte os srs. Telles Senior, Jara, Quadros, Correia e Veiga, a sociedade tendo aceitado a demissão pedida, decidiu que fosse a mesa encarregada de nomear o outro membro d'aquella commissão, que devia substituir o sr. Telles Senior.

O sr. *presidente* participou que a mesa tinha nomeado membro da commissão de inquerito o sr. João José de Sousa Telles.

ORDEM DO DIA

O sr. *Loureiro* mandou para a mesa uma proposta para socio effectivo, proposta que declarou urgente.

Approvada a urgencia, corrido o escrutínio, verificou-se ter sido approvado unanimemente socio effectivo o sr. Manuel Antonio Thomás Lino, residente em Lisboa.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

DISCUSSÃO SOBRE A CONVENIENCIA DA PHARMACIA CENTRAL

O sr. *Correia* historiou o que na sociedade se tinha passado em 1836, ácerca d'este mesmo assumpto, e depois de varias considerações terminou dizendo que lamentava que aquella instituição que começára com tão bons auspícios, morresse sem se saber a verdadeira causa.

O *segundo secretario Veiga* disse que no estado de abatimento em que actualmente está a nossa classe não podia conceber-se a idéa da fundação de um estabelecimento, que demandava avultados capitaes; que só lhe parecia isso praticavel promovendo a sociedade a formação de uma companhia de capitalistas, porque entendia que era este um negocio de bastantes lucros, e de certo não faltaria quem quizesse coadjuvar a sociedade em tão util fundação, maximé havendo a quasi certeza de d'ali auferir lucros muito rasoaveis.

O sr. *Jara* abundou nas idéas expendidas pelo segundo secretario Veiga.

O sr. *Quadros* disse que se a pharmacia central se estabelecesse, acreditava que os collegas concorreriam a ella de preferencia a outra qualquer drogaria.

Depois de mais alguma discussão, em que tomaram parte os srs. *Correia*, *Jara*, *Quadros*, *Telles* e *Veiga*, a sociedade decidiu que este assumpto continuasse a ser discutido na sessão seguinte.

O sr. *Correia* desejou ser informado se a mesa tem acompanhado o negocio da representação da sociedade ao governo, sobre a reforma dos estudos pharmaceuticos.

O sr. *presidente* disse que não perdia este negocio de vista, e que brevemente dará conta do que ha a tal respeito.

Estando a hora adiantada o sr. *presidente*, dando para ordem do dia a continuação da que vinha para hoje, e mais propostas, pareceres de commissões e segundas leituras, fechou a sessão. Eram onze horas da noite. — *Joaquim Urbano da Veiga*, segundo secretario.

ACTA N.º 632 DA SESSÃO DE 30 DE MARÇO DE 1864

Presidencia do sr. *H. J. de Sousa Telles*

Pelas sete horas e meia da noite declarou o sr. *presidente* aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

Centro de Documentação Farmacêutica

CORRESPONDENCIA

1.º Dois officios da procuradoria regia da relação de Lisboa, pedindo á sociedade a permissão de no seu laboratorio se proceder a duas analyses toxycológicas. — Inteirada.

2.º Um outro officio da mesma procuradoria regia, em resposta a outro que o sr. *primeiro secretario* lhe tinha dirigido. — Inteirada.

3.º Um officio do sr. *Manuel Antonio Thomás Lino*, agradecendo o ter sido nomeado socio d'esta sociedade. — Inteirada.

4.º Um officio do nosso delegado do Porto o sr. *João José de Sousa Magalhães*, dizendo não ter recebido os jornaes per-

tencentés a dezembro de 1863, e pedindo alett d'isso recibos para receber as quotas do monte pio pharmaceutico. — Foi respondido devidamente.

5.º Outro officio do mesmo sr. delegado do Porto, enviando uma proposta para socio correspondente d'esta sociedade, e accusando a recepção dos jornaes, cuja falta acúsara no anterior officio. — Inteirada.

6.º Outro officio do sr. Ricardo Xavier da Silva, de Mossamedes, declarando como lhe deviam ser remettidos os jornaes, e a pessoa que auctorizou a pagar aqui as suas quotas. — Inteirada.

7.º Outro officio do sr. Antonio Fernando da Costa, do Rio de Janeiro, agradecendo o ter sido nomeado nosso socio benemerito. — Inteirada.

Leu-se a lista dos objectos doados, que foram recebidos com agrado.

O sr. *Correia* pediu a palavra para se informar se a quantia de 100\$000 réis offerecida pelo sr. Antonio Fernando da Costa ao monte pio pharmaceutico já foi convertida em inscrições.

O sr. *presidente* declarou que não estava habilitado para responder de prompto ao sr. *Correia*, mas que confiado no zêlo do sr. thesoureiro, acreditava que a dita quantia teria sido capitalisada.

O sr. *Norberto* disse que lhe constava que esse dinheiro já tinha sido capitalisado convenientemente.

Depois de mais alguma discussão decidiu-se que o segundo secretario officiasse ao sr. thesoureiro do monte pio, perguntando se esse dinheiro tinha sido capitalisado.

O sr. *Correia* fez lembrar as vantagens que resultariam de se publicarem no jornal as analyses que se fizessem no nosso laboratorio.

Depois de uma breve discussão, em que tomaram parte os srs. *Correia*, *Tedeschi*, *Jesus* e *Alves*, decidiu-se, sob proposta d'este ultimo, que se publicassem os extractos das analyses, satisfazendo assim os nossos socios ausentes, que só pelo jornal sabem o que se passa n'esta sociedade.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

Foi lida a proposta constante do officio do sr. João José de Sousa Magalhães, propondo para socio correspondente nacional o sr. José Custodio Monteiro, assistente no Peso da Regua, que foi approvada unanimemente.

O sr. *Quadros* participou que a commissão encarregada de inquirir do estado do monte pio pharmaceutico se tinha constituido, nomeando-o a elle presidente, o sr. Telles secretario e Veiga relator, e que contava em breve apresentar o resultado de seus trabalhos.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

DISCUSSÃO SOBRE A POSSIBILIDADE E CONVENIENCIA DO ESTABELECIMENTO DE UMA PHARMACIA CENTRAL

Depois de uma larga e viva discussão, em que tomaram parte os srs. Correia, Tedeschi, Jesus, Jara, Alves e Quadros, decidiu-se que na sessão seguinte se nomeasse uma commissão composta de cinco membros, para dar o seu parecer ácerca do modo de levar a effeito o estabelecimento de uma pharmacia central em Lisboa.

O sr. *Alves* desejou ser informado sobre o resultado do requerimento que no anno passado se dirigiu ao governo, ácerca da reforma dos estudos pharmaceuticos.

O sr. *presidente* declarou que estando ha pouco presidindo nos negocios da sociedade, não tinha ainda tido tempo de averiguar esse negocio.

O sr. *Correia* mostrou os maiores desejos de que a mesa não abandonasse tão momentoso assumpto.

Depois de mais alguma discussão, em que tomaram parte os srs. Telles, Jesus, Correia e Alves, julgou-se terminado este incidente.

Achando-se a hora adiantada, o sr. presidente, dando para ordem do dia da sessão seguinte a nomeação da commissão que deve dar o seu parecer sobre o estabelecimento da pharmacia central, e mais propostas, pareceres de commissões e

segundas leituras, fechou a sessão. Eram quasi onze horas da noite. — *Joaquim Urbano da Veiga*, segundo secretario.

VARIÉDADES

Pharmacopéa hespanhola. — Acha-se concluida e approvada pelo governo esta pharmacopéa, e é considerada codigo pharmaceutico de Hespanha, para o que foi nomeada uma commissão composta dos doutores em medicina e pharmacia, os srs. D. Diego Genaro Lletget, D. Luiz Martinez Leganez, D. José Camps e Camps, D. Vicente Amero, D. Manuel Ruiz e Pedraja, D. Thomás Santero e Moreno, D. Mathias Nieto e Serraino e D. Quintin Chiarlone, cuja commissão teve por presidente o ex.^{mo} marquez de San Gregorio, presidente da academia de medicina de Madrid.

Quando receberemos nós parabens por termos uma pharmacopéa como reclama o estado actual da sciencia?!

Monomanias. — É esta uma das muitas enfermidades humanas que apresenta mais extravagancias.

Areteo cita um enfermo que se julgava feito de barro e por isso não queria beber agua, receiando que esta o destruísse.

Sanches cita outro que, segundo Boerhaave, pretendia ser de vidro, e por isso estava sempre sentado para se não desunir com algum encontro.

Um distincto medico do seculo XII, Gaspar Barleo, imaginava que seu corpo era de manteiga, e fugia do contacto de todo o calor, com receio de derreter-se.

O bem conhecido abbade Molano, de Hanover, acreditava que se tinha transformado em um grão de cevada, e por isso tinha o maior receio e evitava com o maior cuidado que as gallinhas lhe entrassem em casa, e com receio d'ellas não saía á rua.

Tem mesmo havido maniacos que chegaram a acreditar que estavam mortos.

Um filho del gran Condé, de Hespanha, teimou em não querer comer por acreditar que tinha morrido. O dr. Fucot,

seu medico, não sabendo que partido tomar, lembrou-se apresentar-lhe pessoas que se julgavam já mortas, para comerem na sua presença e convence-lo por este meio de que os mortos tambem comiam. Este ardil produziu bello effeito, porque o príncipe facilmente o acreditou, mas d'ahi por diante nunca comia sem a companhia d'aquelles que tambem julgava defuntos, como elle.

Nas memorias secretas de Duclos vê-se que Philippe V, de Hespanha, era muito cuidadoso de sua saude, mas tinha momentos em que se julgava morto e perguntava enfadado porque o não enterravam.

Havia dias em que tomava por sua conta e risco uma caixa de theriaga de uma vez, e dizia mal dos seus medicos, porque sustentavam que elle não estava doente, quando a morte o ameaçava tanto de perto.

Febrifugo. — Os indigenas da Cochinchina, que não conhecem bem o sulphato de quinina, empregam para curar as intermittentes varios remedios, mas é especialmente a uma planta que attribuem virtudes febrifugas, o arbusto cultivado em seus jardins e chamado por elles *thuong-son*. As folhas e a raiz d'esta planta que, segundo Weber, se acha incluída na familia das acanthaceas, tem um sabor mui amargo. O sumo das folhas é emetico, e administram um pouco d'este succo fresco n'uma pequena quantidade de agua para produzir vomitos, depois dos quaes, e de administrado por espaço de dois ou tres dias, dasapparece a febre.

Sociedade das sciencias medicas de Lisboa. — Teve logar no dia 18 do corrente mez a sessão solemne anniversaria d'esta sociedade. O seu digno presidente o sr. dr. Matha Pacheco, occupando a cadeira, proferiu um excellente discurso, versando sobre questões de ensino e exercicio medico.

O acto esteve pouco concorrido.

Physostigmina ou principio activo da fava do Calabar. — Os chimicos allemães Jobst e Hesse, submettendo aos seus ensaios a fava do Calabar, acharam que o principio activo reside exclusivamente nos cotyledones. O modo como obtiveram esse

principio foi tomando o residuo da evaporação de uma solução alcoolica e dissolvendo-o em ether.

O nome d'este principio é derivado do nome botânico *physostigma venenosa*.

Os effeitos toxicos da physostigmina no interior são dos mais energicos.

Duas gotas da solução aquosa determinaram a contracção da pupilla, que só no fim de cinco a seis horas desaparece.

Necrologio.—Falleceu o sr. Ignacio José Franco, nosso consocio e pae do nosso collega e amigo o sr. Pedro Augusto Franco, pharmaceutico estabelecido na rua direita de Belem.

Acompanhámos o sr. Franco e a classe pharmaceutica em seus naturaes sentimentos pela perda de um bom pae e de um collega digno pelas suas recommendaveis qualidades e dedicação ao exercicio de sua profissão.

ANNUNCIO

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard, pelo pharmaceutico Manuel Vicente de Jesus.—Estas pilulas analysadas pela sociedade pharmaceutica lusitana, e ensaiadas nos hospitaes de Lisboa e na clinica particular, são identicas ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a recommendavel vantagem de serem menos consistentes.

Depositos parciaes.—Lisboa, pharmacia dos srs. A. F. A. de Azevedo & Filhos, Rocio, n.º 88. Na do sr. A. A. R. de Oliveira, rua dos Retrozeiros, n.º 40, Barral, rua Aurea, n.º 126, e na drogaria do sr. Serzedello & C.^a, largo do Corpo Santo.

Porto, pharmacia do hospital real de Santo Antonio, campo dos Martyres da Patria.

Abrantes, pharmacia do sr. M. V. de Jesus Senlor.

Rio de Janeiro, pharmacia do sr. Antonio Fernando da Costa, rua da Prainha, n.º 10.

Deposito geral—Pharmacia de M. V. de Jesus, largo do Rato, n.ºs 46 e 47.

TOXICOLOGIA

Encarregados pelo meritissimo sr. juiz de direito do terceiro districto criminal d'esta cidade de proceder á analyse chimica das visceras pertencentes ao cadaver de Pedro José Gonçalves Beirão, depois de havermos prestado o juramento da lei, procedemos do modo seguinte:

Pelo mesmo sr. juiz nos foi entregue um caixote de madeira de dois decimetros de altura e seis de comprimento, em cuja tampa se lia o seguinte: «S. N. e R.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conselheiro procurador regio de Lisboa—Do delegado da comarca de Idanha a Nova».

Aberto o caixote encontrámos, envolto em serradura, um frasco de vidro de tres decimetros de comprimento e quatro e meio de diametro, e cujo bocal se achava revestido de uma tampa de cartão branco, tendo pela parte inferior uma cobertura de pellica branca ligada ao bocal do frasco por meio de um cordel, e no qual se lia: «Sena Bello, Alves da Silva, Barreto, Dias da Cruz e Taborda». Sobre as voltas do cordel via-se a seguinte inscripção em lacre vermelho e em torno das armas reaes: «Juizo de direito da comarca de Idanha a Nova».

Extrahida a cobertura de pellica achou-se uma camada de gesso de presa sobre a rolha de vidro que tapava immediatamente o frasco.

Este frasco, de capacidade approximadamente de dois litros, tinha no interior as visceras, estomago, coração e figado immergidos em liquido alcoolico.

Encontrámos mais no dito caixote um pequeno embrulho, que constava de um vidro de capacidade de 125 grammas, approximadamente, envolto n'uma folha do jornal a *Revolução de setembro*.

O vidro em questão, e que é dos que costumam servir ao opodeldock, tinha o bocal revestido de pellica bem ligado com cordel, e sobre ella se observavam rubricas iguaes ás do frasco

antecedente; seguia-se uma camada de gesso de presa implantada sobre uma rolha de madeira que tapava o frasco, nas juntas do qual havia algum lacre vermelho. Este frasco continha 60 grammas, proximamente, de um liquido escuro.

Aberto o primeiro frasco tirámos uma porção de todas as visceras, deseccámos-las e carbonisámos tudo com acido sulphurico puro; o carvão resultante foi tratado pelo acido azotico com algum chlorhydrico; evaporámos o excesso de acido, tratámos o carvão pela agua distillada e filtrámos. O liquido filtrado foi submittido aos seguintes ensaios:

I Armado o apparelho de Marsh, cuja pureza foi primeiramente verificada, introduzimos uma porção do liquido filtrado, inflammámos o jacto do gaz, e approximando da chamma um pires de porcelana formaram-se immediatamente grandes manchas pardas com brilho espelento.

Estas manchas eram de arsenico:

1.º Porque desappareciam rapidamente á chamma da oxidação, manifestando cheiro alliaceo;

2.º Porque se dissolviam completamente no hypo-chlorito de soda;

3.º Porque eram igualmente soluveis no acido azotico a frio: esta solução evaporada e tratada pela agua distillada deu pelo azotato de prata ammoniacal um precipitado côr de tijolo.

II Sobre outra porção do liquido filtrado, depois de convenientemente acidulado pelo acido chlorhydrico, fizemos dirigir uma corrente da gaz sulphydrico, onde bem depressa teve lugar a formação de um precipitado amarello floconoso, de sulphureto de arsenico, perfeitamente soluvel no ammoniaco.

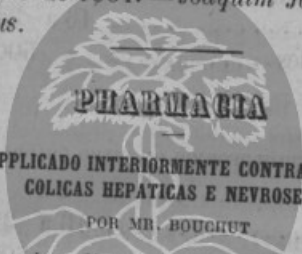
ANALYSE SOBRE O LIQUIDO DO VOMITO

O liquido escuro, contido no frasco de vidro pequeno, foi, depois de convenientemente carbonisado, sujeito a iguaes tratamentos aos das visceras, e não obtivemos manchas arsenicas no apparelho de Marsh, nem precipitado suspeito pelo sulphydrico.

Em vista dos ensaios obtidos, concluímos que nas visceras de Pedro José Gonçalves Beirão existe o arsenico em quantidade que nos permittiu fazer as citadas experiencias, tendo operado apenas em pequena porção de materia.

A circumstancia porém de não se encontrar arsenico na materia do vomito explica-se por ter sido o veneno já absorvido quando o vomito se colheu, passando assim aos orgãos que especialmente affecta.

Lisboa e laboratorio da sociedade pharmaceutica lusitana, em 23 de janeiro de 1864. — *Joaquim José Alves* — *Manuel Vicente de Jesus*.



O CHLOROFORMIO APPLICADO INTERIORMENTE CONTRA OS CALCULOS BILIARES COLICAS HEPATICAS E NEVROSES

POR MR. BOUCHUT

O alcool é o unico dissolvente do chloroformio, segundo o sr. Bouchut, por isso misturando-se em proporções convenientes obtem-se uma solução graduada soluvel em todas as proporções na agua. D'esta sorte pôde tomar-se pela bôca ou em clyster 2, 3 e 4 grammas de chloroformio em completa dissolução, pois não pôde isolar-se quando seja bem preparado.

Eis a formula:

Chloroformio	1 grammas
Alcool	8 grammas

Misture e agite, quando se ajunte ao vinho, á agua e ao xarope.

A lei é: 1 parte de chloroformio para 8 de alcool, e assim seguidamente; de sorte que 5 grammas de chloroformio são para 40 a 45 de alcool.

N'esta proporção, juntando-se a mistura com o xarope simples dá um xarope perfeitamente fixo.

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

O auctor tem conservado este xarope por muitos mezes sem que tenha soffrido a menor alteração.

Póde juntar-se ao vinho e, em pequena dôse, produz um vinho delicioso, ainda mesmo que elle seja inferior, dá-lhe um aroma (*bouquet*) muito agradável. Emfim póde-juntar-se com a agua, que produz uma limonada summamente agradável para beber.

XAROPE DE CHLOROFORMIO OU CHLOROFORMICO

Chloroformio.....	2 a	4 grammas
Alcool.....	16 a	32 »
Xarope simples.....	500	»

Misture.

VINHO DE CHLOROFORMIO OU VINHO CHLOROFORMICO

Chloroformio.....	2 a	4 grammas
Alcool.....	16 a	32 »
Vinho tinto ou branco.....	500	»

Misture.

AGUA DE CHLOROFORMIO OU CHLOROFORMICA

Chloroformio.....	2 grammas
Alcool.....	16 »
Agua commum.....	500 »

Esta ultima preparação constitue uma bebida assucarada, summamente agradável. Porém juntando-se agua á vontade, posto se torne mais fraca, para algumas pessoas torna-se mais agradável.

Portanto o que mr. Bouchut tem feito com o chloroformio póde fazer-se igualmente com o ether pela mesma formula do xarope, do vinho e do elixir de ether, tendo em verdadeira dissolução uma quantidade de ether tão consideravel, que ja-mais se tem conseguido dissolver nas preparações empregadas até hoje.

O sr. Bouchut dá o resumo dos estudos e das experiencias a que se tem entregue nas proposições seguintes:

1.º Póde dissolver-se o chloroformio e o ether em o alcool na proporção de 1 para 8, e n'este estado torna-se miscivel á agua, ao vinho e ao xarope em todas as proporções, de maneira a formar uma bebida aquosa, vinosa, ou um elixir muito agradável;

2.º As preparações de ether e de chloroformio feitas segundo esta formula são estaveis, e tanto que se têm conservado oito mezes sem a minima alteração;

3.º O vinho, a agua e o elixir de chloroformio e de ether jamais produzem anesthesia completa;

4.º O vinho, a agua e o ether chloroformico acalmam a excitação nervosa e momentaneamente a dor, lançando a final os doentes em uma especie de vertigem;

5.º O vinho, a agua e o xarope ou elixir de chloroformio são uteis em certas nevroses convulsivas, particularmente na choréa e na vertigem epileptica;

6.º As preparações soluveis de chloroformio e de ether obram com mais efficacia pelo recto em clysteres que quando elles são administrados pela boca;

7.º A solução alcoolica do chloroformio obra mais depressa sobre os calculos biliares e dissolve melhor a frio a cholesterina que a solução de ether na mesma dóse;

8.º A acção dissolvente do chloroformio sobre a cholestrina auctorisa o emprego d'esta substancia contra as colicas hepaticas;

9.º Emfim em um caso de calculos biliares com algumas crises de colicas hepaticas e coloração subicterica da pelle o xarope de chloroformio foi bastante para determinar a cura.

(*Bolletín de thérapeutique.*)

F. B. PIMENTEL.

(*Journ. de pharm. et de chim.*)

**BREVE NOTICIA DAS COBRAS VENENOSAS DA INDIA PORTUGUEZA
DOS CONTRAVENENOS DE SUAS MORDEDURAS
E DA ADMINISTRAÇÃO E PREPARAÇÃO DOS MESMOS**

Grande e variado é o numero de cobras venenosas que se encontra na India portugueza; temos a cobra de capello, alcatifa, manilha, coussuró, aquíó ou mandoló, orbello, rota-

mandoli (differentes especies), oliari, vibora pidchem ou furem (differentes especies), etc.

Muitos são também os contravenenos; se a natureza foi prodiga na distribuição de cobras venenosas n'este paiz, também foi previdente ministrando-lhe um bom numero de contravenenos; d'estes porém desconhece-se uma grande parte, e outra é apenas conhecida por uma ou outra familia em que o segredo passa de paes a filhos e d'estes a netos, guardando-o como um legado inalienavel: d'estas familias, as que são ricas prestam-se a curar de graça qualquer individuo que é mordido por alguma cobra, as que são pobres curam mediante uma pequena paga: se as auctoridades competentes tivessem tomado algum interesse pela descoberta de muitos d'estes contravenenos, talvez o tivessem já conseguido: não ha muito tempo que a assembléa de Virginia deu a liberdade e uma gratificação de 5:000 francos a um escravo que descobriu um remedio contra a mordedura da serpente, que se reduz a tomar interiormente a seiva do *marrubium vulgare*, ou de uma especie do genero *Lanteu*, que não se diz qual seja, e applicar sobre a ferida uma cataplasma d'estas plantas machucadas; sigam-se pois estes exemplos, pague-se bem a quem possuir esses segredos, que não duvidará entrega-los ao dominio do publico; estabeleça-se mesmo um premio vantajoso e annuncie-se no boletim official do governo que será dado a quem apresentar o melhor contraveneno para a mordedura das cobras, depois de verificada a efficacia d'elle.

É este um paiz em que annualmente morre um grande numero de pessoas de mordeduras de cobras venenosas, como se vê pelos jornaes politicos, que constantemente nos estão annunciando casos d'esses, e todavia nada se tem estudado ou escripto (que nos conste) sobre tão importante objecto; temos indagado por toda a parte se ha alguns escriptos a este respeito, e nada temos podido colher; apenas algumas pessoas nos têm dito que lhes consta haver alguns manuscritos dos jesuitas, que não só tratam dos contravenenos das cobras, mas também das virtudes de algumas plantas do paiz. Pro-

cura-se-lhes onde existem esses manuscriptos? É pergunta a que ninguém sabe responder; foi isto que nos levou a espalhar aqui algumas idéas para servirem de base ao estudo dos contravenenos das cobras da India, e de estímulo ás pessoas competentes, para ver se assim se animam a vir á imprensa tratar tão importante objecto, com especialidade os medicos do paiz que vivem nas provincias, onde se lhes offerecerão mais occasiões de empregarem as plantas já conhecidas como contravenenos, e de observarem a maneira como obram e os efeitos que produzem; desejaríamos tambem que o digno redactor da *Revista medico-militar da India portugueza* lhe dedicasse algumas linhas no seu jornal, por ser mais competente do que nós para tratar esta materia, já como facultativo, fã como filho d'este paiz e já porque mais facil lhe será obter informações dos seus patricios; e tendo dez ou doze annos de clinica, tanto melhor: como particular é provavel se lhe tenham offerecido muitas occasiões de ensaiar algumas plantas e de tratar muitas pessoas mordidas de cobras.

As informações que temos podido obter são as seguintes:

CONTRA VENENOS

Os mais conhecidos e empregados são o *meniqui* (ou *menqui*) e o *amonteval* (ou raiz das vinte e uma cobras), e alem d'estes empregam-se muitos outros, taes são o *cardo santo*, *pedra preta* ou das cobras, *panrel* ou marfim do mato, *arqui*, *tumilho*, *gungi*, *miolos de camarão*, *castanha de cajú*, *casca de herondd* e *quindólo*; estes são os de que temos noticia: apenas possuímos dois, o *meniqui* ou *menqui* e um outro que supponho ser o *amonteval*, que nos foi mandado com o nome de *pau da cobra*; procurámos a diferentes pessoas o nome por que era conhecido no paiz, nada mais nos disseram: é *pau de cobra*; apresentavamos a estas mesmas pessoas o *meniqui*, diziam-nos: é *pau de cobra*; procurámos mesmo a medicos do paiz, que vivem nas provincias, responderam-nos tambem: é *pau de cobra*; muito poucos nos souberam dizer o nome por que no paiz era conhecido um d'elles, o *meniqui*;

por aqui se vê a dificuldade de obter e dar informações exactas: apresentam-se raizes e caules de differentes arvores e arbustos, estes de caracteres inteiramente oppostos, recorre-se ás pessoas mais competentes do paiz, reconhecem-nos como contravenenos, procura-se-lhes o nome por que cada um é conhecido, e chamam a todos *raiz de cobra*, *pau de cobra*, e não é possível obter mais esclarecimentos: os gentios, que fornecem muitos d'estes arbustos, mandam apenas o caule e os ramos privados de folhas, flores e fructo, emfim de tudo que possa tornar a arvore ou arbusto conhecido.

Trataremos em separado de cada um dos contravenenos e da noticia que d'elles temos: se escrevermos alguma inexatidão, em vez de a censurarem, pedimos a esclareçam, porque todos utilizaremos com isso.



MENIQUI

O meniqui, a que outros dão o nome de menqui ou maniki, é um arbusto de que apenas possuímos alguns pedaços do caule e dos ramos que o ill.^{mo} sr. José Antonio de Oliveira mandou para a botica do hospital militar, de que vamos preparar um extracto e um alcooleo de que daremos noticia no jornal immediato, e logoque tenhamos occasião queremos ver se conseguimos o arbusto com as folhas e flores ou com o fructo, para remetter para Lisboa, pois estamos convencidos de que ali haverá alguém que de bom grado dedique algumas horas de estudo a este arbusto, que pôde ainda representar um papel importante na therapeutica, por ser, segundo nos dizem, não só um poderoso antidoto da mordedura da cobra de capello, uma das mais venenosas da India, mas ainda por ser applicado com vantagem nas mordeduras de animaes damnados; a ser assim, que grande serviço nos pôde prestar, pois, segundo cremos, ainda se não conhece nenhum medicamento que se possa dizer infallivel na hydrophobia!

Diz-se haver antidotos especiaes para cada uma cobra, e este ser o da cobra de capello; todavia a experiencia tem mostrado ser util nas mordeduras de ou'ras cobras.